LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

IX

LUCENA

I

PADRE

JOÃO DE LUCENA

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS
UM JUIZO CRITICO
APRECIAÇÕES DE BELLEZAS E DEFEITOS
E ESTUDOS DE LINGUA

PELO SR. CONSELHEIRO DE ESTADO
JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

E DE OUTRA MEMORIA SUPPLEMENTAR SOBRE OS
MESMOS ASSUMPTOS

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

TOMO PRIMEIRO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS. — A. DURAND E PEDONE LAURIEL, RUA CUJAS, 9

INDICE

FIM DO INDICE.

Paris. — Imp. de Pillet fils aîné, rue des Grands-Augustins, 5.

PADRE

JOAO DE LUCENA

FALLA DE S. IGNACIO DE LOYOLA A S. FRANCISCO XAVIER

(I, 7.)

De maneira, irmão mestre Francisco, que a missão da India por eleição do mesmo Deos é vossa. Eu a Bobadilha escolhia, mas Deos por vos mandar a vós, a elle detem, e ao embaixador apressa, e os mais companheiros estão, como sabeis, fóra de Roma em serviço da Santa Sé Apostolica. Emfim só a vós, que eu tinha comigo com bem differente tenção, me obriga agora a apartar de mim, e mandar ás mais remotas regiões o senhor, que para levardes a ellas seu santissimo Evangelho, d'entre todos nós vos escolheu, e apartou. Seguí-o com a lealdade que deveis a tão alta mercê. Aqui mostrai o fervor que sempre em vós descobrímos. Respondão o valor e espiritos á grandeza de

vosso coração, á importancia da empreza, ás esperanças que de si vos dão os céos. Não digo mais porque fallo comvosco. Conheço a vossa obediencia tão costumada a correr, não só aos preceitos, mas á menor significação da vontade do superior: sei que bastava dizer, e isto só vos digo: Ide após Deos, que vos chama á India.

GOA

(II, 1.)

São pela maior parte as terras maritimas do reino Decão, Canará e Malabar retalhadas com tantos esteiros e entradas do mar, e regadas com tantos rios que descem das serras, a que os naturaes chamão Gate, que além de parecerem todas alagadiças, têm a modo de liziras muitas ilhas junto á costa, e só desapegadas d'ella pelos braços dos mesmos rios e esteiros, que as rodeião. Entre as quaes a mais illustre é Gôa, quasi nos confins de Decão e Canará, de tres leguas de comprimento, uma de largura, sete e meia em roda, com duas barras feitas por dous esteiros, de que é torneada. A terra em si graciosa, variada com valles e cabeços, de bons ares e aguas, fertil de todas as cousas que n'ella se plantão e semeião, e tão povoada, que se chama por outro nome Tiçuari, que quer dizer Trinta lugares, porque tantos tinha, e todos obrigados a pa-

gar direitos aos senhores da cidade de Gôa, que aqui está situada; e por ser cabeça de toda a ilha, tem o nome de toda ella; mui antiga na opinião dos naturaes, e na de alguns dos nossos habitada n'outro tempo de christãos.

. . . .

O certo é, que depois que os Mouros, lançados das terras de Onor e Baticala, vierão povoar este Tiçuari, e desviárão o trato das mercadorias, e em especial dos cavallos da Persia, d'aquelles portos para os de Gôa, a cidade foi crescendo de maneira, que em tempo do Sabayo, a quem a ganhou Affonso de Albuquerque, era entre todas as da India grossa por rendimento, rica por commercio, illustre pór armas, sumptuosa por edificios. A qual por estas razões, e principalmente por ella ser quasi o meio, e chave da costa que corre da foz do Indo até o cabo Comori, e a mais accommodada em sitio para nossas armadas conquistarem, ou enfrearem o maritimo de Cambaya, Decão, Canará, e todo o Malabar, o mesmo capitão com singular prudencia a escolheu por cabeça do imperio portuguez, assento e côrte dos vice-reis da India; onde tambem, seguindo o estylo da Igreja catholica, a qual de seu nascimento plantou sempre as sédes patriarcaes e metropolitanas nas cidades que no estado secular tinhão a mesma preminencia, d'alli a poucos annos começou a cadeira primeiro episcopal, e depois archiepiscopal primaz, e metropole do Oriente.

ESTADO DOS COSTUMES EM GOA QUANDO CHEGOU S. FRANCISCO

(II, 2.)

No cartorio do nosso collegio de Jesus da cidade de Coimbra está o original de uma informação mandada a el-rei D. João III, de gloriosa memoria, e feita por uma pessoa de autoridade, e ao que mostra de bom zelo e juizo, sobre as grandes desordens e corrupção de costumes que áquelle tempo havia nos homens da India, assim na cidade de Gôa, como por toda ella; da qual bastavão bem poucas regras, se as eu aqui puzera, para exemplo do que se escreve das forças da cubiça e ambição, e largueza da carne. Porque a tudo quanto lemos de outras republicas e Estados ao principio bem governados por justiça, dilatados por armas, conservados com prudencia, e depois ou de todo perdidos, ou em grande perigo de se perderem, por se deixarem entrar d'aquellas tres paixões; a tudo isso, segundo parece d'aquelle papel, tinhão ellas chegado nas partes da India os nossos Portuguezes.

Quebrantão as delicias e vicios sensuaes o valor, abatem o esforço, escurecem a razão, negão o respeito á honra e nobreza; não o tem o interesse, nem ás leis, nem ao primor, nem á verdade, e primeiro que tudo o perde ao mesmo Deos; é a ambição falsa,

desleal, cheia de invejas, vingativa, atraiçoada. Pois qual d'estas boas qualidades faltaria, onde tudo se vendia por dinheiro? onde se castigavão desafios com mercês? onde matar homens por ter que gastar era vantagem?

Vivia o senhor com suas escravas, cinco e seis, das portas a dentro, como se com cada uma se recebêra, nem isso se estranhava em Gôa, mais que em Marrocos. A outras obrigavão sob pena de tormentos a lhe responder cada dia com tanto de ganho, que não o podendo ellas ajuntar por seu trabalho, trazião vendida a propria castidade pelo haver, sabendo-o e consentindo-o os senhores. Nos tratos, e contractos, o de mais proveito era o mais licito.

As culpas provadas em juizo servião (diz) sómente de pesos de pesar dinheiro, ou, conforme ao termo da Sagrada Escriptura, de pão, e sustentação dos juizes. Nem do remedio de tão grandes males havia algum cuidado, ou lembrança.

Quantos, nem depois de muitos annos, se chegavão aos sacramentos da confissão, e santissima communhão? Ia fazêl-o fóra da quaresma, não podia ser mór hypocrisia. Estando a fé tão morta n'aquelles em quem devia resplandecer por obras, para ser conhecida e abraçada dos infieis, que conversões se podião d'elles esperar?

LINGUAGEM DE S. FRANCISCO COM A GENTE DA TERRA

(II, 3.)

Na declaração das cousas assim se accommodava á capacidade dos ouvintes, que chegava a fallar o portuguez com a gente da terra trocado, e meio negro como o elles fallão, porque melhor o entendessem; cousa que nem escripta, nem por ventura imitada a todos parecerá, nem estará tão bem; mas á fervente e conhecida caridade, nada lhe está mal; e ainda que põe a autoridade á parte, nunca a perde, como a não perdêra S. Jeronymo se de setenta annos, quando alumiava a Igreja, e ensinava o mundo, trouxera nos braços a menina Paula, e cortando, e mal pronunciando as palavras, a ensinára a fallar, como promettia a Leta, sua mãi. Facilmente será, e fôra em qualquer outro aquella sorte de pronunciação festa e riso ao auditorio; mas na boca do padre Francisco era linguagem do céo, que edificava, compungia, espantava, parecendo aos ouvintes, que vião e ouvião ao apostolo fazer-se Grego com os Gregos, Hebrêo com os Hebrêos, tudo com todos.

COSTA DA PESCARIA

(II, 8.)

É aquella costa no curso dos temporaes mui differente de todas as outras da India; porque vindo descendo pela banda de Travancor para a ponta do cabo até os sete gráos e dous terços do Forte em que elle está, logo em voltando em tão pouca distancia, como a de um tiro de pedra, se torna a subir pela costa da Pescaria, ficando ambas estas duas costas não sómente no mesmo clima, mas quão vizinhas e continuadas póde ser uma com a outra. Comtudo n'esta tão pouca distancia é tanta a diversidade dos ventos, que acontece muitas vezes trazer um navio um vento geral na vela da poppa, com que começa a dobrar o cabo, quando já lhe dá na da prôa o embate do vento contrario, que ao mesmo tempo é tambem geral da outra banda da terra; e assim o verão da costa de Travancor é o inverno da da Pescaria. E pelo contrario, quando até sahir da outra tudo são tormentas de chuveiros e ventos contrarios, logo em passando o cabo, e entrando n'esta, como se fosse outro mundo, assim é grande a serenidade, e calmarias, e as calmas, que são as maiores que ha em toda a India. Porque o sol não parece que aquenta, mas que acende e abrasa a areia d'aquellas praias; as quaes como se houverão só de

servir da pescaria das perolas, e lhe bastára para serem habitadas o preço do aljofre, assim as fez a natureza esteriles de tudo o mais.

IDÉAS RELIGIOSAS DO GENTIO DA INDIA

(II, 11.)

Das cousas do céo e eternas ha entre elles mui pouca, ou nenhuma noticia; nas temporaes e da terra são espertos, e tão entendidos, que não dão vantagem nas subtilezas dos tratos e contractos aos mercadores de Europa. Estimão só esta vida, e os pontos em que poem a honra, que como anda com a vaidade e inconstancia da opinião dos homens, são lá mui differentes dos de cá; viciosos tanto em cabo, e tão desobrigados á fé e verdade humana, que parece perdeu com elles a propria consciencia ou o officio de remorder, ou de todo a autoridade e força de convencer e persuadir; sendo na mecanica das artes extremados; das sciencias têm sómente alguma medicina; e da astrologia, o que basta para tirarem os eclipses do sol e da lua tanto de antemão, e a ponto como nós. Escrevem com pennas de ferro, e servem-lhes de papel (como de mil outras cousas) as folhas das suas palmeiras, de que fazem grandes livros das historias dos tempos, e de outras muitas materias, assim em prosa, como em rima, da qual, e de toda a sorte de poesia, são por

extremo curiosos, e tão enlevados, que para o demonio por seus ministros lhes fazer crer as mais fabulosas patranhas contrarias a suas proprias leis, e razão natural, basta pôrem-lh'as, e cantarem-lh'as em verso; que posto que no numero das syllabas seja mui differente do nosso, e do latino (porque em cada um ha de haver setenta e duas) não deixa de ter sua graça e magestade. N'estes versos está escripta em uma lingua particular chamada Gerodão a sua philosophia e theologia, que os Bramenes estudão, e lêm em universidades por toda a India.

Consta esta doutrina de quatro partes, cada uma das quaes se divide primeiramente em seis, a que chamão corpos, e depois em dezoito com nome de membros, e finalmente em vinte oito intituladas articulos.

E trata-se na primeira das quatro partes da causa e principio do universo, da primeira materia, dos Anjos, das almas, do premio do bem, do castigo do mal, dos elementos, da geração e corrupção das creaturas, que cousa seja peccado, como se deva remir, e quem póde d'elle absolver.

São o argumento da segunda os Espiritos, que elles intitulão Regentes dos céos e dos elementos, e a que dão o governo de todas as cousas creadas.

A terceira parte toda é moral, de bons preceitos e conselhos, assim para a vida politica, como para a contemplativa, de que fazem particular profissão.

A quarta contém as ceremonias dos pagodes, os sacrificios, as festas, e á volta d'isso muitas feitiçarias, encantamentos, e grande parte da arte magica.

Na distincção das gerações e familias fazem vantagem a toda a outra gente do mundo. É nada em sua comparação quanto n'esta parte houve entre as casas e tribus do povo de Israel. Porque em muitas familias do Indostão nem sómente não podem casar as pessoas de uma com as da outra, mas nem comer á mesma mesa, nem entrar na mesma casa, nem estar, nem passar juntamente pela mesma rua. Assim tem repartido os officios de serviço da republica, fazendo os de menos sorte os mecanicos, com tal ordem porém, que cada familia usa o seu, sem poder jámais entrar no da outra. Os nobres ou são Naires, que seguem sómente a guerra, ou Bramenes, a quem pertence o falso culto dos pagodes, e meneio de suas superstições. Estes fazem a todos os outros grandes vantagens, porque além do falso sacerdocio, têm o poder e autoridade real, que anda na sua familia já de muitos annos; com cujo favor ella é a mais respeitada e dilatada na India, e em outros muitos reinos orientaes.

Professão geralmente grande abstinencia, porque de mais de muitos jejuns que têm, nenhum, posto que seja rei, póde por nenhum caso beber vinho, nem comer alguma sorte de carne, ou pescado, nem cousa emfim que tivesse vida. Mas ainda entre elles ha muita diversidade. Uns vivem com suas mulheres e filhos, nas villas e cidades, tratando a mercancia, como toda a outra gente. Outros, a que chamão Jogues, e os Gregos antigamente chamárão Gymnosophistas, vendem-se por homens castos, não se obrigando nunca ao matrimonio; dos quaes muitos tomão por vida pere-

grinar por todo o Oriente prégando á gente cega os sonhos de sua superstição, que acreditão, e persuadem com a grande aspereza com que se tratão assim no vestir, como no comer. Alguns entrando pelos desertos, e meios enterrados nas lapas e covas das féras, passão com incrivel soffrimento quanto se póde imaginar de dureza e trabalho, em fomes, sêdes, frios, calmas, nudeza, continuas vigias, fugindo, como se lhe tiverão odio, a tudo o que póde ser de gosto e alento á natureza. Mas feito o noviciado e curso d'este tempo, e elles agraduados á ordem, que entre si têm com nome de Abdutos, e pela qual dissimulárão com tão forte vida, ficão em premio da falsa penitencia, e por gloria da mais falsa religião, com publica licença para se engolfarem em toda a sorte de vicios, por abominaveis que sejão, sem alguem se poder, nem escandalisar, quando os vê, nem aggravar, quando lhe toca; havendo que até das leis da razão e da vergonha os fez não sómente isentos, mas senhores aquelle seu deserto, e supersticiosa aspereza.

DE OUTROS ENGANOS DA SUPERSTIÇÃO E THEOLOGIA DOS BRAMENES

(II, 12.)

Mas nunca Deos, que é bom Senhor, deixa ir o demonio tanto avante n'estes enganos, que não fique

aos homens bastante luz e obrigação para darem d'elles fé, e lh'a negarem. Porque não havendo em toda a lei de Christo nosso Redemptor, nem no que por ella se nos revelou de Deos, cousa que encontre a razão; nem alguma em tudo o que nos manda e aconselha, que faça pejo á modestia, antes sendo a mesma na verdade e santidade, igualmente merecedora de converter a si as almas pelo resplandor da doutrina, pela nobreza do sacrificio, pela policia do culto, pela pureza dos costumes, pela justiça e justificação dos preceitos, pela magestade do premio, ao contrario em todas as seitas dos infieis á volta d'aquellas apparencias de algum bem e verdade, são tantas as fabulas, e tão faceis de convencer á razão humana, tantas as torpezas abominaveis á mesma natureza depravada, que nem dar-lhes credito póde ter escusa, e seguil-as sempre é grave culpa.

Isto é o que se vê claramente na theologia e superstição dos Bramenes do Oriente : os quaes após aquella trindade, ou quaternidade de Parabramá e seus filhos, nenhum termo tem na multidão de idolos que adorão, uns de homens antigos, indignos da vida, pelo que elles contão em suas fabulas, quanto mais das honras da divindade; outros de varias sortes de brutos animaes, a que alevantão altares, e edificão templos tão sumptuosos e grandes, que vencem a quanto n'esta materia fez, por se fazer immortal, a grandeza e soberba romana. De um sabemos dedicado ao bugio, onde a crasta, que serve sómente de recolher o gado que se ha de sacrificar, tem setecentas columnas de mar-

more lavrado, maiores e muito mais grossas, que quantas se vêm hoje em Hespanha, porque na roda e comprimento são iguaes das que Agrippa em Roma pôz no seu Pantheon, a que agora chamão a Rotonda. Logo porém se deixa ver que Senhor mora e é servido n'aquellas grandes casas. Porque além de todas por dentro serem malenconicas, escuras, mal assombradas, as estatuas e figuras dos idolos são tão disformes, feias e medonhas, e cheirão tão pestilencialmente pelos oleos com que as envernizão, como se os proprios idolatras n'ellas pretendêrão representar os mesmos demonios, que na verdade representão. Conforme a esta grande cegueira, em que estão no ponto da verdadeira divindade, assim são muitos e grossos os erros que têm em todas as outras materias. Fazem tambem tres estados de espiritos, uns limpissimos, que sempre acompanhão e assistem a Deos; outros impuros, que lhe servem de ministros de sua justiça, e carcereiros dos infernos; e os terceiros dizem ser as almas humanas, que reconhecem por immortaes. Mas a todos os fingem eternos, e increados, como o supremo Deos, e sem dependencia alguma de seu divino poder e vontade. Que parece pretendeu sahir, e sahio o demonio na terra entre aquella gente barbara, com a opinião de soberano, e isento da jurisdicção do Creador, que sua antiga soberba lhe fez pretender no céo entre os Anjos.

Quanto ás almas, quasi por todo o Oriente é commum o sonho pythagorico da traspassação d'ellas, ou transmigração, como lhe chamão os Latinos, a varios cor-

pos de brutos animaes. Tanto, que um dos fundamentos por que os Bramenes têm tanto respeito ás vaccas, é por haverem, que no corpo d'esta alimaria fica uma alma melhor agasalhada que em nenhum outro, depois que sahe do humano. E assim poem sua maior bemaventurança em os tomar a morte com as mãos nas ancas de uma vacca, esperando se recolha logo a alma n'ella.

Acerca do inferno, em que os máos são castigados, e paraiso, em que os bons têm galardão, tudo são patranhas indignas de se relatarem. Nem é muito que errem no fim, pois andão tão errados nos meios, que negão totalmente a liberdade humana, em que está o fundamento do mal e bem obrar, dizendo a quanto lhes succede, que não podia ser menos, por tudo sahir forçadamente conforme ao nascimento e destino de cada um. Comtudo tratão da satisfação e perdão dos peccados, pelo que o demonio, e os mesmos Bramenes interessão nos meios que para isso inventárão. Dos quaes o primeiro são as romagens e ricas offertas que fazem aos pagodes principaes, de que ha muitos por todo o Indostão. O segundo as esmolas continuas, e mui grossas, não sómente para a fabrica de seus templos, e sustentação dos Bramenes, mas para as obras publicas, como abrir poços, e fazer tanques d'agua, concertar caminhos, fazer albergarias para os passageiros. Mas o em que mais se esmerão n'esta parte da misericordia e caridade, é em edificar e sustentar hospitaes para passaros enfermos e aleijados, de que têm bom numero, principalmente em Cambaya.

Poucos annos ha, que na cidade de Chaul falleceu um Bramene rico, ao qual fez o testamento um tabellião portuguez, por nome Gaspar Rosado, e n'elle, por ser o Gentio criado entre os Portuguezes, deixava a cada uma das confrarias das igrejas da mesma cidade trinta pardáos de esmola; mas ao hospital dos passaros de Cambaya quatro mil pardáos. Nem o legado era muito sobejo para as grandes despezas d'aquella casa, porque além da machina de enfermeiros, e fabrica das enfermarias, e corredores mui compridos com cellas de uma banda e da outra, que não são aos nossos menos dignas de espanto que de riso, ha muitos homens salariados das rendas do mesmo hospital, que têm por officio e obrigação andar pelas villas e cidades, e correr o campo em busca das aves e passaros doentes, ou aleijados, para serem ahi curados e sustentados. Outros andão continuamente visitando as praças, onde os Mouros caçadores lhes vão vender os passaros, que elles não deixão de comprar por nenhum preço, sómente para que lançando-os logo a voar, os tornem a pôr em sua liberdade. Da mesma maneira têm curraes deputados para o gasalhado e cura de toda a sorte de alimarias, que por doentes ou velhas seus donos deitão á margem. E logo, porque se conheça bem o autor d'esta sua misericordia, se encontrarem um homem morrendo ao desamparo, ou o virem lançado por terra pisar dos que passão, nem o ajudaráõ a alevantar, nem porão sómente os olhos n'elle. Não lhes fica passaro, que não resgatem, e deixaráõ morrer ao proprio pai em duro captiveiro. De sorte que pois

nenhuma compaixão ou humanidade têm para com os homens, só se póde chamar bestialidade a de que usão com os brutos.

Deixo a torpeza de seus sacrificios, com que tambem dizem se perdôão os peccados. O que os reis fazem na lua nova do mez de Outubro, quando celebrão a memoria das victorias, que fingem houverão na terra os idolos, é boa prova de sua diabolica crueldade, e odio que têm aos homens. São os principes obrigados a mandar aquella noite pôr o fogo a algumas casas de seus vassallos, a eleição das quaes pertence aos Bramenes, que o têm por grande precalço, para assim se vingarem dos imigos mais a seu salvo, e com pretexto de religião. Dá-se o assalto mui secretamente; tomão aos tristes quando menos o cuidão, atêa-se por todas as partes o fogo, ardem sem remedio as pessoas e a fazenda, como anathema, até não ficar mais que o pó, e a isto chamão santo sacrificio de sangue e de fogo. Não são menos bestiaes as penitencias, que é o derradeiro modo de satisfação das culpas. Porque a esta conta se atravessão muitos nos caminhos por onde vão passando os carros dos idolos nos dias de suas festas, levados com trabalho por mais de quinhentos homens, de cujo immenso peso ficão os mesquinhos despedaçados; mas havidos do povo por tão santos e ditosos, que pelejão sobre quem lhes ha de recolher e levar as reliquias. Muitos se cingem, e apertão tão fortemente com cilicios de ferro, que andão quasi cortados pelo meio; outros se pendurão de polés por uns ganchos de aço mui agudos, que mettem pelas costas

nuas, e estão no ar cantando com alegria versos aos idolos.

Mas assim em todas estas superstições, como no que toca aos preceitos e conselhos da doutrina moral dos Bramenes, o que merece mais consideração é quão semelhante a si mesmo foi sempre o demonio em procurar os enganos e perdição dos homens. S. Agostinho refere, que ensinando publicamente os malignos espiritos aos Gregos e Romanos as abominações de seus jogos e sacrificios, e obrigando-os a lh'as fazerem nas praças, comtudo lá em segredo, e sómente aquelles que tinhão mais a seu serviço, descobrião algumas regras e preceitos de vida justa e honesta.

« Davão (diz) os theatros ao que era affronta da natureza, e enterrava-se o que era digno de louvor; escondia-se a virtude formosa, publicava-se o vicio feio; o mal, para ser visto, ajuntava com trombetas o povo todo, o bem apenas tinha quem o ouvisse; como se a este se devesse o pejo, e áquelle a gloria. Mas onde se guardão taes estylos senão nos templos do demonio? Onde senão nas estalagens da mentira? »

O que até aqui disse S. Agostinho, achou o padre-mestre Francisco tantos annos depois entre os Bramenes andando na costa da Pescaria, como se verá melhor d'estas palavras d'aquella sua carta de 1544, que já outras vezes allegámos :

« Procurei de me ver com um Bramene, que andava n'esta costa, por me dizerem que estudára n'uma sua universidade muito afamada; encontrámo-nos, e pretendendo eu saber d'elle suas cousas, disse-me que

a primeira, que fazem os doutores e mestres d'aquella sua universidade, é tomar juramento aos discipulos, que não dirão nunca certos segredos, que lhes alli ensinão. Todavia pela amizade que já tinhamos ambos, elle m'os descobrio a mim, e erão que nunca dissessem que havia ahi um só Deos creador do céo e da terra, o qual estava em os céos, e que a elle só havião de adorar, e não aos idolos, porque são demonios. Disse-me mais entre os mesmos segredos os dez mandamentos de Deos, que elles têm n'uma lingua particular, como é entre nós a latina; digo, que me referio mui bem os mandamentos, cada um d'elles com uma boa declaração. Guardão os domingos, em os quaes (cousa para se não poder crer) repetem muitas vezes esta só oração, e nenhuma outra : Oncerij Narayua Noma; que quer dizer : Adoro-te Deos, com tua graça e ajuda para sempre. A qual recitão em voz baixa por não irem contra o juramento. »

DE UMA PRATICA QUE O PADRE-MESTRE FRANCISCO TEVE COM OUTROS BRAMENES

(II, 13.)

Sendo os Bramenes por toda a India os que dissemos, a pobreza da costa do aljofre os fazia mais engenhosos na malicia, para que com seus enganos grangeassem a vida á custa dos Paravás, usando entre

outros muitos, até do que conta a sagrada escriptura dos sacerdotes de Bel em Babylonia; senão, que aquelles calada e secretamente comião de noite o que se offerecia de dia ao idolo, entrando no templo por portas falsas, que para isso tinhão; e os Bramenes da Pescaria todos os dias duas vezes tangendo atabales, e outros instrumentos, tinhão banquetes com suas mulheres e filhos das offertas da pobre gente, fazendo-lhe crer que banqueteavão aos idolos; os quaes, como comião, assim vivião, e agradecião muito o que para isso lhes apresentavão em os templos; anojando-se por outra parte contra os que lhe faltavão, ou tardavão n'este serviço, e castigando-os asperamente com mortes, enfermidades, esterilidades, e perdas particulares e geraes. Descobria, e mostrava claramente o padre Francisco ao povo estes enganos, como Daniel mostrou ao rei de Babylonia aquelles antigos; convertia-se á vista d'elles muita gentilidade, sentião-o os Bramenes como a mesma morte, e não lhe permittindo o Senhor que a dessem ao padre, procuravão grangeal-o com mostras de amizade, e fazêl-o calar com peitas, e presentes que lhe mandavão; nem era para a sua tenção má a industria, se achárão no padre a sua cubiça; que esta faz do ouro armas, e prisões mais duras que as do ferro; abre os caminhos e portas primeiro dos peitos que das casas, tudo põe aos lanços; antes, assim segura tudo, que como se o mesmo fôra dar e negociar, já quando os embaixadores de Balac partírão com a peita, levavão (diz alli a verdade hebréa) nas mãos o despacho que pretendião, só por levarem o

preço d'elle, e se lhe não succedeu, foi porque a palavra de Deos nada a póde atar, nem deter, que por parte da cubiça de Balão tudo estava feito. Mas as peitas quanto acabão e ganhão com a pobreza forçada, tanto perdem com a voluntaria; que mal se deve dobrar ao que lhe offerecem, quem com tanto gosto largou o que possuia. Aceitava o padre-mestre Francisco a amizade dos Bramenes, por vêr se os podia trazer á divina, e pôr em odio com o demonio. Os dons e presentes lhe engeitou sempre com aquillo de S. Paulo n'alma, e na boca : *A vós, e não ao vosso buscamos.* Aconteceu que, visitando o padre os lugares dos christãos, veio ter a um grandé templo de gentios, em cujo serviço havia mais de duzentos Bramenes, os quaes sabendo de sua chegada, feitos n'um corpo, vierão-se para elle ; assentárão-se, e tratou-se largamente de suas superstições e de nossa santa lei. Perguntou-lhes entre outras cousas o padre Francisco, que lhes mandavão fazer os idolos, para merecerem, e alcançarem o seu paraiso? houve grandes comprimentos sobre quem responderia, cahio porém a sorte, por autoridade de mais ancião, á um, que passava de oitenta annos; o qual, se era velho na idade, era envelhecido na malicia. Respondeu muito sobre si : « Mais razão será, que nos digais vós primeiro, que é o a que vos obriga vosso Deos, para vos levar á sua gloria » ; fingindo, que dava por cortezia a mão ao hospede, e pretendendo tomar a sua resposta da do padre. Mas as manhas sómente o são com quem as não entende.

Está o padre Francisco ao cabo de tudo, e quão liberal era outras vezes em prégar a vozes, ainda aos que o não querião ouvir, a lei de Deos, tanto se fecha agora, dizendo que nem uma só palavra dirá, até lhe não responderem á sua pergunta. O velho então vendo que o ião entendendo, e querendo mais descobrir a ignorancia que o medo : « Duas cousas (diz) mandão fazer os Deoses, para ir ao lugar de prazer, onde elles estão; uma é, não matar as vaccas, antes adoral-as; outra fazer esmolas, e boas obras, especialmente aos Bramenes, porquanto servem nos seus templos e pagodes. » Dos quaes dous preceitos, este derradeiro já vemos que se fundava na cubiça, e não estava mui longe d'elle a addição que os Pharisêos puzerão ao das offertas do templo de Deos, em prejuizo da piedade que os filhos devem aos pais, como lhes lançava o Senhor em rosto no Evangelho. O que toca ao respeito e adoração das vaccas, nasceu, nos parece, de mais do que dissemos acima, de outro engano do demonio semelhante aos de que usou na antiga idolatria de Europa. Porque como então fazia crer ao povo da Grecia aquellas transformações torpes e feias do mesmo Jupiter, o maior dos Deoses, já em touro, já em cisne, já em aguia, e outros varios animaes, de que estão cheios os livros dos poetas, assim fingio na India, e persuadio ao cego gentio mil outras metamorphoses dos tres Deoses, filhos do seu Parabiama, em toda a sorte de brutos, e ainda de féras, e mui principalmente em vaccas. Ganhando com isso duas cousas, a primeira tirar do mundo até o pejo natural dos vicios, acreditando-os

e facilitando-os com os fabulosos exemplos dos Deoses, que assim representavão transformados para os commetter a todos, como se disfarça um homem para sem respeito da propria pessoa servir a seus appetites. A segunda obrigal-os á idolatria ainda dos animaes sem razão, como aposento que alguma hora forão da divindade.

. . . .

Mas a fé emfim é dom de Deos, não a desmereçamos os que por graça do Senhor a temos (como acontece aos que a perdem, por não conformarem com ella a vida) e compadeçamo-nos dos que a não têm com toda a humildade e zelo de verdadeiro amor. Qual o mostrou o padre-mestre Francisco ouvindo o que respondeu o Bramene velho, e entender-se-ha melhor d'estas suas palavras : « Grande foi com tal resposta o sentimento e pena de minha alma, por ver aos demonios tão senhores de nossos proximos, que se fazem adorar d'elles como Deos. »

Levantou-se logo em pé, dizendo aos Bramenes, que se deixassem estar assentados assim como estavão, e a grandes vozes disse na sua lingua o credo, e mandamentos de nossa santa lei, detendo-se na declaração de cada um por algum espaço. Após isso fez-lhes na mesma lingua como costumava um breve sermão da gloria do paraiso, e tormentos do inferno, mostrando por que obras se merecia um e ia ao outro. Foi maravilhoso o alvoroço que nos barbaros causou a luz d'estas verdades. Levantão-se todos acabando o padre, vão-se a elle com os braços abertos; e dando-lhe gran-

des abraços dizião : « Sem duvida só o Deos dos christãos é o verdadeiro Deos, pois seus mandamentos são tão conformes a toda boa razão. » E tomando ao padre por mestre, perguntavão-lhe, já não por disputar, mas por saber, ácerca da immortalidade das almas, como ficando os homens tão mortos, como todos os outros animaes, a alma d'estes perecia, e o espirito do homem vivia para sempre. « E deu-me Nosso Senhor (diz aqui o padre) taes razões, e tão conformes a suas capacidades, que lhes dei claramente a entender a immortalidade das almas. » Certos já, que não morria a alma, perguntavão como e por que parte se sahia, quando deixava o corpo. E d'onde vinha, que dormindo um homem, se achava em terras bem distantes tratando com seus amigos e conhecidos; « como me a mim acontece (ajuntou n'este passo o padre Francisco, e é bem que nos fique aqui perpetua memoria de uma lembrança, e parenthese de tanta suavidade), como a mim (diz) me acontece, irmãos carissimos, estar e fallar ainda por sonhos comvosco muitas vezes. »

A estas duvidas ajuntárão outras, que ainda que entre philosophos, e muito menos entre christãos nenhuma fôra, não digo para se escrever em historia, mas nem para ouvir em conversação; assim porém folgamos de ler, e merece ser escripto, que se dão na India as frutas de Hespanha, e para nós serião novas, se alguem contasse que amadurecião as uvas em Polonia. Dizião, pois, se por ventura se soltava a alma da carne, já que era espirito immortal, e sahia emquanto o corpo repousava a visitar seus amigos; e por isso elle

então ficava como morto, e ella dava fé de si lá por onde andava.

Querião mais saber de que côr era o verdadeiro Deos, se branco, se preto; e em favor da sua, que são todos morenos, tinhão para si que a mesma devia ser a divina. Tanto mais póde com os homens ainda no juizo das cousas o proprio amor, que a razão.

Mas já bem satisfeitos das respostas do padre Francisco, que todas forão as que por então havião mister seus entendimentos; e confessada por todos, como disse, a verdade e pureza de nossa santa fé, e luz da sabedoria christã; apertando o padre com elles, que a recebessem e professassem: « Que dirá (respondião) a India, vendo-nos fazer uma tão grande mudança? em que conta nos terão os homens d'aqui por diante, dando-a nós tão má de quem fomos até agora? e pois todo nosso patrimonio são os pagodes, de que vivemos e comemos, d'onde viveremos e comeremos se os largamos? » Graves tentações, e se lá o são á fé, cá o são á virtude. Emfim dos Bramenes um só diz o padre-mestre Francisco que fez christão em todo aquelle primeiro anno que andou na Pescaria. Mas a esterilidade d'estes compensou bem o Senhor com o copioso fructo que se colheu do outro gentio.

ACOMMETTEM OS BARBAROS AOS CHRISTÃOS DE TRAVANCOR

(II, 17.)

Apparecêrão de repente os barbaros sobre os lugares dos christãos, enchendo os campos de gente armada, e os ares de grita e alaridos, que subião ao céo, ameaçando tudo de morte a ferro e a fogo. Achão-se os christãos sem armas para resistir, sem lugar nem tempo para se pôr em salvo; faz o medo o mal muito maior; rouba o subito o conselho, a pressa o remedio; não se ouve, nem ha mais que lagrimas e pranto das mulheres, lastimas das crianças, perturbação nos homens, confusão em tudo.

Chegando a nova ao padre-mestre Francisco, a primeira cousa que fez foi pregar os joelhos em terra, e os olhos no céo, e depois de uma breve e efficaz oração, veio para onde vinhão os imigos; quão cheio d'aquillo: « Nem quero a vida senão para Christo, nem d'ella outro interesse que morrer por elle. » E chegando a estar á falla, não usou de brandura, lamentações e rogos proprios aos miseraveis e rendidos; não se lançou por terra, não cruzou os braços, não pedio por bons partidos as liberdades, ou sómente as vidas; mas com um animo de vencedor, rosto e semblante de senhor, toma um só homem, não na capa, ou mantéo,

que o não trazia, mas n'uma roupeta solta, safada, e remendada, o impeto de um exercito; e como se ferira com os olhos, e derrubára com as palavras, assim perdêrão os imigos em o vendo e ouvindo a braveza e a furia, as côres e as forças. Reprehende-os de infieis para com Deos, de crueis e feros para com os homens, ameaça-os com castigo do céo se dão um passo avante. Quem quer julgára, que mais pretendia assanhal-os, para que lhe tirassem a elle a vida, que abrandal-os, para que não dessem a morte aos christãos.

DA FERTILIDADE DA TERRA, ANTIGUIDADE DO REINO, E VARIOS NOMES DA ILHA DE CEILÃO

(II, 18.)

Por nos irmos chegando á ilha de Ceilão, não deixarei de dar noticia de algumas de suas cousas, especialmente das que mais podem servir ao que logo contaremos, e a todo o fio d'esta historia, escusando a relação de muitas por quão larga outros a têm dado de todas ellas. Que sabido é serem as setenta e oito leguas que esta ilha tem de comprimento, e as quarenta e quatro de largura, o melhor pedaço em sua proporção de toda á India, ou ponhamos os olhos no mar, ou nos ares, ou na terra. Porque n'esta os mattos são toda a boa canella do mundo, pimenta, cardamo,

fructiferos palmares. Nos campos é tanto o arroz a que elles chamão bate, que deu o nome ao reino de Calou, intitulado a esta conta Batecalou. As pedreiras crião os mais finos rubís, saphiras, olhos de gato, e outra muita sorte de pedraria. O mar, além de muito pescado, é, como já dissemos, um dos tres thesouros das perolas e aljofre do Oriente. Os ares, não os ha mais puros e delgados, e com tanta providencia de refrescar e regar a terra, que sem embargo da zona torrida não ha mez que n'ella não chova, com o qual beneficio, e com o de muitos rios d'agua doce, que descem das serras do sertão ao maritimo, é toda ella um pomar sempre fresco, e aprazivel á vista, viçoso, e fertil de todos os bons fructos e sementes, mais por virtude da natureza, que por industria e trabalho dos agricultores.

Que como alli os reis se fação herdeiros dos vassallos, tomando-lhes por morte toda a fazenda, sem obrigação de dar aos filhos mais do que quizerem, dão-se pouco os pais a cultivar e plantar para os tempos vindouros. Mas nem estes modos de tyrannia, nem outros, que na ilha introduzio a cubiça, forão bastantes para tirar n'ella aos descendentes dos seus primeiros reis a reputação com que são havidos dos povos quasi por divinos, e verdadeiros filhos do sol. Anda a fabula d'esta celestial geração posta em romances velhos, que os Chingalas cantão nas suas festas, e a que dão o mesmo credito que nós ás chronicas de nossas antiguidades.

Dizem que vivendo os primeiros povoadores de

tudo o que vai d'além do Gange para levante, como selvagens pelos mattos, sem uso de agricultura, sem ordem de republica, sem leis, nem trato algum humano, agasalhando-se nas cavernas da terra, mantendo-se das raizes das hervas, das frutas sylvestres, das carnes e sangue das féras, aconteceu que, estando n'um dia claro e sereno muita d'aquella mesma gente agreste e barbara esperando nascesse o sol para o adorarem, como costumavão, attonitos do resplandor e viveza do mesmo planeta, no ponto, que elle apparecendo no horizonte tocou com os raios a terra, a abrio juntamente, e fez nascer, e sahir como de suas entranhas um homem em idade de varão perfeito, avantajado a quantos alguma hora forão na autoridade, na graça, na formosura, aprazivel, veneravel, e que igualmente obrigava aos que n'elle punhão os olhos ao reverenciarem e amarem. Corrêrão logo todos os presentes a elle, perguntando-lhe quem era, e o que d'elles mandava? E respondendo o novo e milagroso homem, que era filho do Sol e da Terra, enviado por Deos a reger e governar as gentes que até alli vivião mais como brutos, que como homens, todos lançados por terra o adorárão e recebêrão por seu rei e senhor, e elle os começou a metter em policia, leis, e ordem de vida, lavrando os campos, edificando cidades, introduzindo o commercio, e dilatando por elle e por armas o imperio, o veio a ter sobre todas aquellas provincias mais orientaes, a que hoje chamamos Pegú, Tanaçari, Sião, Camboja, Cochinchina, entrando pelo sertão até quarenta gráos do norte. Tão

supersticiosos forão sempre os homens em honrar e fazer differentes dos outros aquelles a que se sujeitão e tomão por principes.

. . . .

Mas indo avante com o fabuloso conto dos Chingalas, cantão nos seus romances, que por mais de dous mil annos andou aquella grande monarchia do Tanaçari (que nos campos d'esta provincia apparecêra o filho do sol) em seus legitimos descendentes, aos quaes em sua lingua chamavão Suriavas, que quer dizer da casta do sol, até que emfim por varios casos e revoluções dos reinos, se veio de todo a acabar d'além do Gange a celestial semente, e só se conservou na ilha de Ceilão, onde quinhentos annos antes do nascimento de Christo, que era o tempo em que ella mais florecia, a trouxe um filho do proprio rei do Tanaçari por esta maneira.

Era este principe por nome Vigia Raja tão malquisto dos povos, que foi el-rei seu pai constrangido ao desterrar, e mandar com muitos mancebos de sua criação a descobrir novas praias e terras onde vivesse; foi a primeira que tomárão esta ilha, que agora chamamos Ceilão, e áquelle tempo era deserta. Entrou Vigia Raja pela banda de dentro, e porto de Pereature, que jaz entre o reino de Triquinamale e a ponta do de Jafanapatão, onde tambem fundou a primeira cidade defronte da ilha Manar; até que aparentandose com o gentio da terra firme, e costa da Pescaria, que tem defronte, se foi a ilha povoando, e ennobrecendo de sorte, que veio a ser um dos mais ricos e

mais poderosos reinos do Oriente, e a geração dos seus reis a mais estimada de todo elle, por aquella fabulosa descendencia do sol, que têm por averiguado, dura até hoje; e por este respeito todos os outros principes da India, e de fóra d'ella, reconhecem uma certa vantagem e excellencia n'estes de Ceilão, e hão por grande dita darem-lhes suas filhas, para por seu meio se aparentarem com o céo.

Quanto aos nomes da ilha, e da gente, sabendo os da costa de Coromandel (que forão os primeiros com quem os novos povoadores começárão a tratar) como elles vierão alli ter, lançados de suas proprias terras, chamárão-lhe Galas, que é o mesmo que degradados; e vendo povoada e cultivada a ilha, que até então fôra bosques bravios, puzerão-lhe por nome Illenare, que em lingua malabar val tanto como reino da ilha; mas o seu mais proprio e mais antigo foi e é Lamcab, que quer dizer Terra santa, o qual affirmão lhe pôz o mesmo Vigia Raja, seu primeiro rei, logo quando n'ella entrou; considerando, e estimando a brandura e serenidade dos ares, e frescura das aguas, a fragrancia dos mattos, onde rescendia a canella, e nascião por si os limões, as cidras, as laranjas, com muitas outras sortes de frutas saborosas e aromaticas.

Andando o tempo, e trazendo o cheiro da mesma canella aos portos de Lamcab os navios dos Chins, por cujas mãos correu muitos annos todo o trato e commercio da India, elles vierão a dar á gente o appellido de Chingalas, e á ilha o de Ceilão. Porque ficando-se, e fazendo-se n'ella como naturaes muitos

mercadores da China, e ajuntando-se nos filhos d'estes os nomes dos pais, que é Chins, com o antigo das mãis, que era Galas, ficárão Chingalas. E posto que ao principio sómente se chamassem assim os mistiços, vierão elles com a potencia dos Chins a prevalecer de maneira que não ha já de muitos annos quem por tal se não nomeie. Ceilão se chamou a ilha do famoso naufragio, que nos seus baixos fez uma grande armada dos mesmos Chins; pòrque Nilao, quer dizer baixos, e Chinilao, baixos dos Chins, que foi o nome que todo Oriente pôz, e ainda hoje tem, com pouca corrupção, aquella paragem, depois que elles n'ella se perdêrão. E como os que d'ahi por diante navegavão para a mesma ilha, nenhuma cousa trazião mais no tento, e na boca, que o perigo dos proprios baixos, já a não nomeavão nem conhecião senão pela ilha de Chinilao, d'onde comendo, segundo seu costume, o tempo umas lettras, e abrandando outras, ficou Ceilão.

Do appellido de Taprobana, com que os Gregos e Latinos a intitulão, não achamos, nem nas historias e romances dos Chingalas, nem nos nomes dos portos, cabos, barras, rios, ou povoações da ilha, rasto ou semelhança alguma. Mas puzesse-lh'o Ptolomêo, ou outro antes d'elle a seu gosto, muita razão teve o nosso João de Barros em affirmar ser Ceilão, e não Samatra, a sua antiga Taprobana. Porque de mais de Ptolomêo a situar muito áquem do Gange, e defronte do cabo Cori, que sem duvida é o de Comori (posto que elle o ponha em treze gráos e meio do norte, e nós o achassemos em oito menos um quarto), limites

e demarcações tão proprias de Ceilão, quão repugnantes a Samatra. Do que Plinio escreve do descobrimento da Taprobana em tempo do imperador Claudio, que reinou dos annos quarenta e tres do Senhor até os cincoenta e sete, ha em Ceilão mui claros signaes, dos quaes alguns apparecêrão em nossos tempos.

Escreve este autor, que arrebatando os Nortes uma náo, em que um liberto de Anio Proclamo andava na costa da Arabia, veio em quinze dias ter á ilha Taprobana, que é o termo em que se podem bem correr com aquelles ventos as quinhentas leguas que sabemos ha de Ceilão á Arabia, e não as mil por que dista Arabia de Samatra. Foi (diz Plinio) o liberto bem recebido do rei da ilha, que se alegrou de ver as moedas romanas cunhadas com as imagens do imperador; e depois de ter por alguns mezes comsigo o hospede, tornando-o a mandar, mandou juntamente com elle seus embaixadores, que vierão a Roma, e ao que parece assentárão trato e commercio, que devia durar alguns annos, e ser cá bem estimado, como se póde conjecturar do páo de canella, que em tempo do papa Paulo III se achou em Roma com um lettreiro que mostrava ser conservado por cousa preciosa desde o tempo do imperador Arcadio, que foi 126 annos depois de Claudio. Com a qual historia não confrontão pouco as ruinas dos edificios de obra romana que ainda hoje se vêm em Jáfanapatão bem defronte da ilha de Manar; que sem duvida forão feitos pelos mesmos Romanos, para casas de contractação, quando a tinhão com a Taprobana; e ainda se póde cuidar

que ou lhes deu principio o proprio liberto que alli foi primeiro ter, ou pelo menos o tiverão em tempo do seu imperador Claudio. Porque andando ora uns negros o anno de 1575 tirando pedra dos alicerces d'aquelles edificios para outra obra, que João de Mello de S. Payo, capitão que então era de Manar, mandava fazer, achárão n'elles algumas moedas de cobre e ouro com lettreiros de lettras latinas á roda, como se costumavão e costumão ainda hoje lançar em Europa nos fundamentos das grandes fabricas. E posto que as lettras estavão pela maior parte gastadas, ainda comtudo se enxergava ser a primeira C., que parece dizia Claudio, e pouco adiante se lião bem o R. M. N., que manifestamente significavão Romanorum, de sorte que fosse todo o lettreiro *Claudius imperator Romanorum*. Levárão os negros duas d'estas moedas a João de Mello, que pelas estimar muito, as trazia comsigo o anno de 1560 na náo do governador Manoel de Souza Coutinho, para as apresentar a el-rei. Mas pois elle e ellas desapparecêrão no triste naufragio d'aquella náo, não era razão o fizesse tambem o testemunho que d'esta sua historia tem por si a ilha de Ceilão, para ser havida dos modernos por a mesma a que os antigos chamárão Taprobana. Nem faz contra esta verdade, antes a fortifica mais, lançal-a Plinio defronte do cabo Colaico, e além da Equinoccial para o sul. Porque quanto ao cabo, assim nomeou elle o que Ptolomêo chama Cori, e nós Comori por pertencer ao reino de Coulão, que antigamente era na India um dos mais famosos. E a grandeza que dá á

ilha, para a parte austral, é a que ella verdadeiramente tinha quando chegava ás de Maldiva, das quaes a apartou depois o mar alagando por espaço de muitas leguas o paiz baixo, segundo o têm por tradição os mesmos Chingalas, e se deixa bem crer por outros muitos casos semelhantes. Nem dividio, e levou o tempo a terra sómente a Ceilão, mas de tal maneira foi repartindo e debilitando o imperio, que tendo-o antigamente os successores de Vigia Raja mero e mixto de toda a ilha, quando se ella podia bem chamar a grande Taprobana, veio depois, sendo já tão pequena a respeito do que d'antes fôra, a estar dividida em nove reinos; o de Columbo, onde os Portuguezes têm sua fortaleza no porto da principal cidade do mesmo nome, que jaz ao ponente da ilha n'uma faxa maritima, onde é o melhor e a madre de toda a canella; e o de Gale na ponta mais austral, em que está na altura de seis gráos um cabo, a quem os antigos degradados pegárão o mesmo nome. Confina este por levante com o de Iaula, pelo norte com Tanavaca; Cande é o coração da ilha cercado de serranias; ao oriente do qual fica Vilacem; mas os mais orientaes de todos são no maritimo contrario ao de Columbo, o reino de Batecalou, e por cima d'elle o de Triquinamale, sobre todos os quaes, e já em dez gráos do norte, está o reino de Jafanapatão, com a ilha de Manar a elle vizinha e sujeita, que não sómente forão as portas e principio da povoação de toda aquella terra, e onde parece começou e durou mais o commercio com as do imperio romano.

O DENTE DO BUGIO BRANCO

(II, 23.)

O que elle, e outros reis da India mais sentírão, foi a perda de uma supersticiosa reliquia a que grande parte dos gentios do Oriente adoravão como a Deos. Tomou-se entre as joias do thesouro, e era o dente de um bugio branco, de quem os cegos infieis contavão e crião tantas e taes patranhas, que nem pela torpeza e ignorancia d'ellas, é bem que as refiramos, nem sua grande prolixidade nol-as deixára referir. Mas d'este só exemplo se entenderá quão captivos d'aquella abominação tinha o demonio os miseraveis infieis.

Do grande reino de Pegú vinhão todos os annos embaixadores a Ceilão, pedindo com riquissimos presentes em nome de seu rei lhes deixassem imprimir, como sinete em cêra, o dente do bugio em certa massa de ambar, algalia, almiscar, e outras confeições aromaticas, que para isso trazião n'uma boceta de ouro, de modo que ficasse estampada não sómente a feição, mas o comprimento e grossura do osso, deixando n'uma parte da massa a figura de uma das faces, e adiante logo a da outra; para que, já que não merecião ter em Pegú aquella grande reliquia, ao menos se consolassem com a vista e adoração de sua perfeita imagem. Tão escura e quasi apagada traz lá o demonio a divina nos homens.

Conforme a esta monstruosa cegueira, tanto que o mesmo rei de Pegú soube como os Portuguezes tinhão em seu poder o dente, despachou uma embaixada ao vice-rei, offerecendo-lhe por elle trezentos mil cruzados, que mandava n'uma náo em ouro, e mercadorias de muito preço, com determinação de o não deixar por nenhum, quando n'elle o puzessem. E foi esta outra occasião que Deos deu a D. Constantino, para n'ella se ver que não tinha o animo menos real que o sangue, assim no desprezo da fazenda, como no zelo com que por honra e gloria divina perseguio sempre toda a sorte de idolatria. Porque os fidalgos, e gente de capa e espada, como ouvírão fallar n'uma tão grande somma de dinheiro, de que no Estado havia não pouca falta, e muita necessidade, houverão que os vinha Deos a ver com o alvitre da pretenção d'el-rei de Pegú. Dizendo publicamente que já que aquelle barbaro adorava emfim, e havia de adorar a figura do dente do bugio, pouco ou nada ia em lhe mandar para isso o mesmo dente; indo por outra via muito em lhe tirar das mãos um milhão de ouro, com que se podia acudir a muitas obras do culto, e serviço do verdadeiro Deos. Mas o vice-rei entendia bem que o que se apreçava n'aquelle osso de um bruto animal, era sómente a falsa e supersticiosa estimação que d'elle fazião os idolatras, que como da sua parte não devêra ser fundamento de compra, assim o não podia ser da nossa de venda justa e honesta; e que não ia pouco em lhes entregar o dente para que o adorassem, por mais obstinados que estivessem em adorar a figura;

antes quanto era maior a resolução e obstinação em que elles estavão de idolatrar, tanto ficavão os que lhe dessem ou vendessem o idolo, concorrendo com mór certeza á idolatria, peccado de sua natureza tão abominavel, que por esperança ou pretexto de nenhum bem se póde, nem favorecer, nem facilitar e ajudar. Comtudo, para que os fidalgos e cavalleiros, a quem a profissão das armas desobriga em parte dos pontos da theologia, viessem melhor no que ella n'este caso ensinava, e ordenando-o tambem assim Deos Nnsso Senhor, para que o demonio no dente nefando fosse, não de qualquer maneira, mas por publica sentença condemnado e justiçado, sem lhe valer advogar por elle o interesse, que tantas causas vence, o vice-rei pôz o negocio em conselho geral, a que chamou com toda a fidalguia o arcebispo de Gôa D. Gaspar e os prelados e theologos de mais autoridade das religiões de S. Domingos e S. Francisco, e de nossa Companhia. Onde, posto que sahírão os votos, dos que tudo tinhão por licito, á conta de ficar o Estado da India provido do dinheiro; antes não faltou quem já pretendesse ser o que levasse ao rei de Pegú o dente, com licença do vice-rei para o pôr á offerta nas cidades do reino por onde passasse, até chegar á côrte, recolhendo o que os gentios offerecessem, d'onde esperava tirar mais que da fortaleza de Ormuz, nem Sofála, e viver rico toda sua vida. Ouvidos porém os prelados e theologos, não houve quem mais contradissesse á tenção igualmente religiosa e generosa do vice-rei; o qual mandando logo vir á mesma casa do conselho um

almofariz de bronze da tenda do seu boticario, que morava defronte, e um fogareiro de brasas acesas, fez que lhe trouxessem o dente, e o mostrou aos presentes, fazendo-o reconhecer de todos os que o tinhão visto, por o mesmo que se em Ceilão tomára, e o que comprava, e pedia o rei de Pegú, para que não houvesse entre os que desejavão de o resgatar, quem imaginasse, ou dissesse alguma hora (visto quão facil é suspeitarmos o que fizeramos) que o vendêrão secretamente, e queimárão outro em seu lugar. Bem reconhecido o torpissimo osso, tirárão-lhe primeiramente (como quando se degrada dos ornamentos sagrados quem os não merecia) o ouro e pedras em que estava encastoado, que erão muitos rubís e saphiras, não grandes, mas de valor. E ficando despido, e nú, como quem era, o vice-rei o lançou por sua mão no almofariz, d'onde depois de ser bem moído, botárão os pós á vista de todo o conselho, e muita outra gente, e os fizerão em fumo peçonhento no braseiro aceso.

REINO E CIDADE DE MALACA, E ILHAS DE SAMATRA E JAVA

(III, 10.)

Malaca é cabeça de um reino seiscentas leguas ao oriente de Gôa, o qual tem de costa como noventa na terra firme do antigo e grande Estado de Sião; começando na parte do poente na paragem da ilha Pulo

Cambylão, e acabando na de levante, no illustre cabo de Singapura, que não dista da linha um gráo inteiro. No meio da qual costa está situada a cidade Malaca, em altura de dous gráos do norte, n'uma ponta, que sahindo por um pé mui estreito da terra firme, no mar se alarga, e estende de maneira que cercada d'elle por todas as partes fica sendo quasi ilha; que tanto val Chersoneso em grego, e Peninsula em latim, termos com que a nomeárão a ella, e a outras de semelhante figura, os antigos geographos.

Aqui faz com a terra firme a ilha Sumatra, que lhe fica fronteira, um famoso estreito, com dous canaes navegaveis : um que chamão de Singapura, por razão do cabo onde começa por parte de levante, outro de Sabão, por uma ilha que ahi jaz do mesmo nome. No meio do qual estreito, e onde elle o é mais, está plantada a cidade Malaca; porque havendo d'ella á costa da ilha doze leguas, logo esta se vai afastando da terra firme, assim para a parte do poente, como para a de levante. De sorte que por ambas fica o canal nas entradas muito mais largo que no meio. Chama-se a gente natural Malaya, e a lingua tambem, que é propria, e por razão do commercio de Malaca com todas as ilhas vizinhas, quasi por todas ellas se pratica e entende.

A gente tão deliciosa e altiva, que se não acha um homem natural Malayo, por pobre que seja, que queira levar ás costas cousa propria, nem alheia, por muito que n'isso ganhe, ou perca. O serviço é sómente dos escravos, e elles toda a vaidade, fidalguia,

musica, doçuras, vestidos, com extremos nos vicios proprios d'onde isto sobeja, e falta a fé. O sertão todo alagadiço, e tão viçoso de arvoredo, que quasi por toda a ribeira vem com a espessura d'elle a entestar no mar; e por esta causa é a terra a dentro mal sã, e peior povoada, mais que de féras de toda a sorte, e de tigres em tanto numero, que entrão muitas vezes de noite a prear na cidade; e á gente mesquinha de algumas poucas aldeias é forçado dormir em cima das arvores, porque de pulo de vinte palmos fazem prêa n'elles. Pela qual razão em todas aquellas noventa leguas, que o reino tem de costa, não ha outro lugar de importancia que a mesma Malaca. A qual lançada toda ao longo da praia, e sem mais termo, que lavre, nem cultive, que o mar (não fallando n'algumas quintas, e casas de prazer, a que elles chamão duções, e os ricos têm para suas delicias) é no trato e commercio uma escala do levante e poente d'aquella maior parte do mundo; onde se ajuntão de cá a Arabia, a Persia, a India toda, Bengala, Pegú, Sião, o reino Queli. E de lá os da China, Champa, Camboja. E outra vez o de Sião (que toma de mar a mar) e as ilhas de Java, Banda, Sunda, Maluco, Lequios, Luções, Japão, e outras sem conto, a fazer suas commutações como a uma feira, ou praça das riquezas do Oriente. Por onde assim cresceu e engrossou em todas ellas que nenhum lugar da Asia lhe fazia vantagem. E se os ares forão mais sãos e favoraveis aos estrangeiros, ella a fizera a todos em riqueza, numero de povo, soberba, e policia de edificios.

Mas ainda com a terra ser qual dissemos, tinha a cidade ao tempo que Affonso de Albuquerque a ganhou, uma boa legua de comprimento ao longo do mar, e a ribeira coalhada de tantas náos grossas de carga, navios, e velas de guerra e serviço, que fazião bem por si outra grande cidade, ambas cheias de gente de toda a sorte, com tantas armas, que só as peças de artilharia de ferro e bronze, que os nossos achárão no sacco, passárão de tres mil. Confiado na qual potencia el-rei Mahamed se tinha rebellado contra o de Sião seu verdadeiro senhor, sem este até então ser poderoso (com o ser muito) para o reduzir, ou castigar, antes perdêra algumas armadas e exercitos, que por mar e por terra mandára já ao tal effeito. Até que emfim no anno de 1511 Affonso de Albuquerque o fez pagar por força d'armas parte do que devia a Deos e a seu rei natural, e a affronta que pouco antes fizera a Diogo Lopes de Sequeira, quando indo elle alli por mandado d'el-rei D. Manoel a tratar amizade e assentar commercio, o mesmo Mahamed, aceitando a nossa boa paz, e fingindo a sua, pretendeu matar o mesmo capitão á traição, e em effeito o fez a alguns dos seus Portuguezes, e captivou a outros. Ganhou Affonso de Albuquerque a cidade, fez n'ella uma fortaleza, lançou a el-rei Mahamed de toda a costa da terra firme do reino obrigando-o a andar desterrado de uma parte em outra, até que foi assentar de vivenda em uma ilha defronte de Singapura chamada Bintão. Mas isto basta d'elle, e da sua Malaca, e nossa já de mais de oitenta annos.

A Samatra, que lhe responde logo da parte do sul, houverão os antigos por continua á terra firme da maneira que dissemos o está a ponta em que é o sitio da mesma Malaca. E assim lhe chamárão Aurea Cherso-neso, que é o mesmo que quasi ilha de ouro; quasi ilha, pela terem por essa, e de ouro, pelo muito que n'ella se tira nas comarcas de Monancabo e Barros. Na verdade porém ella não é quasi ilha, mas uma formosa ilha de duzentas e vinte leguas de comprido, e na mór largura de setenta; onde assim a corta pelo meio, e ao viez a linha Equinoccial, que vêm ambas a fazer a figura de uma aspa, ficando a ponta mais occidental da ilha em quatro gráos e tres quartos da parte do norte, e a mais oriental em seis da do sul; pela qual vizinha com a Java, que é outra ilha grande lançada por espaço de cento e vinte leguas de levante a poente; e ahi faz com a de Samatra um estreito de quinze leguas de largura, que era antigamente o canal da navegação d'aquellas partes orientaes; onde os Jáos são a gente de mais policia no trato e governo, e mais cavalleiros e esforçados na guerra. Mas tornando a Samatra, a terra é de muito e grosso arvoredo, rios, lagos, e tão sobeja humidade que não basta a perpetua vizinhança do sol para consumir e adelgaçar os vapores de que sempre está coberta; que como se fossem de chumbo, assim se não deixão levar, nem espalhar dos ventos, com grande prejuizo da saude dos moradores, principalmente estrangeiros. Fal-a porém muito sadia e frequentada d'elles a cubiça das grandes riquezas que de si dá; como são, além da grande có-

pia do ouro, de que já dissemos, muita de estanho, ferro, cobre, salitre, tintas de minas, até uma fonte de oleo no reino Pacem. Os mattos crião sandalo branco, aquila, beijoim, camphora, pimenta commum, pimenta longa, gengivre, canella, e de seda é tanta a quantidade, que ha grande carregação para muitas partes da India. A divisão dos Estados era tanta que só nas fraldas do maritimo havia ao tempo que os Portuguezes n'ella entrárão vinte e nove reinos; entre os quaes os de Pacem e Pedir erão os maiores, ambos ao occidente da mesma ilha, precedendo o de Pedir, assim no sitio, como na antiguidade e grandeza, tanto que ainda quando nós tomámos Malaca, o senhor de Achem (a que vulgarmente chamamos Dachem) era escravo do rei de Pedir, e em seu nome governava aquella cidade, que é no mesmo lado occidental da ilha um pouco mais para o sul, entre Lambri e Biar. Mas aqui se vio quão bem comparou o outro a prosperidade e grandeza dos reinos e Estados ás enchentes e vazantes das marés; não accommodando mal a este proposito, o que Salomão disse da divina sabedoria que tinha o universo por jogo e brinco. Em poucos annos aquelle escravo de Achem se fez senhor dos reinos de Pedir e Pacem, obrigando aos Portuguezes a deixarem nas terras d'este segundo uma fortaleza, que já ahi tinhão, e foi a primeira que perdêrão n'aquellas partes. D'onde assim se veio a estender este tyranno que tem hoje o melhor de toda Samatra; e com suas riquezas e commercio d'ellas com os Mouros, Guzarates, Arabeos, Perseos e Turcos que chamou a si,

faz ha já muitos annos poderosas armadas de galés e navios fortes, com que por vezes tratou mal os nossos, e pôz em grande perigo a cidade e fortaleza de Malaca.

DA FACILIDADE COM QUE EM MALACA TRATAVA OS HOMENS

(III, 12.)

Do que até agora escrevêmos, e esperamos ainda com o favor divino escrever do padre-mestre Francisco, se entende, e entenderá bem quão facil e suave foi em sua conversação. Não a houve nem mais branda, nem mais singela, nem mais desassombrada, não faltando nunca um ponto ás obrigações da inteireza, da prudencia, da religião; os olhos trazia sempre cheios de alegria e de pureza, a boca de riso e modestia, o semblante era toda a boa graça e toda a autoridade, as palavras a ninguem offendião, emendavão a uns, melhoravão a outros. A muitos de nossa Companhia aconteceu por vezes irem o buscar á cella, não mais que por a grande consolação e prazer espiritual, que só com aquella vista e ar do mesmo paraiso causava em todos, acendendo-os juntamente em novos desejos da virtude e perfeição religiosa, como se lhe sahíra pelos olhos, e a apegára e deixára nas almas dos que se lhe chegavão; e com ser tão grande prova da suavidade do seu espirito não se poderem os bons apartar d'elle,

como nem das flôres cobertas do mais doce orvalho as abelhinhas ; não me espanta menos a facilidade com que elle entrava, e se amassava (como dizem) com os peiores, de sorte que no mesmo tempo fazia dizer a uns com S. Pedro : *Onde nos iremos, que tem palavras de vida eterna ;* e a outros : *Agasalha-se, e come com os peccadores.* Este foi em todo o tempo, e por toda a India ; mas em Malaca tão assignaladamente que ainda hoje persevera alli a edificação e espanto da grande prudencia e caridade com que os tratou.

MOLESTIA QUE LAVROU NA ARMADA DE FERNÃO DE SOUZA

(IV, 3.)

Lavrava com tanta furia o mal por toda a armada, e especialmente na gente castelhana, que gran parte d'ella com o seu general ficou n'aquella costa e praias de Amboino para sempre, deixando a ossada nas terras estranhas, d'onde pretendião levar a fazenda para viver nas naturaes. Mas ao morrer todo o lugar é natureza.

REGRAS DO MANDAR : A DOUTRINA E O EXEMPLO

(IV, 4.)

Posto que a obrigação dos que na guerra corporal têm o cargo, seja antes bem mandar que pelejar, ainda entre estes se escreve por grande gloria de um dos mais assignalados, que sempre disse aos soldados : Vinde, e nunca ide; tratando mais de os animar a elles comsigo, que de se honrar, ou assegurar a si com elles. Já no governo espiritual é cousa notoria (assim fôra exercitada) que a primeira e melhor parte d'elle está no exemplo, ficando a segunda á doutrina. Nem aqui val tanto o que dizem, que do bom soldado se faz o bom capitão; antes é necessario que nunca largue o officio de pelejar, quem houver de fazer o de mandar como convem, e como o encommendava o Apostolo a Timotheo depois de bispo, dizendo : Trabalha (e não sómente manda) como bom soldado de Christo (e não só como bom prelado).

OBEDIENCIA

(IV, 4.)

Na mesma carta, que foi escripta em Amboino a 10 de Maio de 1546, é notavel a efficacia com que encom-

menda ao padre Paulo de Camerino, que em seu lugar era superior de todos os nossos na India, que em tudo obedeça inteiramente a mestre Diogo, e ás outras pessoas seculares, que tinhão até então a administração do collegio de S. Paulo, como lh'o tinha pedido muitas vezes em presença de palavra, e estando ausente por suas cartas. E que se elle se achára em Gôa por nenhuma cousa mais trabalhára, que por fazer em tudo a vontade aos que governavão a mesma casa. E que se lembre quão seguro é para acertar em tudo desejar sempre ser mandado, sem contradizer em cousa alguma á vontade do superior, havendo pelo contrario grande perigo em cumprir a propria. Porque ainda que o superior erre, e nós acertemos, o erro é desobedecendo acertar, e o acerto fôra errar obedecendo.

INFORMAÇÕES

QUE NAS CARTAS DAVA S. FRANCISCO XAVIER SOBRE AS ILHAS DE AMBOINO, MAREMOTOS E TERREMOTOS.

(IV, 4.)

Não me espanta, nem me edifica menos ver nas mesmas cartas quão facil e humano se mostrava com seus irmãos aquelle que sempre andava com os olhos no céo, e tanto tinha do divino. Com que brandura e *chaneza* lhes escrevia das cousas naturaes, curiosidades, e costumes barbaros e estranhos, que vio, e de

que soube n'aquellas ilhas? N'algumas das quaes diz ser tanta a cegueira, que não sómente comem os imigos que tomão ou matão em guerra, mas ainda entre os vizinhos e amigos é mui ordinario pedir, e haver um do outro emprestado o proprio pai, depois que é já velho, para o dar a comer n'um banquete, com obrigação de lh'o pagar, fazendo-lhe o mesmo presente do seu quando tambem tiver convidados para festejar. Não li n'outra parte o que alli conta do animal de uma só teta, o qual tinha perpetuo leite, e em tanta quantidade, que além de mamarem n'elle os cabritinhos, como nas cabras (sendo porém elle o macho, que esta era a maravilha), dava cada dia uma escudela, que o mesmo padre diz lhe vio ordenhar. Na mesma carta escreve dos tremores do mar, que sendo cousa rara n'outras partes, n'aquellas acontecem muitas vezes. A primeira, que os nossos Portuguezes o experimentárão na India, foi na armada, com que o cónde almirante tornou por vice-rei d'ella o anno de 1524, que sendo já na paragem da costa de Cambaya, n'uma quarta-feira vespera de Nossa Senhora de Setembro ás oito horas da noite subitamente deu um tremor tão grande em todas as náos, que cada uma se houve por perdida, tendo por certo que tocavão e se desfazião sobre alguma lagea; de modo que por um quarto de hora, que durou o maremoto, tudo foi grita e confusão, pedindo todos soccorro com as bombardas, por nenhum saber mais que do proprio trabalho, acudindo estes ao leme sem o poderem ter, aquelles á sonda, utros a barris e a taboas para se ajudarem d'ellas;

e tal houve que de puro espanto se arremessou á agua; até que o mesmo almirante cahindo na conta os desassombrou, dizendo que não temessem o mar, porque elle era o que tremia d'elles. Assim o conta por cousa mui rara João de Barros. Mas por estas cartas do padre-mestre Francisco sabemos ser mui ordinaria nas ilhas de Maluco, posto que sempre causa maior espanto nas náos, do que nas casas o tremor da terra. Do fogo, que arde nos picos mais altos de algumas das mesmas ilhas, escreve tambem o padre tão particularmente, como se fizera a profissão de Plinio. E na verdade a cousa o merece, porque quantos a vírão a houverão por um dos mais notaveis segredos da natureza. É o maior d'estes incendios no cume da mais alta serra de Ternate, a que se não póde subir sem usar em algumas partes de escadas de corda. Arde o fogo perpetuamente, posto que mais se acenda com os ventos que soprão nos mezes de Abril e de Setembro, sem bastarem tantas centenas de annos para ter consumido a materia de que se sustenta e ceva. A mostra que faz de dia, são nuvens de fumo grosso e escuro, como o que lanção os fornos de cal quando começão a cozer; mas de noite é cousa medonha a differença das côres, que a impressão e reverberação da luz faz no mesmo fumo; as chammas, que sahem d'entre elle, as faiscas, e rescaldo que sobe, e torna a cahir em torno por todo o monte em tanta quantidade, que assim fica alli coberto d'elle o arvoredo, como da neve quando cahe muita á nossa serra da Estrella. Mas o que mette maior terror é que arremessa ás vezes pedras tamanhas, e maiores que

grandes arvores, e muitas como mós de atafona, com um impeto e estrondo tão espantoso, que se lhe não póde comparar o dos basiliscos, ou outras quaesquer peças de artilharia. Vêm aquelles fogos do centro da montanha até a corôa d'ella por umas chaminés redondas, que as mesmas chammas subindo, ao que parece, em rodomoinhos, assim forão abrindo e torneando, como vemos que faz os circulos menores e maiores n'agua estanque a pedra, que por ella vai descendo. E são aquellas furnas tão profundas, que affirmão passar alguma de quinhentas braças. A terra ao redor, posto que toda seja escaldada, fofa e leve, é porém liada uma com a outra, e não solta, como a cinza, e do meio do monte para baixo fragosa em gran maneira, e coberta de espesso e grosso arvoredo; d'onde correm, até vir regar o chão da ilha, ribeiras perennes; como se a mesma fôra a mina da perpetua e viva materia dos dous contrarios elementos, agua e fogo, ou este andando nas entranhas da serra a fizera por fóra suar, e estillar aquellas aguas.

A JUSTIÇA, E SEU DESPREZO

(IV, 5.)

No que toca á mesma justiça, que mór cegueira, que não se haverem homens christãos por obrigados a guardal-a aos infieis; quando o Autor e consumma

dor da fé, Christo Jesus, a amou tanto, que para si tomou por nome Verdade, e o do seu reino é Justiça? Mas emfim quanto melhor é a terra, tanto mais alto matto cria, e n'elle toda a sorte de bichos peçonhentos, se lhe falta por muito tempo quem bem a cultive.

AS SANTAS AGUAS DA DOUTRINA

(IV, 6.)

Após isto começou a entrar em Maluco o prazer, que Isaias promettêra aos ermos e desertos por onde ninguem d'antes caminhava. Nascião e florecião os lirios, crescião os cedros, fructificavão as oliveiras, estendião-se os platanos, os freixos davão saudaveis e frescas sombras, vestia-se a terra toda de rosas, de flôres e boninas; que é a magestade do Libano, a frescura de Sarão, a belleza do Carmello, de que alli falla o propheta. Entendendo sem duvida por estas e outras elegantes metaphoras a formosura das virtudes e santidade dos costumes christãos, que nas brenhas incultas da infidelidade havião de plantar os varões apostolicos com o exemplo da vida e efficacia da doutrina evangelica, a que o mesmo chama fontes, lagos, ribeiras d'agua doce, que regando copiosamente aquellas charnecas esteriles, as converterião nos campos ferteis e prados verdes que diziamos.

AMOR, MESTRE DE MUSICA

(IV, 9.)

A muitos fez temer fazerem-se temidos; e ao contrario o santo amor tudo não sómente sujeita, mas torna tão brando e macio, que este foi um principal respeito para os antigos o fazerem mestre da musica, com que as almas se poem em bella paz e suave repouso.

A CIDADE DE TOLO

(IV, 11.)

Tolo é na Batechina de Moro uma cidade principal, que ao tempo em que o padre Francisco a fez christã seria pouco mais ou menos de tres mil vizinhos; forte por arte e por sitio, que o tem no mais alto de um monte fragoso, como são todos os d'aquellas ilhas; atalhados em muitas partes os caminhos com tranqueiras e outros reparos de guerra, com que a defensão do lugar é facil aos naturaes, e a subida aos imigos quasi impossivel; os campos e terreno de que vive não o ha por alli mais fertil dos seus arrozes e sagures, que é o que dissemos que dá a terra.

PREVENÇÕES TOMADAS EM TOLO CONTRA OS PORTUGUEZES

(IV, 11.)

Antes tendo por certo que lhes havião os Portuguezes de ir a pedir conta da antiga amizade, e castigar rigorosamente, como costumavão na India, as injurias de nossa santa fé, era todo seu cuidado e trabalho fortificarem-se contra o cerco e guerra, reforçando o muro n'umas partes, n'outras levantando-o de novo, fazendo baluartes, cavas largas, vallos, tranqueiras, tomando e segurando melhor os passos das entradas; e para mais difficultar o assalto por espaço de um grande tiro de pedra do pé e fralda do monte, sobre que está a cidade, todo o chão em roda plantárão de estrepes, que são umas estacas de páo, que chamão ferro, assim mettidas, e firmes na terra, como se n'ella nascêrão, e com as pontas para fóra de um palmo, e palmo e meio, tão rijas e agudas, e em tal distancia umas das outras, que caminhando, ainda em boa paz, não basta qualquer tento para assentar o pé em salvo, e errando o passo fica um homem preso, e encravado sem remedio. Sobre todas estas prevenções de tanta defensão houverão do tyranno de Geilolo novo soccorro de gente de guerra, armas, artilharia, munições, que mettêrão dentro na cidade, e puzerão por fóra dos muros no

postos mais importantes para não sómente rebaterem, mas offenderem gravemente a quem os commettesse. Ordenadas d'este modo suas cousas, como não sentião a guerra, que já com a grande fome e peste lhes fazia o céo, assim não temião a do ferro e sangue, que lhe podia vir da terra. Entretanto em Maluco Bernardim de Souza nenhuma cousa tanto desejava como despejar-se de outras emprezas mais pesadas, para pôr n'esta os olhos e as mãos. E assim, como o tempo lhe deu lugar, logo mandou a ella uma armada de bom numero de gente da terra com até trinta Portuguezes, que posto que poucos, erão entre os mais como os nervos, porque no corpo os membros têm a união e firmeza, e como os espiritos, que lhes dão o vigor e vida. Chegados á vista de Tolo primeiro que puzessem os pés nem a prôa em terra, para que o feito em tudo fosse obra não sómente da mão, mas da arte e condição de Deos, que é não usar do rigor da justiça senão depois de lhe engeitarem a brandura de sua misericordia, mandárão os Portuguezes por fieis mensageiros dizer aos reveis que elles erão alli vindos com aquella armada mais com zelo e desejo de os salvar, que de os castigar.

RECEPÇÃO DE S. FRANCISCO XAVIER PELA CHRISTANDADE DA COSTA

(V, 24.)

Sahião os lugares inteiros ao esperar cantando a santa doutrina, que era para elle a musica de maior solemnidade e festa que podia ser. Lançavão as proprias capas pela praia e estradas por onde o padre havia de passar, que ainda que com isso se cansava e affrontava, por ser tanto contra o juizo e gosto de sua humildade, comtudo não sómente o soffria, mas o estimava em muito, por demonstração da fé e devoção dos christãos, os quaes depois de lhe beijarem a mão postos de joelhos, e derramando muitas lagrimas de prazer, o tomavão, sem lhes poder resistir, aos proprios hombros, e n'elles o levavão até as igrejas, cercado dos homens, mulheres, meninos, que cruzando os braços, batendo as palmas, alevantando as mãos ao céo, e dando com palavras mui affeituosas a Deos os louvores, ao padre as graças, a si mesmos os parabens, de o tornarem a ver, ião todos n'um triumpho, tão avantajado aos com que entravão por Roma sobre carros dourados, que tiravão leões e elephantes os Africanos, os Emilios, os Pompêos, quanto era de mór valor e gloria dar a verdadeira liberdade e vida a tantas mil almas, que sujeitar e matar muitos mil corpos: vencer o inferno, que conquistar a terra.

ESTUDO DA LINGUA MALABAR

(V, 25.)

E porque o maior impedimento da fé aos gentios, e doutrina dos christãos era, e é a differença da linguagem, não se contentou o padre Francisco que os nossos a tomassem sómente da maneira que o fazem os que se achão em terras estranhas, conversando com os naturaes, até que mais se lhe apega do que elles aprendem. Porque por esta via, ainda que com o uso se alcance a significação das palavras, é sem distincção de tempos, modos, casos, pessoas; como vemos que acontece entre nós aos estrangeiros, que além de serem mal entendidos do commum do povo, e a todos causarem mais riso que attenção, poucas vezes têm sufficiencia para se declarar mais que nas cousas ordinarias, quaes não são os mysterios da fé e doutrina do Evangelho; e assim desejando habilitar ainda n'esta parte os instrumentos da divina palavra, quanto fosse possivel, ordenou ao padre Francisco Anriquez, a que sentio mais applicação e talento, reduzisse a arte a lingua Malabar, como anda a latina, com suas declinações de nomes e pronomes, conjugações de verbos, generos, preteritos, e todas as mais regras de grammatica, que dado que parecia empreza impossivel a um homem nascido em Europa, e chegado de tão

pouco tempo á India, comtudo, ou fosse milagre ad santa obediencia, que os costuma ella fazer, ou benção do padre mestre Francisco, o padre Francisco Anriquez aprendeu em menos de seis mezes a fallar, e a ler e escrever as proprias lettras e caracteres da terra, e em breve tempo sahio com a arte e vocabulario da lingua, com espanto dos naturaes, que todos o tinhão por cousa sobrenatural, e grande beneficio dos nossos padres e irmãos, que de então até agora por estes e por outros livros, que se forão fazendo, tão facilmente aprendem o malabar, como o latim.

DIFFERENÇAS NO CURSO DOS TEMPOS ENTRE A ASIA E A EUROPA

(VI, 5.)

Posto que o sitio da India, e toda a terra da Asia, seja d'esta banda da linha Equinoccial para o norte, como o da Europa, em que nós estamos, comtudo o curso dos tempos, que fazem o verão e inverno dos navegantes, é mui encontrado em ambas estas partes; porque nós de Março até Setembro temos verão com ventos e mares brandos, e no mais tempo do anno é cá inverno tempestuoso, e incommodo a toda a navegação; que parece nos traz comsigo o sol a serenidade, quando se nos chega, e nol-a torna a levar quando se aparta. Mas na India não passa assim: antes como se

lá os tempos de todo perdêrão o respeito ao sol, vemos por experiencia que quando o tem mais longe, que é de Setembro até Abril, então cessão as tormentas e invernadas, entrando geralmente com Maio, e sahindo com Agosto, que é o tempo em que todavia aquellas partes têm mais do sol. E é este seu inverno tão aspero e cerrado, que não sómente se não póde n'elle navegar sem manifesto perigo por toda a costa da India, mas nem sahir pelas barras por causa das muitas areias, que as cerrão, e cegão, até que na entrada de Setembro se vão abrindo pouco e pouco.

De mais d'esta differença, que geralmente tem comnosco, é maravilhosa a muita que particularmente ha entre as terras mui vizinhas do mesmo Oriente. Porque o diziamos no segundo livro das suas costas de Travancor e Pescaria, que quando n'uma é verão, é inverno na outra, acontece da mesma maneira d'aquem e d'além do cabo de Rosolgate para dentro do estreito do mar Roxo, e para fóra na costa da Arabia; e logo de Ormuz até Bassorá por toda a enseada da Persia leva o tempo a mesma ordem que em Europa na costa de Hespanha; senão quanto os nortes, noroestes e nordestes, que cursão cá no verão, são lá geraes em todo o inverno.

DIGRESSÕES DO ESCRIPTOR

(VI, 14.)

Não sei como me fui estendendo tanto : e confesso que muito menos bastára para o que começava de dizer; mas nem sempre podemos ter a roda, porque não saia o vaso maior de seu direito.

TEMPO BRAVO ENTRE SIÃO E CHINA

(VI, 19.)

Indo Antonio da Mota, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto, de Sião com beniaga para a China, os salteou um tufão, de que os nossos mareantes não tinhão até então experiencia, e depois tiverão muita ás proprias custas. Este é o temporal com que seus amigos ameaçavão ao padre-mestre Francisco, e com razão; porque de quantos correm no Oceano nenhum ha tão extraordinario e furioso, que de mais da braveza com que bate as aguas, e força com que alevanta as ondas, quebrando-as, e desfazendo-as nos ares em labaredas de fogo, é o vento tão vario e arrebatado, que em espaço de um relogio de areia, corre todos os rumos da

agulha refinando-se e tomando novo impeto em cada um. Mas o que mais espanta é a força com que reprime o curso natural do mar. Porque emquanto elle dura no golfão, parão de todo as marés, não subindo, nem descendo nos rios e na costa, como se ou o elemento das aguas, ou o céo, que as move, reconhecendo-o por imperioso senhor, ficára attonito, e perdêra de puro medo o tino em sua presença. E comquanto a grande furia d'este tempo é n'aquella paragem de Chincheo de tanto perigo e prejuizo aos navegantes, ainda o fôra muito mais se a Divina Providencia os não provêra de um signal, que infallivelmente o precede no céo, a que os nossos chamão olho de boi, que é um negrume escuro e grosso composto de diversas côres, mas todas tão malenconisadas, que se ao arco celeste, pela formosura e graça natural das suas, Deos o deu aos homens em penhor e seguro da divina clemencia, não os ameaça e assombra menos a ira e furor de sua justiça com aquella triste e medonha carranca que o céo faz e mostra todas as vezes que ha de despedir o tempestuoso tufão, sem lhes ficar outro remedio que darem n'um momento com as vergas, mastaréos e gaveas em baixo, e alijarem quanto vai nas primeiras cobertas, contentando-se com salvar as vidas.

DA VAIDADE E FALSA APPARENCIA DAS VIRTUDES DOS JAPÕES

(VII, 3.)

Não é razão, porém, que nos deixemos enganar d'estas tão bem afiguradas virtudes dos gentiosapões, porque a estofa é a mesma com a das que representavão os Platões em Grecia, e os Catões em Roma; e n'umas e nas outras houve e ha pouco que louvar, e menos que invejar, por serem todas tão falsas e vãs, como a ambição que as governa, e a honra que servem.

. . . .

Para ganharem e conservarem a reputação d'aquella honra, cortezia, modestia e constancia, que vimos, nenhuma cousa procurão os Japões com mais cuidado, que o segredo dos proprios corações; a este têm por melhor e maior parte de todo aviso e prudencia humana; por onde desde o berço se crião em esconder e encobrir o que entendem e desejão, não menos aos amigos, que aos grandes imigos; não mais aos estranhos, que aos proprios pais os filhos; e uns aos outros os parentes, irmãos, mulheres e maridos. De sorte que, como o Espirito Santo abomina o homem de dous corações, assim abominão elles a todos os que não têm um na boca, e outro no peito; nem é lá menor affronta chamar a um homem de um

só coração, que cá nescio e sandéo. D'onde se segue ser todo seu trato um perpetuo fingimento, e viva mentira, sim por não, e não por sim, sem direito nem avesso; com tanto artificio e dobreza, que se algum modo vos fica para atinardes com o que pretendem, é tomar ao revez quanto vos mostrão e dizem. Assim não ha que perguntar entre elles por os primeiros dous fundamentos de toda a communicação humana e politica, que são fidelidade e boa fé; havendo-se por tão desobrigados de darem credito ás obras e palavras dos outros, como de lhes tratarem verdade nas suas. Após o qual mal vão muitos incomportaveis, e grandemente contrarios aos bens que apontavamos. Porque se nas palavras se mostrão soffridos e compostos por se autorisarem, nas obras por se vingarem, são no extremo levados da ira, arrebatados, traiçoados. Por maravilha se mata um homem (e matão-se muitos) que não seja entre os abraços de Joab a Amasa, que David tanto estranhou, e Salomão vingou. E entendem tão mal a honra e o valor n'esta parte, que nem a um, nem a outra hão, que errão em toda a sorte de traições; contentando-se com ficar mais quietos e seguros acabando de cortar um homem pelo meio, quando se d'elles mais fiava, do que representavão estar pouco antes conversando e comendo ambos. E todo o primor vai em alimpar e embainhar a catana, com o rosto sereno e alegre, sem antes, nem depois lhe sahir palavra de que se entenda, nem estarem primeiro anojados, nem ficarem agora satisfeitos. E desprezando com igual arrogancia as mostras do gosto na vingança, e as

do desgosto na injuria. Não pára esta deslealdade nos particulares entre si, os mesmos são os criados para com seus amos, e os vassallos com os senhores e reis, contra os quaes só deixão de tomar as armas emquanto não achão melhor partido, e acabando de se rebellarem, e lhes fazerem crua guerra, assim tornão, e são de novo admittidos ao serviço dos mesmos, como se sempre n'elle continuárão, sem se ter por falta nem da honra no vassallo a traição, nem no principe de prudencia recolher o traidor; porque os senhores tanto se fião dos que hoje morrêrão por elle, como dos que hontem conjurárão de o matar, e a vassallagem de Japão nem é lá profissão solemne, nem menagem em vida e morte, mas como quem se assoldada só emquanto lhe bem vier.

De estarem assim desobrigados nascem os perpetuos alevantamentos em os quaes toda a sorte de maldade trasborda de maneira que não é muito andar no tempo da paz, que nunca é largo, algum tanto represada, ou coberta de cinza. Porque então, como a sua honra lh'o permitte, roubão, e furtão quanto achão, e são tão demasiados no furor, que o termo de tudo é fogo e sangue, sem perdoar a cousa viva, nem deixar em pé casa, nem templo dos seus proprios idolos, com o que de um anno para o outro ficão de muitas e mui populosas cidades só os campos, onde d'antes forão. E da continuação de tanta e tão crua guerra lhes vem a ser como natural a crueza, com que sobejamente recompensão aquella sombra da brandura nos comprimentos e cortezias.

Não darão (como diziamos) a ninguem uma má palavra, mas nem estimaráõ fender um homem d'alto a baixo, se o àchão a lanço, só por provarem os fios da espada, e semelhante ou maior crueldade é cousa de cada dia, pôrem as mãis o pé no pescoço aos filhos em nascendo, ou por se não cansarem em os criar, ou por se não atreverem aos manter. Mais acaba com elles o demonio que os faz muitas vezes algozes de si mesmos encarecendo-lhe tanto qualquer perda na honra, e tão pouco a da vida, que mui levemente rasgão com os punhaes as proprias entranhas, por não passarem a menor affronta. E é isto tão ordinario, que até os moços de quatorze e quinze annos se matão intrepidamente cada hora no rosto dos pais, só por lh'o sentirem, e não lh'o soffrerem carregado. De modo que se a morte de Catão em Utica n'elle fôra esforço, e a Roma gloria, bem vencido ficava o mesmo, e a sua cidade escurecida, do animo dos Japões. Mas a verdade é (como dizia S. Agostinho) que matar-se o Romano não foi sobejar-lhe o valor para desprezar a morte, antes faltar-lhe para não soffrer que Cesar lhe pudesse dar ou tirar a vida; da qual não é fortaleza fugir cega e furiosamente como fazem os Japões, quando se matão, mas sahir com os olhos enxutos e alegres, como fazião os martyres quando os matavão. Os enfermos miseraveis, ou estrangeiros, ou naturaes, não têm em Japão que buscar hospital, nem esperar mais que de Deos soccorro, ou piedade alguma. Onde os toma o mal ahi ficão; até não expirarem, fogem d'elles; como acabão, o primeiro que passa os lança no mon-

turo. E tendo entendimento para estimar e louvar grandemente a caridade e misericordia, a que a lei de Christo obriga na cura dos enfermos e sepultura dos mortos, não têm nem brandura, nem humildade para chegar e servir a uns, e dar aos outros aquellas derradeiras mostras de natural amor.

QUÃO DISSEMELHANTES SÃO OS JAPÕES EM SEUS ESTYLOS E COSTUMES DA GENTE DE EUROPA

(VII, 4.)

Já cuido que basta este desengano das virtudes e primores dos Japões. Tornemos agora á relação de outros seus costumes, que só pela grande differença que têm dos nossos são notaveis. Avisadamente disse quem os chamou nossos antipodas nos estylos, antes que no sitio. Porque dado que a natureza os não puzesse (como temos por mais certo) com os pés defronte d'onde nós temos os nossos, elles entre si, por até n'isto andarem comnosco ás avessas, se dous acertão de repousarem juntos, sempre um ha de ter a cabeceira aos pés do outro, e como nós trazemos a cabeça coberta, assim a não cobrem nunca lá nem homens nem mulheres no fervor da calma, e mór força das chuvas e neves, senão que os grandes vão debaixo dos que chamão sombreiros de sol. Para se pôrem a cavallo poem o pé no estribo direito, nós no esquerdo. É a

nossa corteza tirar o barrete quando nos encontramos; a sua está em despedir ao passar leve e airosamente do pé mais ou menos a chinela ou alparca, como se aprendêrão do lugar em que Deos mandou ao propheta que se descalçasse por reverencia e respeito, não que se desbarretasse. Entre nós alevantão-se logo á entrada ou vista dos maiores os menores se estão assentados; elles se estão em pé, não são cortezes se com a mesma pressa se não assentão. Dos diamantes, dos rubís, das esmeraldas, dos fios das perolas a quem os nossos Alexandrinos e Tertulianos chamárão podre da terra, e sarna das ostras, e que Europa, diz S. Jeronymo, fez tanto sentir as fazendas e patrimonios em serviço d'aquelles idolos, que por não parecerem feios querem parecer ricos, ficando não menos falsa a riqueza que a belleza. De todas estas joias, como digo, zombão e riem os Japões com tanta graça e tão bom juizo, como fizerão entre nós os philosophos e os santos, se nos valêrão.

E logo porque se não fiquem ensoberbecendo, vão pôr o preço em cousas de mais riso e zombaria, como são todas as peças que servem no cozimento da herva que chamão chá, cuja agua, posto que seja estomacal, não devia porém nem podia dar tanto valor á panella de cobre onde se coze, á trempem de ferro em que a poem ao fogo; á escudella de barro tal, porque se bebe; e comtudo quando estas peças são feitas por certos mestres antigos, elles as estimão de maneira que um pucaro de barro do tamanho dos bebedouros que entre nós poem os meninos nas gaiolas aos pinta-

silgos, derão em bom preço a el-rei de Bungo por treze mil e tantos cruzados. O qual elle mostrou ao padre Alexandre Valignano, visitador de nossa Companhia na India, por lhe fazer o mesmo gasalhado que cá fizera um principe a quem mandasse mostrar os seus thesouros. E diz que na cidade de Sacay vio entre as joias de um senhor christão uma trempem de ferro já remendada de velha, que era avaliada em mil e quatrocentos cruzados; não val menos a folha de um terçado sem nenhuma guarnição, se fôr dos lavrados pelos officiaes famosos, e peior é, que por a pintura de um passaro, ou de uma arvore feita de morta color n'um quarto de papel, que vós mal tomareis para registo de umas horas, se a mão é dos seus Apelles ou Fidias antigos, dão os senhores Japões tres, quatro, e dez mil cruzados; posto que isto menos lh'o estranhára, quem fez tanto caso do que Demetrio estando sobre Rhodes, e os mesmos cercados antigamente fizerão do painel que Protogenes ia pintando. Porque tendo o rei tomados já os arrabaldes da cidade, onde a pintura acertou de ficar, só da perda d'ella mostrárão os de dentro que se sentião, mandando por um trombeta pedir dos muros ao mesmo Demetrio, não soffresse que se tratasse mal aquelle quadro. Aos quaes elle respondeu como quem era da mesma opinião, que estivessem seguros; porque primeiro deixaria queimar as imagens e retratos de seus avós, que erão por outra parte toda a honra e nobreza dos antigos.

Tornando-nos aos Japões, o que mais espanta é que se não encontrão com Europa, e todas as outras gentes

do mundo, só n'aquellas cousas que por dependerem da liberdade dos homens podem ser tão varias, como o elles são em suas imaginações; mas ainda nas que parece não terem outro respeito que a natureza, assim estamos encontrados como se n'ella foramos differentes. Nós vestimos o preto no dó, e o branco temos por mais aprazivel, e de festa entre as côres; elles dão a palma ao preto, e o seu dó é o branco; nem se prezão menos de trazerem todos envernizados os dentes, e as mulheres nobres os cabellos, do que cá se procura que uns andem alvos e os outros sejão louros. A musica, ou de vozes ou de instrumentos, a que os nossos poetas assacavão que levava após si os bosques e abalava os montes, enxota e põe em fugida aos Japões; e a que os a elles arrebata tapamos nós os ouvidos com uma mão sobre outra. Pois nas iguarias é cousa graciosa, porque menos vai do gosto de um são ao de um enfermo mui enfastiado, que do seu ao nosso, quando uns e outros o temos mais livre e esperto. O pescado melhor lhes sabe crú; leite, queijo e manteiga por nenhum caso o soffrem, chamão-lhe bem sangue por cozer. As carnes de vacca e carneiro aborrecem, como nós ás dos cavallos; das montesinhas e das aves comem sómente as que cação, e essas guisadas de tal maneira, que nenhum de nós as comêra; nós do grão do trigo fazemos pão, elles letria; a agua, assim de verão como de inverno, a bebem quasi fervendo, não muita de um golpe, mas a tragos, ou bocados, conversando entre um e outro com os presentes; e sendo polidos á maravilha no serviço das suas

mesas, não entra n'ellas peça, nem tem um só estylo que diga com os nossos. Usão porém já porcellana da China, e baixellas de ouro; prata não, porque esta lhes serve sómente de moeda para o trato e mercancia; os perfumes, que nós achamos mais suaves, não os comportão elles. Mantemos nós aos enfermos com dietas doces, e bem cozidas, frangãos, gallinhas, e manjares delicados; o mantimento dos seus ha de ser peixe mais salgado que fresco, e antes crú, ostras, e toda a sorte de marisco, limões, e cousas azedas. E é certo que quanto nojo nos a nós farião estas suas comidas, tanto proveito lhes fazem á elles, e de tanto prejuizo lhe forão as nossas; que ou é que ainda na sorte das enfermidades e saude nos encontramos, ou (o que parece mais certo) não dependemos menos do com que nos criamos, que do que somos.

A uma cousa entre todas estas se lhes póde ter inveja, e é que nem sangrão por furioso que venha o priorís, nem as suas purgas são amargosas e difficeis de tomar, antes suavissimas ao cheiro e ao gosto, dizendo que não é prudencia despender o tesouro da vida, que assim chamão ao sangue, nem razão dobrar o trabalho ao enfermo com o máo cheiro ou sabor da mezinha.

DA LINGUAGEM E GOVERNO DOMESTICO DO JAPÃO

(VII, 5.)

Sendo n'estas ilhas os reinos tantos, como dissemos, a linguagem é uma só por todos elles; mas tão larga e varia em si, que melhor diriamos de todos os Japões, que cada um falla muitas linguas, do que dizemos que é uma lingua commum de todos elles. Porque não lhe ficou pensamento, nem cousa, para cuja significação não inventassem palavras e termos differentes; dos quaes os que servem nas praticas sisudas, não dizem nas de passatempo e graça, e de uns se ha de usar quando se falla aos grandes, de outros totalmente diversos na conversação da gente ordinaria. De sorte que a differença que nós n'esta parte sómente fizemos fallando a uns por mercê, a outros por senhoria, ou como pede o estado de cada um, fazem os Japões em todos e cada um dos vocabulos tão inteiramente como se fallárão com a nobreza em castelhano, e em francez com o povo. E passão mais adiante, que nem para com os velhos e anciãos têm as cousas os mesmos nomes que na presença dos mancebos; nem está bem ás mulheres fallarem como os homens. A nossa linguagem emfim, e as de todas as outras gentes, que sabemos, não têm respeito a mais que ás cousas que se dizem e representão, mas os Japões respeitárão sobre isso na

eleição de cada palavra ás pessoas que a hão de pronunciar, e a que tempo, e a quem se ha de dizer. Havendo que pois as palavras são o mais proprio, mais nobre e mais ordinario instrumento de todo o trato e conversação humana, e já que n'outros, que importão menos, têm tanto lugar a differença das pessoas e dos negocios, que nem os principes se vestem como o povo, nem guardão os mesmos estylos na cortezia dos mancebos e dos velhos, e no tempo dos gostos e dos desgostos; tambem era razão tivesse a linguagem a sua devida variedade. Muito mais a tem ainda no escrever que no fallar; quatorze sortes de lettras differentes, não no córte das figuras sómente, mas na propriedade e modo da significação, aprendem nos mosteiros dos Bonzos os moços fidalgos a ler e a fazer, até idade de doze annos, que é bem grande prova da viveza de seu engenho. Das quaes umas lhe servem para se cartearem com a mesma diversidade porém que diziamos das linguagens (porque a lettra em que se escreve ao rei nenhuma semelhança tem com a das cartas dos particulares); de outras usão na composição de seus livros, que têm muitos, assim em prosa, como em rima de toda a elegancia e artificio. Quanto aos caracteres, todos valem lettra por parte, e uma por muitos á guisa da China, que vem a ser o mesmo que os antigos hieroglyphicos do Egypto. Em somma a juizo dos nossos que o podem bem dar da lingua latina, e têm da de Japão alguma noticia, esta lhe faz muita vantagem, não só na grande cópia, respeitos e primores ditos, mas na efficacia e propriedade com que por

ella se declara quanto se entende e deseja, e na suavidade e eloquencia com que tudo se trata e representa.

Quanto ao governo, assim das familias como das cidades e reinos, posto que tambem n'elle são mui particulares, é o em que menos se apartão das outras gentes. As casas, por razão dos tremores da terra ordinarios n'aquellas ilhas, como em todas, são commummente de madeira, mas tão bem lavrada, e ellas edificadas com tanta architectura, que podem antes fazer, que ter inveja ás nossas; por fóra guarnecem-as de estuque feito das conchas de certo marisco, que além de as fortalecer contra chuvas, ventos e mais temporaes, vence em brancura a neve com que as cidades e villas ficão de longe não só apparecendo, mas quasi resplandecendo, e grandemente alegres e aprazíveis, pelo menos á nossa vista. A telha porém é preta, grossa de dous dedos, tão rija, bem cozida, e com o verniz tão bem dado, que dura sobre os telhados quinhentos annos sem se gastar, nem descorar; por dentro nas salas dos senhores, nas antecamaras, camaras, varandas, galerias, não se póde desejar nem mór limpeza, nem mais curiosidade. Escusão pannos de seda e raz, porque as paredes são paineis, uns de figuras que representão as historias e feitos antigos do Japão, outros de paisagem, caças, montarias, tudo de ouro, e côres as mais proprias, com tanta variedade e arte, que os que vírão o de Italia e Flandres achão lá que ver. Os sobrados cobertos todos de esteiras finas, delicadas, e tão limpas que os olhos parece vos pejais de lhe pôr, quanto mais os pés; com que ninguem entra,

senão depois de bem lavados. Estas lhe servem, para a conversação de estrados, sem pejarem a casa com cadeiras, e de catres ou leitos, para repousarem com pouca mais roupa que as dos proprios quimóes, que vestem; posto que alguns usem de cobertores da mesma palha de que se fazem as esteiras, guarnecidos com passamanes de ouro e seda.

Aqui comem os pobres como podem, todos polidamente; os ricos com tanto custo, e apparato de serviço de pagens, de abundancia de iguarias, de musicas, e representações de comedias, que estendem os banquetes por toda a noite, como o fazem os Chins, de quem o tomárão; ainda que os tenhão por imigos, que as delicias como a sarna até d'estes se pegão. A mesa não é uma só, mas tantas, quantos são os pratos, de altura todas (respondendo á postura em que estão) de um palmo e meio, e o campo de dous em quadro, tão bem lavradas de madeira de cedro com esmaltes de ouro, e côres de diversas sortes, que lhes fizera affronta quem as cobríra com os mais ricos damascos, nem mais finas toalhas. Se vêm já cortadas as iguarias, vêm juntamente compostas em pyramides de um bom palmo em alto borrifadas de ouro, que com uns garfosinhos de acipreste, que lhe vão intersachando, as faz parecer aos nossos ramalhetes; mas tambem apresentão as aves inteiras dourando-lhes com sobejo primor os bicos e os pés; e é cousa maravilhosa ver-lh'a desfazer, comer, e apartar (que é mais) as espinhas de um savel com aquelles dous páos, com que sómente tocão, cortão, e levão tudo á boca tão limp

e subtilmente, que os pratos a seu tempo ficão despejados, e nas esteiras e mesas por nenhum caso cahirá um confeito de rosas.

Em agasalhar, e festejar os hospedes são largos e leves; tão prolixos porém nos comprimentos forçados da mesa, que é menor tormento soffrer a fome, que atural-os. Só um pucaro da sua agua quente vos ha de custar saber e cumprir com oito leis differentes de cortezias.

Ninguem veste senão seda de verão delgada e singela; de inverno com mais corpo; e forrão-a sobre isso da borra da mesma, que pesa pouco, e conserva muito a quentura; e é bem para notar serem os Japões entre si tão conformes em todos seus estylos, que têm posto e assignalado um dia certo, no qual por todas as ilhas se deixem as roupas de um tempo, e tomem as do outro, de tal maneira que todos a uma amanhecem vestidos, quando de verão, quando de inverno.

No matrimonio, assim na largueza do numero, como na facilidade do divorcio, sem ser caso de queixas, nem affronta, são quaes todos os infieis. Os adulterios porém castigão com pena de morte de ambas as partes, a republica com as leis, e com a execução os offendidos; por quaes se tem não só o marido, mas tambem os irmãos e parentes da adultera. Crião os filhos, como já toquei, sem nenhuma brandura; porque até os principes os poem e trazem fóra de casa, e mais tempo caçando no matto, que ociosos no paço. O primeiro leite é honra, e por ella

dissimulação no soffrimento assim dos outros, como de si mesmos. Até os quatorze annos continuão nos mosteiros dos Bonzos aprendendo a variedade das linguagens, e lettras, que dissemos, com que juntamente ficão doutos na maior parte de seus estylos, que quasi não têm conto. E este é o termo, em que todos cingem espada e punhal, armando-os como cavalleiros os mesmos Bonzos com grandes solemnidades, e ceremonias ordenadas para aquelle auto. Todo o homem em sua casa é senhor soberano dos filhos e criados, para os ferir e matár sem o rei da terra lhes poder ir á mão, nem pedir conta do feito por justiça; que é outra porta mui larga para as crueldades, que diziamos; e que parece se abrio com a mudança do governo politico de todo Japão, com que entrárão na terra outros muitos males.

DO MODO DE GOVERNO, E POLICIA DOS JAPÕES

(VII, 6.).

Haverá, segundo suas tradições e annaes antigos, de quinhentos para seiscentos annos, que nas ilhas de Japão não havia mais que um só rei, e senhor natural, cujo era por direito de successão de muitos annos o mero e misto imperio de todas ellas. Governava, e mantinha o Huo, ou Dayri (que de ambas as maneiras se intitula), suas terras e vassallos em muita paz e

justiça, servindo-lhe sómente as armas para se defenderem dos vizinhos, com que tinhão guerra. A qual com a mór parte do governo estava á conta de dous principaes senhores e capitães, que elles chamão Cubos. D'estes foi um no tempo que dissemos, e principio das traições e perpetuas guerras civis de Japão. Porque não sómente não soffreu o companheiro, a quem tirou a vida, mas pôz de parte ao rei, deixando-lhe do senhorio e estado sómente o titulo vão de Huo, e Dayri. Tomárão logo os capitães das provincias e cidades as armas contra o Cubo, não tanto pelo castigarem, como para o imitarem; que assim nos leva ordinariamente mais o máo exemplo, que o bom zelo. E trabalhando cada um de se avantajar n'aquella agua envolta, todos os que puderão se intitulárão Jacatás, que é o mesmo que reis das terras que governavão, e das vizinhas. Ficando-lhe ao primeiro traidor, com o titulo de Cuboçama, a posse do Quinay, ou Tenca, e da cidade Miáco, que, como já dissemos, é a melhor da mesma provincia. D'aqui nasceu aquella monstruosa divisão dos sessenta e seis reinos; persevera comtudo até agora o titulo de Huo, e Dayri, na casa e successão real sem outra autoridade, nem poder, que o que lhe conservou a propria ambição dos Jacatás, que o desapossou de tudo o mais. Porque estimando, e adorando elles a honra sobre quanto temos dito, houverão que lhes fazia muito ao caso deixar o juizo e distribuição d'ella nas mãos, e vontade do que representasse o natural e supremo senhor de todo Japão, parecendo-lhe que se a tomassem por si mesmos, não seria tão justi-

ficada, e que ficaria, se a aceitassem de outrem, menoscabada. Por este só respeito deixárão ao Huo com o mesmo poder que tinha de dar os gráos na honra a todos os grandes e senhores, e de lh'os accrescentar e tirar, atrasando-os ou avantajando-os segundo lhe parecésse, assim nos titulos por que se nomeião, que respondem ás nossas altezas, excellencias e senhorias, como em certas lettras ou figuras de que usão no signal do proprio nome, e montão o que entre nós brasões das armas. Nem lhe importa pouco á chancellaria, porque a insaciavel ambição dos Japões tem posto o preço tão alto a cada cousa d'estas, que só por se conservarem, e melhorarem n'ellas, não ha rei, nem senhor, que não tenha na côrte do Dayri seus embaixadores e agentes em perpetuo requerimento d'ellas, fazendo-lhe todos os annos pelas haver, muitos e ricos presentes, que bastão com o pouco, que tambem lhe dá como de pensão o Jacatá, ou rei da Tenca, para viver com apparato e magestade real.

Tudo o mais assim quanto aos rendimentos das terras, como á jurisdicção dos vassallos, e inteiro governo da paz e da guerra, é in solido dos reis e senhores particulares. E consta a republica, como entre nós, de quatro sortes de pessoas : religiosos, ou por melhor dizer, supersticiosos, a quem pertence o culto de seus Deoses, e doutrina de suas seitas, dos quaes fallaremos no seguinte capitulo; senhores, e nobreza; povo de mercadores e mecanicos; lavradores e gente de serviço. D'estes ha uma multidão infinita, em tudo sujeitos aos que servem, ou nas casas,

ou nas lavouras, sem viverem mais que do seu jornal, porque não têm casaes nem parte alguma nos fructos das herdades. O trato quasi todo consiste na sua prata, e nas sedas da China. Na mecanica são extremados: armeiros não os ha melhores no descoberto, que assim cortão pelo nosso ferro as suas catanas, como por lenho brando. As lanças são mais compridas e menos pesadas que as nossas. Os mosquetes, e toda a sorte de armas de fogo, não lhe fazem vantagem os da Allemanha; tambem refinão a polvora como onde melhor na Europa. Nos adereços dos cavallos e invenções de jaezes não ha mais curiosidade. A impressão não a tivemos nós primeiro.

Quanto á nobreza, em nenhuma parte se lhe tem igual respeito, e podemol-a dividir em tres estados: no dos Jacatás, ou reis soberanos; no dos senhores de titulo, a que chamão Tonos, e são differentes e varios como cá os duques, marquezes, condes; e no dos fidalgos particulares. E para que se entenda como todos se servem, e são servidos, em Japão as cidades, os lugares, os campos, toda a terra emfim é inteiramente patrimonio e fazenda do rei; esta reparte elle pelos senhores e fidalgos, dando a uns mais, a outros menos, segundo lhe parece, com uma obrigação, e uma só reservação. É a obrigação de servirem no tempo da paz na côrte luzidamente, conforme a suas qualidades; e na guerra no campo com certa gente armada, e manteúda ás proprias custas, sem haverem nem esperarem por nenhum d'estes serviços outra moradia, soldo, nem mercê do principe, mais

que o que comem de suas terras, que por isso lh'as dão de todo livres, e isentas de qualquer fôro, tributo e direito real; e como os senhores e fidalgos são muitos no reino, tambem é muito o que os Jacatás repartem por elles, ficando-lhe para seu prato, e gastos reaes sómente os campos e herdades, que elles escolhem, e mandão cultivar á sua conta. Da mesma maneira pagão os senhores de titulo aos nobres de sua casa, assignando com as mesmas obrigações a cada um os rendimentos de um pedaço de suas terras, e vivendo do mais. D'onde procede serem os reis, e grandes de Japão por uma parte muito menos ricos de dinheiro que os de Europa, e por outra representarem tanta, e maior grandeza que muitos dos nossos, assim em suas côrtes, as quaes sempre têm cheias de muitos fidalgos, que por se tratarem, e acompanharem todos nobremente com muitos criados de librés, muitas sedas, muitos banquetes, as fazem quão lustrosas as póde querer o mundo; como tambem, e principalmente na guerra, ajuntando e formando em muito breve espaço grossos e poderosos exercitos de gente de pé e de cavallo, com toda a sorte de armas, munições e mantimentos; a maior parte dos quaes pagão os senhores e fidalgos conforme a obrigação, com que dissemos possuião as terras. O que el-rei n'ellas reserva é o direito e poder de lh'as tirar, quando e como fôr sua vontade, passando-os a outras, ou deixando-os sem cousa de que vivão. E executão-o cada dia assim com tanta facilidade, que d'este continuo exercicio, dizem alguns lhe vem aquella espantosa

philosophia, com que o mesmo rosto fazem ao bom e ao máo da fortuna; de cujos bens nunca se hão por senhores, como realmente o não são, porque ninguem possue o pé de uma arvore de juro, nem de tença, nem são mais os estados e rendas dos Tonos e fidalgos, que ordenados, ou ainda mercês ordinarias dos reis, que logrão sómente emquanto se não manda o contrario. E porque responda o serviço á paga, e a vassallagem ás mercês, por isso tambem os subditos se hão por tão isentos e livres, como diziamos, para deixarem os principes quando lhes bem vier, sem serem mais notados de traidores tomando contra elles as armas, que os reis de tyrannos por lhes tomarem a elles as fazendas. D'aqui mais se segue, que quão pouco seguros vivem os vassallos do que comem do rei, tão pouco o está nenhum rei de envelhecer no reino, e o deixar a seus filhos; antes é mui ordinario o que hoje tem o sceptro, ver-se amanhã sem nada; e Jacatá de muitos reinos o que hontem era pobre soldado, ou cavalleiro de uma lança. E comtudo subindo, antes saltando de tão baixo á magestade real, assim a representão, como se nascêrão reis e senhores do mundo. As entradas nenhum principe de Europa as dá mais apertadas; os requerimentos e despachos por memoriaes; as vistas mui raras, e n'essas não são venerados, mas adorados do povo; a guarda de suas pessoas qual pede o temor e a força, que é a que tudo governa; especialmente nas causas crimes, em as quaes não ha outros auditorios, para onde sejão citadas e ouvidas as partes, nem promotor, nem advogados, nem teste-

munhos, nem contraditas, nem modo algum de defesa e fórma de juizo; e o que é mais, nem cadêa, nem carcere em todo Japão; todo o direito e justiça está no que o rei quer fazer dos grandes, e de todos; no que os Tonos e senhores dos seus; no que os amos dos criados; os pais dos filhos, e cada um (como já disse) da propria familia, sem haver outra sorte de pena, que desterro com perda de fazenda, ou morte a ferro. A execução da qual ordinariamente é á traição, tomando os ministros, que os senhores a isso mandão, os réos descuidados, e despachando-os logo, como se os matárão por odios e razões particulares, e não por justiça. Porque de outra maneira nenhum se deixa prender, nem justiçar, senão depois de vender mui bem a propria vida.

Aos senhores e fidalgos mais illustres manda o rei primeiro cercar as casas ou lugares com a gente de guerra que parece bastante ao feito; e logo se lhe quer fazer honra e mercê deixa-lhes em sua mão, ou que se matem, ou que se defendão. Se escolhem pelejar dão sobre elles, e sobre todos seus parentes, amigos e alliados, os soldados do principe, durando a briga com morte de ambas as partes até não ficar da familia do fidalgo, ou senhor, nem pessoa, nem casa, que não passe pelos fios do ferro, e furia do fogo. Se o réo ha de ser o matador de si mesmo está a honra em se escalar, e abrir em cruz com o proprio punhal, e arremessal-o após isso para o céo, como protestando que nem de lá tem medo morrendo, nem da terra vivendo o tivera nunca, não menos soberbos no padecer da

pena, que no commetter da culpa, como o é nos eternos tormentos o mesmo Satanaz, que lhes persuade o peccado, e procura o castigo. Mas se n'alguma cousa se mostrão de animo grande e generoso é que todos, assim reis como senhores e fidalgos principaes, não esperão ordinariamente pela propria morte, ou alheia violencia, para deixarem o imperio e governo dos Estados e casas; antes por ordinario estylo de todos, como vão entrando na idade, e seus filhos chegão a dezoito annos, largão-lhes tudo, reservando para si da fazenda o que basta para uma vida retirada; da jurisdicção nada, contentando-se de lhes ficar servindo de conselheiros aposentados, ajudando-os com avisos e lembranças necessarias ao governo conforme a sua larga experiencia e muita prudencia. Exemplo tanto digno de maior louvor, quanto dissemos que é no Japão a honra e grandeza mais cubiçada e adorada; senão que lhe achárão que a mesma ambição, que lh'a faz procurar, lh'a faz deixar, não só porque se mostrem grandiosos em a largarem e desprezarem, mas porque nem dos proprios filhos estão seguros, e hão por mór affronta ser por elles desapossados, que aposentar-se por si mesmos. De modo que a mesma soberba, que primeiro os faz traidores para tomarem os reinos a seus senhores, os faz depois cobardes para dar a posse d'elles por puro medo a seus proprios filhos. A verdade é emfim, que com aquella primeira rebellião do Cubo, e deposição do Dayri, de tal maneira desappareceu o socego da paz, e bom governo da justiça de todas as ilhas de Japão, que não houve

até hoje, nem ha em alguma d'ellas reino; nem cidade, lugar, nem casa, onde os principes e cabeças não vivão com os mesmos temores e suspeitas; e os povos, vassallos e criados não andem assim inquietos, e com as armas nas mãos, como o estavão uns e outros no proprio tempo e dia em que o Cubo se alevantou, e tudo se revolveu. D'onde as guerras civis, traições e dissensões particulares sempre forão e são tão continuas, que das dez partes da gente as oito morrem a ferro; nem parece que têm os Estados outro direito ou titulo mais que o das armas; mas ninguem se espante de ouvir como anda ha tantos annos a ira e justiça divina com a espada na mão, sem, ao que parece, acabar de se fartar de sangue dos tristes Japões.

SEITAS DO JAPÃO

(VII, 7.)

Por ora sómente desbastaremos o mais grosso de suas quasi infinitas superstições. Entre as quaes a mais antiga, propria e natural da terra é a dos Deoses, a que chamão Camis. Forão estes dos primeiros reis de Japão, e alguns filhos e descendentes seus, e outros que mais se assignalárão, ou na paz, ou na guerra, em beneficio da republica, e a quem o povo ignorante por o mesmo respeito se affeiçoou tanto que lhe vierão a dar honras divinas.

. . . .

Nem os Japões se pejárão mais de inventar mil fabulas, umas monstruosas, outras dignas de riso, e todas feias e torpes no modo do nascimento, vida e morte dos taes Deoses, que os poetas gregos e romanos de quanto ensinárão e escrevêrão dos seus. Não passava o interesse e premio que d'esta sorte de idolatria esperavão da vida presente. Porque nem ácerca d'elles a divindade dos Camis se estendia a mais que a poder dar saude, fazenda, filhos, novidades nos campos, victoria na guerra, e os outros bens semelhantes; nem aquelles primeiros idolatras tratavão pouco, nem muito da immortalidade das almas, e dos bens e males que as esperão ao sahir dos corpos. Vivem os que seguem esta seita tão feia e torpemente, como elles mesmos dizem que vivêrão os Camis, que por isso o demonio lh'os fez fingir peiores sem duvida do que forão; porque não duvidando de se conformar nos costumes aos que se sujeitavão por adoração, tivessem mui largos os termos da maldade. A qual ajudou muito a entrada da superstição dos Fotoqués, que podemos chamar a segunda e principal de todo Japão, aonde veio ter da China; porque ainda que os Japões sejão imigos dos Chins, e os tenhão em pouco no que toca ao primor da honra e valor das armas, nas lettras e invenções das seitas sempre lhes derão vantagem. Esta dos Fotoqués préga outra vida; e n'ella diversos infernos e paraisos, onde as almas penem ou reinem segundo o que cá merecêrão; e são infinitos os desbarates que sobre isto inventárão, pondo uns a gloria na companhia dos Fotoqués, outros na conversão em a propria

substancia dos mesmos. Muitos, como antigamente os Pithagoricos, dizem que primeiro que o espirito humano chegue a se transformar assim divinamente entra milhares de vezes n'este mundo, ora n'uns corpos, ora n'outros, tanto de homens, como de diversos animaes. Mas emfim toda esta fabulosa theologia lhes dá esperanças de immortalidade no seu paraiso. E entregão-se os Japões á tal opinião de vida immortal tão obstinadamente que o que fez um Cleombroto Ambraciota (como escreve Marco Tullio, e refere S. Agostinho) arremessando-se do alto do muro no mar, por ir gozar mais depressa da vida eterna, logo como acabou de ler o que d'ella Platão n'um dos seus Dialogos mais disputava que certificava, fazem em Japão cada dia homens e mulheres sem conto matando-se com diversos generos de mortes, e algumas crudelissimas, com grandes festas e alegrias dos que acabão, e muitas lagrimas de falsa devoção e invejas (que elles têm por santas) dos que ficão, e se achão presentes; por uns e os outros terem por certo, que assim vão pela posta ao paraiso de Xáca, que foi antigamente um philosopho natural do reino de Sião, homem soberbissimo e perversissimo, é o principal autor dos Fotoqués e o segundo entre elles. Porque o primeiro lugar deu o mesmo Xáca a Aminda, de cujas monstruosas perfeições, e fingida virtude, para levar almas á sua gloria, escreveu milhares de livros. E é bem digno de consideração, que o que n'elles mais trabalha por fazer crer aos seus, é ser tão grande o amor que Aminda e o mesmo Xáca têm aos homens, que por muitos e enor-

mes peccados que commettão não deixárão de os salvar se sómente tiverem fé, e confiança na sua misericordia e merecimentos. E para lhes aquietar e segurar de todo as consciencias, ordenou certas palavras com que os cegos adorão os mesmos Fotoqués, e lhes pedem a salvação, persuadindo-os que basta pronuncial-as para a terem certa, e accrescentando que nenhuma cousa os póde condemnar e perder se não desconfiarem ou duvidarem d'isto; porque finge, e diz que foi tão santa e meritoria a vida, tão aspera a penitencia que fizerão pelos homens, que além de ser desnecessario e superfluo tudo o mais que cada um por si fizesse, seria grande affronta para os mesmos Fotoqués tratar ninguem de ajuntar nem outras obras de virtude ás suas, nem outros castigos e satisfações pelos proprios peccados.

BONZOS

(VII, 8.)

Elles têm primeiramente por sua escriptura os livros de Xáca, a que dão supremo credito, e ainda mais particularmente a um que o mesmo embaixador escreveu por derradeiro, que é o que chamão Foquequio, revogando em parte a doutrina dos outros, e dizendo que os fizera, ou deixára fazer a seus discipulos por se accommodar á rudeza do povo; e que

para o Foquequio guardára o profundo e excellente de seus mysterios; sobre o qual são infinitas as grosas e commentos, com que depois sahírão, e ainda hoje sahem os Bonzos mais lettrados.

. . . .

Bonzos é o nome commum dos ministros deputados ao culto dos Deoses Camis, e são uma infinita multidão de gente espalhada por os sessenta e seis reinos. E posto que tenhão differentes profissões e estado, como logo veremos, todos convêm em tres cousas, no fingimento do celibato, porque lhes não é licito o matrimonio; na abstinencia de toda a sorte de carnes e pescados, que sómente podem comer arroz, hervas e legumes; e em andar rapados de cabeça e barba, em signal de haverem desprezado e deixado o mundo. D'estes, uns vivem entre o mais povo das cidades e lugares, onde têm á sua conta o serviço das varelas, ou templos dos idolos; outros estão recolhidos e juntos em mosteiros, que os ha muitos e mui grandes, de homens e de mulheres, a que puderão chamar Bonzas, mas não lhe chamão senão Biconís, com a mesma obrigação de continencia, posto que tão mal guardada, e é cousa maravilhosa, que com ser toda esta gente, assim Bonzos, como Biconís, a mais torpe nos costumes, mais soberba, cubiçosa, cruel, ambiciosa, e conhecida por tal entre os Japões, é juntamente a mais respeitada e venerada de todos elles; só á conta de os terem tomado por ministros de suas superstições. Não se póde fallar com tanta brevidade no infinito numero e grandes riquezas dos seus mosteiros.

Um rei houve, que lhes dotou toda a serra de Fyenoíyama, que é o melhor e mais aprazivel pedaço de todo o Japão com algumas villas vizinhas, e duzentos mil cruzados de renda, para a sustentação dos Bonzos, e fabrica dos conventos de todas as seitas. Dos quaes, ao tempo que o padre-mestre Francisco lá entrou, ainda ficárão em pé quinhentos dos muitos que assolárão e abrasárão as continuas guerras. N'um d'estes está aquelle espantoso templo cujo altar agasalha mil e quinhentos idolos da estatura de um homem, todos dourados, e bem repartidos em nove ordens ao redor de um principal, e de muito maior grandeza, a quem os outros fazem companhia e côrte. É cada um de tres cabeças, e quarenta e tantos braços; pelos quaes os Bonzos dizem que se representão as forças e perfeição do poder dos seus Deoses. Por onde quando muito parece, que significão tambem pelas tres cabeças a providencia e saber que fingem nos mesmos. Não têm conto as lampadas de ouro, e outros ricos dons e presentes que os reis e senhores de todo Japão offerecem, e mandão a este templo antes que entrem nas guerras, em que sempre andão.

Passo pela cidade de Nara, que com ser mui grande e populosa, a maior parte d'ella são mosteiros e templos de idolos. N'um dos quaes está o de Xáca, todo de metal dourado e lavrado, e de tão descompassada grandeza, que pondo-lhe na cabeça uma pomba, não monta mais, que uma carriça á vista dos que estão debaixo. O que nos escrevem das columnas, portaes, e pateos d'estes edificios parece que mais facilmente se

diz, do que se imagina. O padre Luiz Frois, de nossa Companhia, que hoje vive n'aquellas partes de Japão, e n'ellas, e nas da India ha muitos annos, que serve ao Senhor na conversão e doutrina dos Orientaes com sua prégação e exemplo; e na consolação de todo o Occidente com suas cartas; refere n'uma d'ellas, que contou n'um d'estes templos noventa e oito columnas de cedro, n'outro setenta, que ainda depois de lavradas tinhão de roda cada uma tres braças e meia, e a altura em proporção, que era mui grande; e todas de tanta obra, que nenhuma houve que não custasse assentada na base cinco mil cruzados. São os portaes de quarenta pés em alto, e vinte e cinco de largo, com espantosas estatuas de uma e da outra banda, que representão porteiros, dos quaes alguns de immensa grandeza têm suas maças nas mãos, e debaixo dos pés ao demonio, da maneira que o nós pintamos ao Archanjo S. Miguel. A limpeza não se vio maior; porque até para a dos pateos ha homens deputados com salario, que não soffrem no chão nem uma palha. Mas toda a magestade e riqueza dos templos, e mosteiros de Nara, e da serra, posto que sejão muitos e mui grandes, ficão tanto áquem dos que ha na cidade de Miaco, que por não prejudicar á fé da historia, não entrarei n'elles, nem na frescura das suas cercas. As invenções dos jardins de flôres, e rosas tão varias, e assim criadas, que mais parecem curiosidades da arte, que fructo da natureza; os parques, os lagos, as fontes, e ribeiros, que tudo regão, e correm; as coutadas de todas as sortes de pescados, e de aves de mil côres

com infinita variedade de caça isenta, e segura de quem a busque, e canse, podem-se mal não digo contar, mas pintar. Quanto á gente, que povôa estas casas, pela maior parte é a principal nobreza. Porque como os reis e senhores sejão tantos no Japão, e tenhão ordinariamente muitos filhos, sempre alguns d'elles, que não podem montar tanto por outra via, tomão esta dos Bonzos. E costumão os pais a lhes edificar mosteiros, e applicar renda, onde, e de que vivão conforme a sua qualidade. Aqui é para ver, e muito mais para rir de quão de vagar se pôz o demonio a enfeitar, e compôr estes seus tão santos religiosos, com só aquillo porém, que não faz o frade; porque elles nos habitos, que vestem, são differentes não só dos seculares, mas entre si; que uns andão de preto, muitos de rôxo, de pardo outros, outros de amarello, e das mais côres conforme á diversidade das ordens, ou seitas. Trazem contas na mão, como os nossos rosarios; rezão, e cantão em côro aos seus idolos, assim Bonzos, como Biconís, suas prosas antigas, e bem compostas, respondendo-se a versos uns aos outros com grande repouso, e maior apparato. E têm horas deputadas para se ajuntarem todos a estes diabolicos officios, como são em dando meia noite; no qual tempo se detêm no côro perto de uma hora. E tornando-se a recolher, ajuntão-se outra vez em rompendo a alva, e outra depois de nascer o sol cantando, e havendo-se sempre de tal maneira que vos parecerá que estais a umas matinas, e a uma prima ou terça dos mosteiros melhor officiados e servidos,

ou igrejas cathedraes de Hespanha. E o que peior é que a todas estas horas é o convento chamado com sinos, que para isso tem muitos e mui grandes; e com os mesmos dão signal ao povo em certos tempos para se pôrem de joelhos, e fazerem oração com as mãos alevantadas ao céo, como nós costumamos em anoitecendo, e em Italia tres vezes ao dia por reverencia da Annunciação da Virgem. Não nos detenhamos nos dormitorios das suas cellas; nas communidades dos refeitorios; nas ceremonias dos sacrificios; nas exequias dos defuntos, que os Bonzos celebrão com grande magestade; nas indulgencias, e perdões, que fingem dão para vivos e para mortos; nos habitos em que os enterrão dizendo que vão assim direitos ao paraiso; nas festas mais solemnes, que pelo discurso do anno têm, e fazem aos Camis e Fotoqués, entre as quaes tambem entra uma em commemoração das almas de todos os finados. Sómente da fórma em que prégão ao povo se não escusa dizer um pouco.

DAS PRÉGAÇÕES DOS BONZOS E OUTRAS CEREMONIAS

(VII, 9.)

Em cada templo ha seu pulpito de muito mais fabrica por certo que os nossos. São os seus quadrados de altura de duas braças, e da largura de uma boa camara, cercados por todas as partes de duas ordens de

varandas; umas sobre o auditorio, outras mettidas mais dentro. No meio está a grande e soberba cadeira, que é a propria a que David chamou da pestilencia; fica á vista de todo o povo, e tem diante armada uma mesa com sua campainha, e livro aberto; cobre tudo um rico docel. 'As horas do sermão correm primeiro o sino por grande espaço para que a gente se ajunte. E ella que o faz com tanto concurso, que são ordinariamente os ouvintes duas, tres mil almas. Cheio o templo, entra e sobe o prégador revestido n'uns habitos de seda mui fraldados com um leque ou abano de ouro na mão representando tanta modestia e magestade de que só com ella faz benevolo e attento o auditorio. Assenta-se, toca a campainha, que é seu signal da cruz, a que logo pára o reboliço e desassocego da multidão, e primeiro que tudo lê pelo livro o texto sobre que ha de discorrer, como fazem em muitas provincias de Europa os nossos prégadores, posto que em Italia e Hespanha o estylo seja dizer de memoria a lettra do Evangelho. Entra logo em suas considerações, autorisando-as com lugares que cita dos livros de Xáca, e dos interpretes, sobre elles dilatando-as com summa eloquencia, e conservando sempre grande madureza e peso no dizer, posto que pretenda e alcance dos ouvintes todos os affectos, porque se ajoelhão, desfazem em lagrimas, chamão a vozes e gritos por Aminda e Xáca, dão e deixão ao mosteiro grossas esmolas. Estudão estes prégadores, e os mais Bonzos, em universidades que os reis em diversas partes fundárão, de grossas rendas para salario dos cathedra-

ticos, e mestres das seitas de Japão. E porque nada ficasse ao demonio na policia das sagradas religiões da Igreja catholica por arremedar e fingir, tambem lá inventou uma desordenada ordem militar, a que chamão dos Nengoros, e consta de duas sortes de Bonzos; uns que são os menos, continuão no côro, e têm á sua conta o culto dos seus idolos e templos particulares; outros seguem a guerra, recebendo soldo de qualquer rei e senhor que os chama. Farão estes cavalleiros não de Christo, nem de S. João, mas de Cacubao, que tal é o nome do seu Cami, um numero de trinta mil homens, a melhor soldadesca de todas aquellas partes. São senhores de dous reinos que a sua communidade conquistou, gente rica, e alguns particulares o são tanto que passão de cincoenta e sessenta mil cruzados de renda. Têm por obrigação fazer e apresentar cada dia no armazem da republica cinco frechas; e professão a honestidade com tal rigor, que mulher nenhuma póde nem sómente entrar nas suas cidades; o que o demonio lhes soffre pela grande recompensa de abominaveis torpezas, que á mesma conta são entre elles mais publicas e mais estimadas que entre a gente de bem o casto e legitimo matrimonio. Quanto aos prelados por que se governa todo este supersticioso estado de Bonzos e Biconís, como o demonio o tirou a elle pela sombra do nosso ecclesiastico, assim fingio nos superiores e cabeças uma jurisdicção e subordinação que arremeda ás de cá. Os mosteiros têm seus superiores feitos por eleição. Nas cidades ha Tundos, que respondem aos bispos e arcebispos, e a quem

obedecem os Bonzos, assim conventuaes, como os das varelas, e recorrem nas duvidas e casos que succedem sobre o culto dos idolos, e observancia das seitas. Estes mesmos Tundos confirmão os prelados dos mosteiros menos principaes, e têm autoridade para dispensar n'algumas cousas leves.

PROCEDIMENTO DE S. FRANCISCO COM O BONZO TUNDO

(VII, 10.)

O Tundo era um velho de oitenta annos, a quem pela grande opinião que todos tinhão de sua sabedoria, intitulárão Ninxit, que é o mesmo que Coração da verdade. Assim lhe quadrára o nome. Tinha porém de philosopho amal-a, e desejal-a; porque os presentes e frutas da India e Portugal, com que o padre-mestre Francisco o grangeou, forão boas praticas da immortalidade da alma, ponto em que elle, andando já por sua velhice tão perto de o ir experimentar, estava ainda por se resolver. Umas vezes (como se acudíra e fallára por si a mesma alma) corria-se de igualar comsigo os brutos animaes, antes de se fazer n'esta parte mais sujeito e miseravel que todos. Porque estes como não hão de ter outra vida, assim os não afflige o pensamento e cuidado d'ella; dormem quieto o seu somno, pascem alegres, e correm seguros os prados; fazem seus ninhos, e crião seus filhos, sem pena do que pas-

sou, nem temor do que está por vir, que se pouco os cansa o que foi antes de nascerem, porque então ainda não erão, menos os desassocega o que será como morrerem, porque depois é certo que não serão. Mas ao homem mais o assombrão os cuidados da immortalidade, que a certeza da morte. Porque como vê que lhe é forçado morrer brevemente, assim adivinha que ha de viver para sempre. O que se assim não houvera de ser mal o trouxera por certo a natureza, não digo enganado, mas atormentado. Não bastava á miseria humana ter o prazo d'esta vida por tanto menos annos, e com tanto maiores sujeições e necessidades, que muitos dos animaes? porque ha sómente o homem de pagar como tributo o continuo temor da outra? sem duvida se aquella não houvera de ser eterna, têl-o elle fôra vaidade, e dar-lh'o a natureza crueldade. Senão que como o Creador do universo nos avantajou aos brutos (que de todo morrem e acabão) no espirito de vida immortal; assim quiz, e fez que tivessemos esta noticia, e temor natural da mesma immortalidade, porque nos servissem de freio e esporas, com que emquanto cá vivemos nos avantajassemos nos costumes, e desviassemos do seu viver bestial. Assim batia algumas vezes a verdade ao coração de Ninxit, obrigando-o a confessar ao padre-mestre Francisco, que não podia ser que acabasse o entendimento e alma do homem com a carne; pois viamos que estando esta enferma, quasi gastada ou da muita idade, ou de algum accidente, estava juntamente muitas vezes a razão, o juizo, a liberdade que é tudo na alma, com mais vigor, mais

inteireza; e que parecia justo que não morresse, nem acabasse com o que com elle se não consumia, nem envelhecia. Mas outras horas, fazendo a mesma carne seu officio era para haver dó da cegueira do Bonzo; porque, como fôra criado, antes estava cevado de tantos annos no rebanho de Epicuro toda a vida, que não houvesse de ser saborosa á carne, tinha por ociosa, antes se lhe representava ser impossivel viver alguma cousa do homem sem os gostos, que entrão pelos sentidos; e que pois estes acabavão na morte, ella devia ser o cabo de toda a vida.

MORTE DO PADRE ANTONIO CRIMINAL

(VII, 17.)

Achando-se pois aqui o padre Antonio todo occupado na doutrina e consolação espiritual e corporal d'aquella nova christandade, subitamente veio sobre ella um corpo de gente armada, que farião seis mil Badegás, alevantados pelos Bramenes do famoso pagode Trichandur, que está duas leguas de Punicale, para vingarem as affrontas, como elles dizião, do seu idolo. Residião alli alguns Portuguezes, mas além de não chegarem a quarenta homens, os imigos o souberão bem espiar, e tomar desapercebidos de polvora, desfeitos das armas, sem pensamentos de guerra. Respondeu a turbação ao sobresalto. O lugar não tinha

muros, nem repairos que o defendessem ; e quando os houvera, os Paravás são gente branda, e fraca por natureza, criada e exercitada em pescar, e não em pelejar; e os Portuguezes, em que estava toda sua força, retirárão-se com tempo aos navios. Era lastima ver fugir uns para a praia por salvar as proprias vidas; outros para o lugar a pôr em cobro as das mulheres e filhos; muitos corrião sem tino ora a uma parte, ora a outra; quem se arremessava a nado; quem entrava pelo mar com a agua até a boca por alcançar os bateis. Alguns se embaraçavão em tirar das casas sua pobreza, outros a tudo querião dar fogo, antes que o roubassem os imigos. Nenhuma ordem, nenhum conselho, nenhum accordo, sem haver, nem se ouvir mais que lagrimas, prantos, grita, queixumes das mulheres, das crianças, dos homens, de todos. Só uma esperança havia de remedio, e era mandar o capitão dos Portuguezes pedir as pazes aos imigos com alguma honesta condição. Vai-se o padre sobre isto ao navio; representa-lhe a innocencia dos que morressem; o perigo da fé dos que captivassem, a affronta das mulheres, o desamparo de tantas crianças, a destruição da Igreja, o estrago da terra. Mas são tão furiosos os estylos da guerra, que antepõe um capitão á salvação dos seus ter que vingar nos imigos; e mais quer lhe devão a elle as vidas dos que lhe matão, e elle era obrigado a defender, que não fical-as devendo aos que á sua petição lh'as perdôão. Não veio em nada o Portuguez, dizendo que só era obrigado a aventurar a vida pelos Paravás em caso que fosse de

proveito, mas em nenhum a honra; e sobre isso trabalhava por deter comsigo na embarcação ao padre Antonio Criminal, lembrando-lhe, que já não tinha que ir buscar á terra senão a morte, sendo tão importante áquella christandade, que lhe vivesse para os ajudar por muitos annos, e tão pouco morrer aquelle dia sem lhe fazer nenhum serviço. Assim lh'o pedião não sómente os outros Portuguezes, mas os mesmos christãos da terra, estimando mais a vida do seu padre só, que a de todos seus filhos e parentes juntos. Não puderão todavia tanto com o padre as razões dos que já estavão em salvo nos navios, como as lastimas dos que ainda ficavão desamparados na praia. Com mais pressa da que trouxera, se tornou para elles; e o primeiro caminho foi á igreja (onde aquella mesma manhã dissera missa) a offerecer a Deos a propria vida, e a lhe encommendar como a eterno e verdadeiro pastor as ovelhas; e logo recolhendo toda a gente que ficava na terra, faz volta com elles levando-os diante de si para o mar onde instava todo o possivel porque se embarcassem, especialmente as mulheres e os meninos; sem fazer caso dos que de todas as partes lhe pedião se salvasse tambem a si mesmo. Antes vendo que se vinhão os barbaros chegando, abalou só para elles com um rosto alegre e sereno, não a ferir e a ser ferido, nem a morrer matando, qual foi a falsa devoção dos Decios romanos, quando enganados dos sonhos supersticiosos e diabolicos, e muito mais da vanissima ambição do nome, e fama do proprio valor, e amor dos seus, se mettêrão armados pelos exercitos imigos;

mas a esperar, receber, e agasalhar a morte, como fazemos aos hospedes de mais qualidade e obrigação, quando por mostrar que lh'a temos sahimos aos tomar fóra de casa; assim se foi o padre Antonio a encontrar com os Badegás, cheio das esperanças da immortalidade, e santamente levado e movido do exemplo e doutrina do Senhor, que no horto sahio a se offerecer e entregar aos imigos, e salvou aos discipulos, tendo d'antes dito que assim o faria sempre o bom pastor. Estando já pois a tiro dos do primeiro esquadrão, põe-se de joelhos com o peito n'aquella gente féra, as mãos alevantadas, os olhos pregados no céo, mostrando n'esta formosa postura que dos barbaros, pois nem olhava para elles, não queria nada, antes lhes aparava aos pelouros o peito, e o pescoço aos alfanges; e que só havia com Deos, não já pedindo-lhe, mas offerecendo-lhe a vida temporal, e encaminhando e apressando (como fazia S. Martinho) com os olhos do corpo, e acesos desejos d'alma ao espirito para ir gozar no céo da eterna. Passou levemente a vanguarda pelo santo, levando-lhe sómente o barrete, como que fazião mais escarneo da sua oração, que caso da sua morte; seguírão-se outros após estes, que posto que estiverão em o matar, ainda o deixárão com vida; porque se visse quanto era mais constante a caridade em a offerecer, que apressada a crueldade em a tirar. Vinhão na retaguarda muitos Mouros, dos quaes um de uma touca, pelo odio sem duvida que todos têm tão infernal ao nome de Christo, e prégadores de sua fé, foi o primeiro que metteu a lança, rasgando-lhe pela parte esquerda

as entranhas; derão-o os outros por morto, e corrêrão a lhe despir e levar a pobre roupetá; mas elle, que estava ainda vivo, e houve por singular favor o que lhe estes fazião, desejando sahir tão pobre da vida como entrára n'ella, por se parecer melhor na morte com o bom Jesus, que tres horas esteve nú, e nú expirou na cruz; lançou mão ao collar da propria roupeta ajudando aos que lh'a despião até lh'a entregar, e com ella a camisa já toda banhada em sangue do muito que lhe corria da ilharga ferida como de uma fonte. Alevantou-se após isso, e deu a andar para a igreja, desejando cahir á porta da casa do Senhor; porque o sacrificio de seu corpo fosse consummado defronte do altar, onde n'aquelle mesmo dia e nos de mais elle sacrificára e consumíra o do cordeiro de Deos, que é o que dá o preço e valor a todos os outros. Seguião-o os lobos encarniçados, não cuidando que se melhorava elle no lugar da morte, mas que ia buscando a vida. O martyr, que os sentio nas costas e não era bem, pois não fugia, que o ferissem n'ellas, parou, e voltou com a mesma alegria que d'antes a lhes dar o peito, quanto já vinha feita uma lança de arremesso, que lh'o atravessou. Tudo foi um voltar aos imigos, alancearem-o, pôr-se de joelhos, mas ainda houve a terceira lançada, e com ella se encostou sobre um lado, e os imigos chegárão com grita e festa a lhe cortar a cabeça; a qual levárão, e pendurárão por triumpho do mais alto templo do seu idolo, porque tão pouco duvidassemos da corôa e gloria do martyr, como da tenção dos barbaros em o matarem; que pois forão honrar e festejar

com a cabeça á idolatria do demonio, claro está que lh'a cortárão por odio, e affronta da fé e adoração de Christo. Ao sagrado corpo cobrírão logo conforme á pressa com pouca areia, e com muitas lagrimas os christãos Paravás, que ficárão em terra; e pouco depois tornando a desembarcar os Portuguezes o sepultárão, e escondêrão como a riquissimo thesouro tão profundamente, que nunca mais se puderão achar as preciosas reliquias, ainda que muitos as buscárão com desejos de lhe dar as honras devidas.

FORTALEZA JUNTO A CANGOXIMA

(VII, 21.

Seis leguas de Cangóxima está uma fortaleza sujeita ao mesmo rei de Sacçuma, que se póde contar entre as maravilhas de Japão; nem das d'esta sorte haverá muitas no mundo; porque se n'outras partes se esmerou a arte e industria humana em mostrar o saber e engenho com que contrafaz as cousas naturaes, aqui deu todas as mostras da força e violencia que póde fazer á mesma natureza. É o sitio uma alta e grande serra de rocha viva, onde está em roda feita ao picão uma cava mui larga, e tão profunda que mais parece se abria para ir fazer guerra aos demonios no inferno, que para os homens se defenderem uns dos outros na terra; ficárão no meio do vão e largura d'esta cava

desapegados, e postos como insulas no mar, dez baluartes, que tendo no baixo o mesmo firme com ella, vem subindo em boa proporção solidos e massiços até o alto, onde são vasados quanto basta para commoda habitação da gente que os defende. Ha de uns aos outros boa distancia, porque assim é mui grande o circuito da espantosa cava; mas todos se correm com pontes levadiças, e da mesma maneira se passa de cada um ao campo do meio, onde está o forte principal, a quem estes de fóra servem sómente de muro. A obra do de dentro aos que vírão não pareceu feita por homens. Ao buril nos cabos de uma espada abre um ourives entre nós difficultosamente o que alli se mostra feito ao picão, e aberto na rocha ao escopro; pateos, salas, camaras, varandas, torres, corredores, como se lavrárão em cêra, sendo a pedra mui rija.

CIDADE DE MIACO

(VII, 24.)

Foi em tempos antigos a cidade Miáco de mui notavel grandeza, porque se os annaes das historias de Japão nos não enganão, tinha tres leguas de largo, e sete de comprido, ficando-lhe dentro dos muros as famosas serras de Fyenoíyama com os seus tres mil mosteiros, de que hoje dista por espaço de quatro le-

guas; e para como a fortuna, ou antes a justiça e providencia divina se ha e houve sempre com todas as cabeças dos reinos e monarchias (que assim emfim as derruba e assola n'um momento depois de por largos annos as deixar edificar, e subir ao mais alto, como se só pretendêra alevantal-as nos ares com mór gloria para as arremessar e arrasar por terra com mór ruina) ainda não foi tão máo o partido do Miaco; que segundo o estimou o padre Francisco era áquelle tempo lugar de cem mil vizinhos situado no meio de umas grandes campinas do reino de Xamarino, um dos cinco do Guoquinay, e á vista das serras, que sem o assombrarem o cercão quasi de todas as partes; d'onde como lhe vem no inverno as neves, e os frios descompassados; assim tem no verão rios e ribeiras perennes de agua doce para refrigerio da gente, frescura e fertilidade da terra. Aqui é a côrte dos tres principaes senhores de Japão : do Dayri, a quem assistem (como já dissemos) os embaixadores dos Jacatás pela pretenção da honra, que elle só dispensa; do Cuboçama, rei de Guoquinay, ou Tenca, que tem por vassallos a muitos reis, e grandes Tonos do Zaço, supremo Bonzo, e prelado dos ministros da superstição. Por onde seguindo a nobreza e policia dos Estados como propria sombra aos principes, foi sempre o Miaco por respeito d'estes metropole de todos aquelles reinos de grande numero de povo, soberba de edificios, riqueza e abundancia das cousas, apezar das continuas guerras, saccos e incendios que muitas vezes padeceu. Porque como se não tenhão por grandes e senhores da monarchia senão os

que possuem aquella cidade, a mesma cubiça e ambição, com que a destruem e assolão os que rebellão por não verem outros em tanta grandeza, lh'a faz logo alevantar muito mais sumptuosa, por se pôrem n'ella a si mesmos.

ALGUMAS DEMONSTRAÇÕES DA ARTE, SABEDORIA E PROVIDENCIA COM QUE DEOS FEZ TODAS AS COUSAS

(VIII, 5.)

Não havendo no mundo creatura que em si mesma, e sem respeito de outra alguma, não tenha muito que ver, é tanto maior a perfeição de todas, e de cada uma d'ellas, comparando-as entre si; pelo modo em que se acompanhão e ajudão no commum serviço do homem seu primeiro amo e senhor; e na gloria do Creador universal, e ultimo fim do universo; que a esta conta as chamou elle, e houve por muito boas e perfeitas depois de juntas, posto que já tivesse notado o proprio bem de cada uma. Quanto vai do som de uma só corda ao que fazem todas as da cithara ou viola postas em tom, e tocadas destramente; quanto melhor parece a rima inteira, e o verso sentencioso e bem composto, que uma parte, uma syllaba, uma lettra, tanto excede a propria belleza de cada creatura a ordem, a formosura e perfeição com que todas fazem e compoem o mundo; a quem Pythagoras dizia

que arremedava a cithara, e S. Agostinho comparou ao verso.

Nem eu posso negar que com muito gosto me deixára ir agora ouvindo por algum espaço esta musica e poesia tão certa e verdadeira, quão suave e doce, ora a uma só voz, ora a muitas, e já da maneira que pudesse ser á todas, discorrendo e considerando as partes, as feições, as figuras, as côres, os fins particulares, a proporção dos meios, os instrumentos, as qualidades, as forças, as habilidades, as manhas, a contrariedade, o odio, a amizade e concordia que os Gregos chamárão antipathia e sympathia dos animaes feros ou mansos, das aves, dos peixes, das arvores, das hervas, dos mineraes, das pedras, tornando de novo a esquadrinhar a terra, a navegar o mar, a passar e passear os ares e os céos com os olhos por ouvir cantar, n'um tão numeroso e bem entoado côro, esta só lettra : « Sabei que o Senhor é o verdadeiro Deos, porque elle nos fez a nós, e não nós a nós. » Mas para que é rodear tantas vezes, e correr o mundo por buscar o de que nos não podemos apartar? Lance cada um os olhos pelo campo, e a primeira bonina, ou flôr, em que acaso der com elles, essa colha, e tome na mão, que por nenhuma não ser muito para isso, de todas disse o Senhor : « Considerai os lirios do campo. » E se acertou de ser dos brancos, onde é mais pura a côr da neve? quão guardada, e encastoada traz no ouro dos olhos a semente? como se abrem, estendem, e dobrão a compasso as folhas? representando os raios das estrellas menos acesas? Nem se o

tocamos ha setim tão macio, tão brando e mimoso? nem no cheiro lhe faz vantagem quantas composições do ambar e da algalia inventou a arte.

Quando atrás diziamos do grande preço que em Japão se dá á pintura de um bichinho, ou de uma flôr, se é da mão dos mestres antigos e famosos; creio não apontámos o que juntamente achámos escripto, e é que se entre nós os lapidarios apartão facilmente a pedraria falsa da verdadeira, não andão menos certos os Japões em reconhecer a mão dos taes pintores; tanto que quasi é impossivel enganarem-os de maneira que tomem, nem estimem a obra de um por do outro. Assim fôra razão por certo que pondo os olhos no formoso lirio, tomando-o na mão, e sentindo-lhe a fragrancia reconhecêrão a divina arte e poder do soberano Mestre, que não digo o pintou, mas o creou. Que elle só sabe assentar tão bem as tintas, e compassar a feição com tanta ordem, e mal atinára outrem que elle com o ponto e proporção que pede nos elementos aquella brandura que tocais, aquella suavidade que cheirais. Mas porque não pareça que nos valemos da planta, que na figura do sceptro que representa mostra ter o imperio das flôres, largai da mão o lirio depressa, e sem perguntar aos herbolarios quanto mais vale pela virtude que deixa no oleo contra as enfermidades, que pela recreação que dá aos sentidos. E quero tambem que passemos pela graça da rosa, pela purpura das violas, pelo leite dos jasmins, que me basta só o feno, sobre que tendes os pés, e de que está mais coberto o campo, onde vos levei para

prova sem contradicção do que pretendo. Começando da semente, quando recebida da terra se deixa primeiro abrandar e penetrar da humidade temperada com a quentura do sol, e logo chupando das partes vizinhas, como se uma esponja fôra, o mais subtil, cresce e engrossa, até se ir desfiando com contrarios movimentos; porque para baixo enterrando-se mais lança as raizes, e sobe juntamente para cima até apontar e apparecer sobre a terra com o riso e vida nos olhos primeiros, e mais tenros. Que vista divisou nunca o passo, com que não cessando um só momento, como sempre vai crescendo, assim se vai alargando, e subindo ao alto? não sem termo porém, senão tanto quanto as raizes podem soster de peso, e manter de corpo; as quaes sendo por uma parte tão cubiçosas em tirar pela terra, e haver d'ella o primeiro sumo, nem por isso o retem com avareza, antes o despedem de si já mais cozido, e melhorado, e repartem liberalmente á herva toda. E por que veias o encaminhão? em que póros se prepara? d'onde lhe vem o verde na folha de fóra, e o branco de dentro? qual é o dispenseiro, que com tanta igualdade deixa no mais baixo o mais grosso, porque o pé seja duro e firme? e manda ás pontas leves e brandas o mais delgado? Sei a resposta do philosopho, que não alevanta do chão os olhos. Tudo isso, dirá, são effeitos naturaes da virtude da raiz, ou da semente da mesma herva; pela qual assim obra ordenadamente, sem ter entendimento, como se o tivera. Mas eu não querendo que a virtude da semente ou raiz da herva tenha razão,

nem arte, quero que entenda elle, que fôra impossivel haver-se a mesma herva como se a tivera, se o Creador que lhe deu a tal virtude a não tivera. Que se bem o attentamos não é menos, antes em parte mais claro signal e effeito do poder e saber divino, governar o Senhor com tanta providencia as creaturas insensiveis por meio das qualidades que lhes imprimio, que se por si mesmo o fizera. Estando pois assim sobre um campo, onde além de haver toda a variedade de flôres e boninas, só o feno, que o gado pasce, basta a vos ter tão occupado o pensamento; quero que subitamente vos ponhais e acheis com elle nas festas de um grande rei, quando a côrte toda sahe de gala, e cada um mais rico e loução do que Salomão nunca se mostrou com todo seu fausto e pompa. Nem as librés sejão as mesmas, mas tão varias nos córtes, como nas côres, como nas sedas, umas ás invejas das outras; de tal maneira que ainda os olhos não cheguem a esta, quando os roube áquella. E dizei-me como, não digo crêreis, mas soffrêreis a quem, vendo as salas e terreiros cheios de tão luzida gente vos affirmasse que nenhuma roupa d'aquellas fôra obra das mãos, nem arte de official; nem as peças, de que se cortárão tecidas per ella? Pois se nem Salomão pondo-se do melhor de sua guarda-roupa, sahio nunca vestido como os lirios, as boninas, as flôres, as hervas, o mesmo feno; que côrte se póde comparar nos trajos dos seus á formosura que vestia o campo onde estaveis d'antes? alli sim, que vos não deixão pôr umas das librés os olhos n'outras; alli sómente são vivas as

côres; alli não têm conto as feições, nem as figuras; todas proporcionadas, todas varias, todas aprazíveis. O' insoffrivel ignorancia a de quem as fizesse tecidas sem arte, cortadas sem entendimento! Este porém não o ha no sol, nem nas estrellas; logo não são ellas as que dos elementos tirárão as boninas, e lavrárão as flôres; antes quanta vantagem faz o artificio de seus delicados vestidos a todos os dos homens, tão evidente fica que lh'os teceu, que lh'os cortou, que as vestio finalmente assim (que é o que dizia o Senhor) a sabedoria, a arte, a providencia do mesmo Deos.

COMO NOS CERTIFICÃO DA DIVINA PROVIDENCIA OS ANIMAES, E O CURSO DOS TEMPOS

(VIII, 6.)

Mas tiremos por um pouco os olhos da graça e belleza do campo, por darmos fé do gado, que o pasce; das abelhinhas, que o enxugão por cima do orvalho; das formigas, que o minão por baixo; das aves, que o atravessão cantando por alliviar o trabalho de buscar umas o mantimento para criar os filhos, outras as achegas para a fabrica dos ninhos. Vedes como entre uma tão grande variedade de hervas vai escolhendo o boi só as que são proprio seu pasto, sem nunca se entregar n'umas por outras? não o desviou o pastor a elle primeiro das peçonhentas, elle foi o mestre, que

lh'as descobrio, e ensinou quaes erão desviando-se d'ellas. Nem conhecem, diz S. Basilio, os animaes sómente as hervas de que se hão de manter, sabem mui bem as com que se podem curar. Perguntemos a Plinio como é possivel que os não governe n'esta parte algum grande saber e entendimento; pois a elle com toda a viveza do seu lhe custou tanta experiencia e estudo poder apartar com a penna nos livros, que d'isso escreveu, as boas hervas das más com assaz menos certeza, por certo, do que a ovelhinha o faz com a boca no campo. Não acabão de entender os sabios como lavrão os favos as abelhas, como repartem as cellas, como distribuem os officios, como reconhecem e seguem á que chamão mestra, como governão na paz e na guerra a republica; e puderão ellas fazer estas mesmas maravilhas, e outras sem conto, não sendo meneadas do saber e entendimento da primeira Causa, pois o não têm proprio? Serra a formiga com os dentes o grão, porque lhe não nasça no celleiro; tira-o a seccar ao sol, se lhe chegou a humidade, que é quanto faz, ou fizera o lavrador mais provido; logo ou n'aquelle bichinho a providencia não fica áquem da humana, ou elle é governado pela divina. Quando as aves ouvírão e aprendêrão do Ecclesiastes a doutrina da repartição dos tempos, atinárão por ventura melhor com os proprios e devidos á criação? nem se anticipárão com mais cuidado a fazer primeiro os ninhos, tão mimosos por dentro, tão resguardados por fóra? Senão que o divino Mestre, dosto que as não ensina para que possão acertar, assim

as inclina, e move que não podem errar. Nem pôz n'ellas sómente esta sombra de sua providencia; até da propria presciencia quiz que ficassem assignaladas. Que umas adivinhão e prognosticão a chuva cantando, e voando antes que venha, outras festejão a serenidade primeiro que torne, tão pontualmente que deixão muitas vezes corridos aos judiciarios, por mais contados, que tragão os passos aos planetas.

Oh! quão pouco entende quem não vê quanto mais pretendeu o Creador meneando assim a bruteza d'estes, e de outros animaes, que vissemos n'elles como tudo lhe é a elle presente antes de ser, que avisar-nos por elles do que será. E seja o que fôr, ou chuvas, neves, frios, ventos e tormentas, ou tempos claros e serenos, que elles nos bastão sem os prognosticos das aves, para nos demonstrar a divina bondade e sabedoria. Deixai de ler, ponde á parte o livro, dai fé sómente do tempo onde vos toma esta lembrança. É verão por ventura, e ides navegando com vento fresco; ou estais em calma ardendo no meio d'agua. Assim porém cumpria ao bem commum; que sem esse ardor do sol, como se cozêrão nas arvores os fructos? como vierão gradas e maduras as seáras? como se gastárão as humidades sobejas? Por onde como o mesmo passageiro, que tanto se enfada e queixa da calmaria, se melhor se entendêra, e tivera o governo universal do mundo a seu cargo, lhe não dera a outro tempo as calmas, assim é razão que reconheça e adore a divina bondade e providencia do Senhor, que as manda. Pois os ventos, se os levais,

não vedes como se mudão, e saltão de um rumo n'outro; porque não sirvão sómente á vossa derrota, com uns ides agora, e tornareis com outros; e soprando igualmente do mar e da costa, e já d'esta, e já d'aquella parte do mundo, por todo o oceano fazem as viagens tanto e mais faceis aos navegantes, do que o são aos caminhantes as jornadas por terra, não deixando de ser n'ella de igual proveito. Que com elles alimpa o lavrador a eira, elles lhe fazem em Maio o anno formoso, d'elles depende em gran parte a vida das plantas, a saude dos animaes, o refrigerio dos homens, a respiração do universo. Por certo que nem os homens se na propria mão os tiverão, os soltárão mais a seu proposito; nem elles, se a si mesmos se governárão, e amárão muito aos homens, sahírão mais a tempo ao serviço do mundo. Hoje comtudo são demasiados, cursão do sul ha muitos dias, vai um inverno mui aspero, não cessão os frios, as neves, as chuvas, os trovões, os raios. Estes frios porém mettem e acendem a quentura ás arvores nas raizes, ás seáras nas sementes, nas entranhas e veias aos animaes. Quão esteril fôra a terra se a não regárão as chuvas? como a engrossão as neves? Quem não dá fé da providencia na malenconia e aspereza do inverno, se a ella se deve toda a brandura e alegria do verão? Por certo que com a tenção e olhos nas flôres da primavera, nas espigas do estio, nos fructos do outono, dispensa o Creador tão liberalmente por Dezembro as aguas, e as geadas por Janeiro. E pois o sol é tão grande parte d'estes effeitos com se apartar n'uns tempos e se

chegar n'outros para nós; já este seu movimento nos não mostra sómente a liberdade, como até aqui diziamos, mas a sebedoria, a providencia e bondade do Senhor, que o move, ou manda mover. E quanto aos trovões e raios, de mais da consequencia que têm com o vapor, frio e humido das nuvens, a quem devemos as chuvas, e com o secco e quente, que é principal materia dos ventos; o temor e espanto, que por todo o mundo mettem, e mettêrão sempre aos homens, é bastante prova da singular providencia com que os ordenou e deu o Creador por argumentos de seu poder e justiça; com a qual tambem nos ameação os cometas; que não pede menos o bom governo saber-se na republica que ha quem castigue os máos, que quem galardôe os bons. Mas quão escusado fôra obrigar-vos eu a sahir ao campo, a colher o lirio, a pôr os olhos no feno, a notar e comparar as côres e feições das boninas com as librés dos cortezãos, e attentar no gado, nas aves, nas abelhas, nas formigas, nem a dar fé ainda se fazia calma ou vento, se era verão ou inverno, para achardes novas certas da arte, providencia e amor com que Deos, primeira e verdadeira Causa, tudo fez, tudo sustenta, tudo governa; sendo assim que das proprias portas a dentro, não digo da casa onde estais, nem do navio em que ides navegando, mas de vós mesmo, d'essa vossa alma, d'esse mesmo corpo vos não faltavão claras e seguras mostras d'esta verdade.

DO TESTEMUNHO QUE DA PROVIDENCIA DIVINA

DÃO AS OBRAS NATURAES DO HOMEM E FABRICA DO CORPO HUMANO.

(VIII, 7.)

Se bem attentais nem de tudo o que em vós passa tendes o governo : dos sentidos sim, que olhais quanto e como quereis; do movimento, com que ides e vindes de uma parte a outra; da eleição e escolha de muitas cousas, e em casos das opiniões e pareceres. Mas a digestão do que comeis; a repartição, que no estomago se faz depois d'ella acabada; o cozimento, que o figado dá á sua parte até a fazer sangue, tanto quanto tomará d'elle para si, e mandará pelas veias ao coração; e n'este a geração dos espiritos vitaes; a força, com que juntamente com o pulso e vida os communica ás arterias; a tempera, que aquelles recebem no miolo para servirem aos sentidos; a volta com que d'elle tornão, e descem por trinta e sete pares de nervos a se repartir e correr por todo o corpo; e mil outras obras maravilhosas, e tão perennes no homem como a mesma vida, claramente não estão na nossa mão. Ora, tendo assim presentes umas e as outras, estas segundas digo, e as primeiras, que nós mesmos ordenamos e governamos, considerai um pouco em quaes ha mais governo, e melhor ordem. Onde são os

meios mais proporcionados e accommodados aos fins? onde se acode mais ao necessario? onde se soffrem menos sobejidões? onde se tem mais conta com o bem commum? onde se guardão melhor as regras da igualdade e justiça? e achando, como é forçado que acheis, tão manifestas vantagens em todo o natural, impossivel será que vendo como as obras livres no homem hão mister a eleição e providencia humana, negueis ás outras a divina. Por certo que se dos effeitos se devem julgar as causas, ou de nada o são em nós a arte e a razão (que é o que não dirá nenhum homem sisudo), ou mais o são d'aquellas obras, que sabemos serem tão ordenadas, quão acertadas; que das em que ha tanta desordem, e onde se uma vez acertamos o fim, tres o erramos. Pois se bem considerassemos a fabrica dos membros, e partes do corpo humano, que são os instrumentos d'aquellas mesmas obras, ella por si basta, dizia no seu Pymandro Mercurio Trismegisto, para nos deixar não certos sómente, mas attonitos do divino poder e sabedoria. Rogai a um anatomista que vos diga dos trezentos e treze ossos que sostêm esta machina, como se encaixão uns nos outros, quão importantes são todos; quão accommodados na feição, no tamanho, no sitio para seus officios; como chega a cada um por sua veia o mantimento. Perguntai-lhe dos musculos, que tudo meneião, recebendo das veias a força, das arterias o movimento, dos nervos o sentido; e respondendo-se no numero e ordem de todas estas peças as duas partes direita e esquerda assim pontualmente,

que com razão as chamou Hippocrates retrato de justiça. Informai-vos bem da composição dos olhos, das differenças dos seus humores, dos véos tão delicados que entre si os apartão, como sahe do mesmo mantimento n'um o crystal, n'outro o roxo, o azul no outro; quão publicos estão, e quão resguardados. Fazei tambem caso dos mais sentidos situados todos no mais alto do corpo, como vigias sobre as ameias. E não duvido que hajais com S. Agostinho por maior milagre a obra e fabrica do corpo do homem, que todos quantos milagres fizerão e podem fazer os homens. De sorte que como seria grande cegueira e maldade não dar credito aos mysterios da fé vendo as maravilhas que os Santos fizerão em sua confirmação, assim teria má escusa quem não reconhecesse a arte e infinito poder do Creador n'este grande milagre, que elle sem duvida fez, para por elle fazer não só evidente, mas espantosa, como David dizia, sua divina sabedoria.

Vejo que já é tempo de dizermos como recebião ao padre-mestre Francisco estas demonstrações os Bonzos de Japão, e assim o faremos, ajuntando ao que fica dito, que presupposto que só os quatro elementos e os céos forão os simplices, e causas naturaes de cada uma das cousas por que discorremos, de duas maneiras podião ellas ser produzidas e effectuadas; ou acaso por acontecer que assim se encontrassem a terra com o ar, e a agua com o fogo, e todos com as estrellas postas em tal ponto; e que assim se temperassem entre si estes contrarios que sahissem os

effeitos que vemos sem nenhum dos primeiros corpos ter tal tenção, pois não têm entendimento por que se governem; antes succedendo a cada um ajuntar com os outros como vos a vós acontece ir dar no imigo quando o não buscaveis. Ou se ha de confessar e entender haver no mundo uma Causa universal de summo entendimento e providencia, que tendo os olhos nos fins, e a tenção nos effeitos, tenha tambem á sua conta menear, ajuntar, temperar e pôr aos mesmos simplices no ponto que convem para que tudo d'elle saia no devido numero, peso e medida. E sendo notorio, que os effeitos casuaes são os mais raros, e que o que vemos no mundo não é menos geral e perpetuo, que bem ordenado, quem perderá assim o pejo e respeito á verdade que diga que acaso dão os elementos e estrellas no mesmo campo tão perfeitas e tão differentes côres ás violas, ás rosas, aos lirios? e que no mesmo lirio acaso venhão sempre douradas as espigas, e de neve as folhas? como em tão pequena distancia tomárão e tomão sempre no mesmo tempo o ponto tão contrario os elementos? se acaso a semente do feno primeiro incha, logo se funda; e depois nasce, cresce e sobe até seu termo, como não sabe um só dia d'esta ordem? como não acerta o boi de se fartar das hervas de que foge, se só por acerto foge d'ellas? Por certo que chamar caso a quanto puderamos dizer das formigas, das abelhas, das aves, do curso dos ventos, da variedade tão constante quão importante dos temporaes, não é outra cousa que trocar os termos, e nomear umas por outras;

que como se faz, e diz só por appetite e sem razão alguma, assim teria pouca, quem de proposito o quizesse contradizer, e desfazer. Cortezãmente se houve n'esta parte Galeno com o Epicuro, dizendo que lhe dava cem annos de espaço para n'elles mudar do proprio lugar e sitio uma só peça, nervo, arteria, osso, ou sentido do corpo humano; e que se em todo este tempo lh'o achasse, e désse melhor, do que ora o tem, então diria com elle, que era o homem composto e fabricado acaso, e não por arte e sabedoria verdadeiramente divina.

Gran caso foi por certo o que descobrio e alevantou sobre as aguas a terra para habitação dos animaes; o que deixou o mar cheio de tantas ilhas, como por estalagens dos navegantes; o que nos pôz tão longe, por não nos offender o fogo, que duvidamos se ha outro que o que nos serve cá embaixo; o que nos deu o ar livre para a respiração; o que situou os céos por cima de tudo, para que não faltem a nada; o que nos reparte por elles com tanta ordem os dias e as noites, e em seus quartos os mezes e os annos; e finalmente fôra gran caso, se o fôra, o que de cousas e partes tão contrarias nas naturezas, e tão numerosas na multidão, e umas tão immensas, outras tão pequenas e miudas, umas sempre quedas, outras nunca, umas já acabando, já nascendo, outras sempre sendo, compôz e tem o universo tão cheio, tão amigo, tão unido, tão contente, tão bello, tão perfeito. Quem víra porém aquella famosa esphera de Archimédes, onde se representavão vivamente os movimentos do

sol, da lua e mais planetas com seus encontros e eclipses, e todas as differenças de posturas que tomão nos céos, que a não estimára por obra da arte que a fez, e engenho que a traçou? Pois se não houvera homem tão barbaro, que o não julgasse assim da sombra, e retrato tão grosseiro, por delicado que fosse, de uma só parte do mundo, que siso teria quem outra cousa cuidasse do mesmo mundo?

DO LUGAR QUE O IRMÃO JOÃO FERNANDES ASSIGNOU NO MUNDO A DEOS, E DA DIVINA IMMENSIDADE

(VIII, 14.)

Menos havia que dizer sobre o lugar que Deos tem no mundo; pois é certo que quantas vezes mostramos e repetimos não haver creatura a quem elle, sem meio de outra alguma, não dê o ser, tantas o fizemos presente em todas ellas, e em qualquer parte d'ellas; que não ha mais certo signal da presença que a obra, especialmente quando o autor se não serve, nem val para a fazer de outrem, que de si mesmo. E a esta conta dos philosophos, que conhecêrão a Deos por Causa universal de todo o creado, os que mais lhe estreitavão os termos de sua residencia, ainda (como referem Clemente e Cyrilo Alexandrinos) lh'os fazião iguaes aos do mundo universo. Mas o irmão João Fernandes, quando os Bonzos lhe perguntárão onde estava Deos,

respondendo com a divina escriptura, pôz-lh'o sobre todas as estrellas, e além do mais alto dos céos. E assim é (dizia S. Hilario) que não está Deos menos fóra que dentro do mundo, nem mais interior em tudo que superior a tudo.

Bem cuido que não reprehendêra S. Basilio ao Trismegisto por chamar ao universo vaso cheio de Deos; ajuntou porém que por ser pequeno e estreito trasborda por todo elle o mesmo Deos. E onde S. Cypriano fez templo da Divindade a toda esta redondeza, só quiz significar, como é n'ella de suas creaturas adorada, não encerrada, que em effeito o mundo quando o Deos creou, não o agasalhou; para casa, e aposento nosso o fez, que elle, como era antes de o crear, assim o não havia mister para se aposentar; sendo, antes que nada fosse (como dizia contra Praxea Turtuliano) elle só assim mesmo, e lugar, e mundo, e tudo.

Até dos sabios de Grecia cuidão graves autores, que alcançárão alguns esta verdade. Pelo menos S. Agostinho assim o quiz presumir dos Platonicos, quando lhe servia têl os n'esta boa conta, para os convencer de outra peior ignorancia. Ia o Mercurio, que algumas vezes allegamos, que outra cousa devia de querer representar chamando a Deos Esphera espiritual, cujo meio ou centro estava em toda a parte, a roda em nenhuma; e ou o entendessem assim, ou não, a razão o demonstra. Diziamos que o que punha termo no proprio ser ás cousas, erão as causas d'onde o recebião; ou por ellas mesmas serem limitadas nas forças e poder com que obravão; ou porque sendo livres se

não applicavão mais que tanto quanto. Nem tem outra raiz a limitação que vemos no tempo e lugar em todo o creado. Que por isso umas das cousas são aqui, e agora, e alli, nem antes, nem depois; outras em tudo ao revez, porque como as proprias causas limitão a cada uma o que são; assim onde, e quando serão. Ao contrario, porque Deos não depende de causa alguma, antes é o que é por si, e de si mesmo, igualmente é necessario que seja sem termo no ser; sem antes, nem depois na duração; sem limite no lugar. Senão pergunto de ambas estas duas partes o que acima perguntava da primeira, d'onde lhe podia vir á Divindade ser hoje faz cem mil annos, e não ha duzentos mil? E estar aqui, onde creou o mundo, e não onde estiverão trezentos outros mundos se os creára? começou, e foi este mundo no tempo, e lugar, que quiz o mesmo Deos, por ser effeito e obra sómente de sua livre vontade; mas Deos como não é, porque quer ser, senão porque não póde deixar de ser; assim não podia escolher, nem determinar quando, nem onde fosse. De modo que tão impossivel lhe é alargar-se, como estreitar-se; acabar, como começar; limitar-se, ou ser mais, ou menos, como fazer-se; tão immenso, como eterno; tão eterno, como infinito; tão infinito, como é por si, e de si mesmo; que por ser este, tem elle igual e juntamente aquellas tres divinas e proprias perfeições: Infinidade, Eternidade, Immensidade; das quaes se nós souberamos fallar como convinha, não menos estranharamos quem nos perguntasse de Deos que é, ou onde está, que a quem nos quizesse dizer

quando era, ou foi. São todos estes termos, e os mais, de que usamos tratando das creaturas, tão conformes á pouquidade e limitação sua d'ellas, que não perguntamos de alguma cousa, que é senão limitando-lhe o ser; nem quando foi, senão para lhe dar certa éra, e tempo; nem finalmente onde está, mais que por saber quão longe, ou quão perto a temos. Sendo assim que do infinito ser, menos improprio fôra perguntar o que não é, que o que é : como do eterno quando não foi, e da mesma maneira do immenso, onde não está. Mas que não é, o que tudo é? Quando não foi, o que sempre foi? Onde não está, o que não sómente está em tudo, mas áquem, e além de tudo? Por razão de sua infinidade é, e contém Deos em si com uma ineffavel eminencia o ser de todas quantas creaturas são possiveis. Por sua eternidade, por mais que as éras se anticipárão, começando milhares e milhares de annos antes do principio que realmente tiverão, sempre Deos lhe ficará igualmente atrás. Assim por ser immenso de tal maneira está onde quer que se puzer o pensamento, que por mais que o universo se alargára, ou corrêra todo em peso para a banda de levante, ou de poente, ainda Deos estivera sem termo nenhum além e infinitamente áquem de ambas as partes. O ser infinito, a quem tudo, para ser, ha de imitar; eterno, a quem nada passou, nem está por vir? Immenso, para quem, e de quem tão mal se podem suas creaturas chegar, como afastar? Fingia comsigo mesmo S. Agostinho (para comparar de alguma maneira o sitio do mundo com esta divina immensidade) um mar infinito

sem ilhas, nem praias, que por alguma parte o limitassem; e uma esponja no meio do profundo, toda não sómente cercada, mas passada das aguas, a qual fosse quão grande fosse, não podia deixar de ser pouco mais de nada a respeito do immenso pego. E muito menos monta, dizia, a machina do universo toda penetrada, e cheia, e rodeada juntamente sem fim, nem termo algum da immensa Divindade; senão que aquelle infinito mar assim por dentro das partes da esponja, como por fóra nas do espaço que occupasse, havia de ter as suas aguas repartidas; mas o immenso e divino ser, como em si mesmo é um sem divisão de partes, assim está todo em todas as de cada uma das creaturas, e tão inteiramente nos infinitos espaços, que a redor do mundo imaginamos, como em qualquer ponto, que n'elles fingir o pensamento. Por onde menos impropria lhe fica a comparação da união e assistencia que nossas almas têm ao corpo todo, e a todas as partes d'elle.

COMO FOI EM BUNGO RECEBIDO DOS PORTUGUEZES, E VISITADO DO REI DA TERRA

(IX, 4.)

Dista a cidade principal do reino de Bungo, onde o rei estava, e os Portuguezes aportárão, de Yamanguchi, caminho de sessenta leguas, fazendo-se por terra; as

quaes o padre-mestre Francisco tomou a pé, como costumava, levando ás costas uma trouxa em que ia a pedra d'ara, calix, e ornamentos necessarios para dizer missa; porque aquella sagrada carga não fiava elle de outros hombros que dos seus. Inchárão-lhe todavia os pés, por haver já um anno que não caminhava, e com este, e outros máos tratamentos, chegou bem indisposto a um lugar duas leguas áquem do rio onde a náo surgíra. Soube-o Duarte da Gama, e mandou logo ao esperar alguns dos Portuguezes, que por mais que se apressárão já o achárão ao primeiro quarto de legua, caminhando do modo que dissemos, e acompanhado de dous fidalgos de Yamanguchi, que haveria dous mezes se tinhão baptisado, deixando, e perdendo dous mil tayaes de renda, que são de nossa moeda tres mil cruzados, os quaes o rei lhes tirou, por elles tomarem nossa santa fé. Vinhão os Portuguezes de festa, e em bons cavallos, mas vendo aquelle, a quem ião servir, em tão differente postura, igualmente ficárão edificados da sua humildade, e confusos do proprio fausto. Apeião-se todos a gran pressa, correm a lhe beijar a mão lançando-se por terra a seus pés; abraça-os uns sobre os outros o padre com lagrimas de prazer e devoção; porfião sobre quem o ha de levar no seu cavallo, e não podendo acabar, nem elles com o padre que aceite algum, nem o padre com elles que tornem a subir, vão-se todos a pé até a náo, edificandose muito os dous fidalgos christãos da cortezia e devoção dos Portuguezes. Nada ficou por fazer a Duarte da Gama, para festejar aquella hora. A náo emban-

deirou-se e alcatifou-se ricamente, a gente sahio com o melhor que tinha ; a artilharia fez quatro salvas reaes, disparando de cada uma dezoito peças, berços, falcões, camellos, com tanto estrondo que pôz a cidade em alvoroço; e o mesmo rei sobresalteado da novidade, e duvidando se pelejavão por ventura os nossos com uma armada de cossairos, que dizião andavão pela costa, mandou por um seu fidalgo saber do capitão o que passava, com os offerecimentos da ajuda que fosse necessaria. O qual vendo como tudo erão festas e alegrias, e dizendo-lhe Duarte da Gama, depois de responder ao comprimento do rei com a cortezia devida, que ainda aquillo era pouco para o que elles desejavão fazer ao padre-mestre Francisco, pela qualidade e santidade de sua pessoa, e grande amor e respeito que el-rei de Portugal lhe tinha, ficou como attonito, e pondo a cada momento os olhos no padre, dizia para o capitão, com quem fallava : « Eu estou enleado sobre o que devo dizer a el-rei, porque por uma parte o que vos vejo fazer a este homem, é grande argumento de ser elle de muito preço, por outra os nossos Bonzos têm informado mui differentemente a S. A., que affirmão que é feiticeiro, e que por arte do demonio com quem trata, faz algumas cousas, que o povo ignorante ha por milagres, e dão por signal do senhor, a quem serve, a miseria com que o trata, dizendo ser tanta, que até os mesmos bichos têm nojo de lhe comer vivas as carnes. Mas digão os Bonzos o que quizerem, que pois vós não tendes asco d'elle, e festejais a sua pobreza com todas vossas riquezas, bem

deveis estar ao cabo de seus merecimentos. E assim tenho por certo que o ficará el-rei entendendo, e tendo aos Bonzos por invejosos e falsos. Nem eu lhe persuadirei outra cousa, porque além de ser obrigado a vol-o crer a vós, assim o vejo no proprio rosto e pessoa d'aquelle homem. » 'As quaes palavras o capitão Duarte da Gama, e os mais Portuguezes, respondêrão outras em prova da verdade, tão bem ditas, que o fidalgo Japão sahio da náo devoto do padre Francisco, e imigo dos Bonzos, e tal tornou brevemente ao rei, referindo-lhe o que víra e ouvíra, e fazendo-lhe muito caso da veneravel presença do padre Francisco, que com a modestia do rosto, e serenidade dos olhos, assim fazia desapparecer as más informações e opinião que d'elle houvesse, como o sol e o vento aos nevoeiros. No mesmo dia mandou el-rei visitar o padre á náo por um moço fidalgo seu parente com uma carta sua, que dizia assim : « Padre Bonzo, etc. A tua boa vinda á minha terra seja tão agradavel a teu Deos, quanto lhe satisfaz o louvor dos seus Santos. Porquanto fui certificado de tua chegada de Yamanguchi a Figen, de que fiquei tão contente, quanto todos os meus te dirão. Pelo que te rogo muito, que por satisfazeres ao grande desejo com que minha alma te ama, me queiras bater antes que venha a manhã ao postigo da casa, em que te espero, ou me soffras que te importune sem que te esquives de meus brados. Com os quaes prostrado por terra fico pedindo ao teu Deos, que eu confesso ser Deos de todos os Deoses, e melhor dos melhores que vivem nos céos, que pelos gemidos

de tua doutrina manifeste aos inchados do tempo quanto lhe agrada a tua pobre e santa vida; para que a cegueira dos filhos de nossa carne se não engane com as falsas promessas do mundo. De tua saude me manda dizer para que durma contente no repouso da noite, até que os gallos me espertem, e digão que vens por caminho. » Acompanhavão ao moço fidalgo outros trinta mancebos nobres ricamente vestidos, e um velho de muita autoridade em lugar de aio; ao qual o moço, depois de ter mui bem feito seu officio, dados e tomados os recados, e lançando com madureza os olhos a quanto havia na náo, ia dizendo ao sahir: « Não póde deixar de ser mui grande e mui poderoso Deos o d'esta gente, pois torna áquelle a pobreza tão saborosa por seu serviço; e faz que ainda os mercadores, que vêm buscar a prata do cabo do mundo, o estimem tanto por pobre, como nós agora vimos, e hoje mostrárão os grandes bramidos das suas bombardas. »

DA VISITAÇÃO QUE O PADRE FRANCISCO FEZ A EL-REI POR CONSELHO E ORDEM DOS PORTUGUEZES

(IX, 5.)

Vendo pois Duarte da Gama, e os mais Portuguezes, quão mal entendido era dos Japões o desprezo do mundo, e amor da santa pobreza, que o padre Fran-

cisco seguia e mostrava em tudo; e que em nenhuma outra cousa o podião os Bonzos, como já tentavão, desacreditar a elle, e ao Evangelho, senão com o rei, e gente nobre, que sabia fazer aquelles discursos, ao menos com o povo, que sempre alcança menos, e estima mais o ter e parecer; determinárão em conselho fizesse o padre a primeira visitação ao rei com toda a autoridade possivel. Só o padre-mestre Francisco era de voto contrario, como quem tinha mais experiencia do resplandor e magestade, que Jesus-Christo nosso redemptor deixou na baixeza e pobreza depois que a abraçou, e sanctificou comsigo, e nos salvou a nós com ella. Mas nem lhe valeu allegar as victorias que Deos n'outras partes do Japão lhe tinha já dado do fausto e soberba dos proprios Bonzos com aquella sua humildade; nem dizer-lhes como o meio para os confundir não era embuçar, nem corar pobreza com apparatos alheios, como se não tivesse confiança para se mostrar em propria figura, e fazer valer por si mesma; senão que convinha fazer-lhes entender a efficacia da graça de Christo, sem nos ajudarmos de cousa alguma do mundo; mas só com a formosura da virtude, e poder que elle dá á sua divina palavra. E posto que os Portuguezes o entendêrão assim, pondo-se o padre a lh'o declarar muito de proposito, perseverárão comtudo na sua opinião dizendo que elles querião ter parte n'aquella primeira victoria dos Bonzos, e que pois não podião pelejar com elles com espirito de pobreza, já que o não tinhão, que os determinavão vencer com as suas proprias armas, que erão a

pompa e apparato das riquezas, acompanhando-o e servindo-o a elle com todas as que tivessem. E que bem se víra já nos dous enviados do rei quão proprio meio aquelle era para atalhar ás mentiras dos Bonzos, e ao escandalo ou asco da gente; quanto mais que a elle ainda lhe ficava tempo para apparecer em Bungo humilde e pobremente, e ir pouco e pouco acreditando alli o desprezo do mundo, como fizera nas outras partes do Japão. Que o que então importava, e elles pretendião, era por uma parte tapar logo as bocas aos Bonzos, e ganhar por aquelle modo a benevolencia do povo, e por outra obrigal-os a todos a estimarem depois muito a pobreza do mesmo padre e seus companheiros Porque vendo agora como, se quizessem, serião senhores de toda a fazenda dos Portuguezes, facilmente entenderião pelo tempo avante como erão pobres por desprezarem tudo, e não por lhes faltar alguma cousa. Emfim se o padre-mestre Francisco não foi aqui convencido das razões, foi porém vencido do zelo e boa tenção dos Portuguezes, e assim soffreu tudo o que se assentou. E foi que elle sahisse ao dia seguinte, como se houvera de ir n'uma procissão solemne, vestida uma loba de chamalote preto sem aguas, e a sobrepelliz em cima com sua estola de velludo verde guarnecida de brocado ao pescoço.

Dos Portuguezes nenhum ficou na náo, e todos se fizerão louçãos com cadeias de ouro sobre ricas sedas que vestião, e concertos de perolas nas gorras. Erão trinta homens, que com outro maior numero de escravos, que levavão comsigo, todos mui bem tratados,

fazia um lustroso acompanhamento. Abalárão da náo embarcados no batel, e em duas manchuas com seus toldos e bandeiras de seda, e boa musica de charamellas e frautas, que depois que a artilharia deu a sua, se forão revezando pelo rio até chegar ao cáes, onde era já a ver tanta gente da terra, que com trabalho a puderão tomar. Alli achárão prestes um capitão, que vinha de mandado d'el-rei com umas andas, para lhe levar n'ellas o padre-mestre Francisco. E não as aceitando o padre, entrou a pé pela cidade, acompanhado de muita gente nobre, e dos trinta Portuguezes que não se contentárão com menos, que com se fazerem na jornada seus pagens e escudeiros. Porque o capitão Duarte da Gama ia diante com uma canna na mão representando um porteiro mór, ao qual seguião cinco dos mais honrados e ricos; um com o livro do catechismo mettido n'um sacco de setim branco; outro com um retabulo da Virgem coberto com um panno de damasco roxo; o terceiro levava o bordão, que era de canna de bengala com seu castão de ouro; o quarto um sombreiro de pé pequeno; e o quinto umas chinellas de velludo preto, que acaso achou na náo, e estimou muito para ser tambem figura. Tudo soffria, porque não podia mais, o padre-mestre Francisco. Mas no successo mostrou Deos Nosso Senhor como se havia por servido d'estas invenções dos Portuguezes.

Assim passárão por nove ruas principaes da cidade, onde cabia tão mal a gente que correu aos ver, que muita parte estava por cima dos telhados. No primeiro terreiro das casas reaes achárão ao capitão da guarda,

por nome Fingendono, com seiscentos soldados bem armados; e logo á entrada de uma galeria os cinco Portuguezes que dissemos, postos de joelhos, offerecêrão ao padre Francisco das peças que levavão, as que havião de servir.

E foi esta ceremonia tão estimada dos fidalgos japões que os acompanhavão, que olhando uns para os outros, dizião : « Não têm outro remedio os nossos Bonzos, senão matarem-se, ou morrerem de paixão, que a isso, parece, trouxe cá Deos este homem, e já com el-rei só este ficará com nome de grande padre, e elles havidos por falsos e invejosos. »

Passada a varanda forão a uma grande sala, onde um menino de sete annos, a quem um velho mui grave levava pela mão, e fazião côrte grande numero de figaldos mui luzidos todos de setins e damascos de varias côres, e postos seus traçados com chaparia de ouro, fallou, e recebeu ao padre Francisco com tanta autoridade e madureza, que pois não era dito estudado, como nos consta da relação que tivemos de tudo isto, é boa prova e mostra do que fica dito da prudencia da gente de Japão, ainda na menor idade.

« Tua boa entrada, dizia, n'esta casa d'el-rei meu senhor seja a elle e a ti de tanto gosto, como o é ás seáras dos nossos arrozes a agua que lhe Deos manda do céo quando mais a desejão. Entra seguro e alegre, porque em lei de verdade te affirmo, que todos os bons te querem grande bem, por mais que os máos assim fiquem tristes com tua vinda, como a noite chuvosa e escura. »

E depois de ouvir mui attentamente o comprimento com que o padre Francisco lhe respondeu ao seu, segundou, dizendo :

« Grande deve ser a tua ventura, pois vens do cabo do mundo a nos trazer as novas de teu Deos, sem por isso esperares, nem teres mais de nós, que a affronta e infamia da pobreza. Mas quão immenso é o poder do mesmo Deos que prégas e adoras, que não sómente elle se não corre de seus ministros serem pobres, mas os faz assim honrar e estimar dos ricos. Materia é esta que os nossos Bonzos entendem mui ao contrario; porque nos affirmão e jurão ser a salvação tão impossivel aos pobres como ás mulheres. »

E por aqui foi conversando com o padre em praticas tão altas, e tanto sobre sua idade, que era necessario conformar-se o padre-mestre Francisco nas respostas, mais com ellas, que com a pessoa.

N'uma camara mais a dentro o recebêrão os moços fidalgos filhos dos senhores do reino, que se criavão no paço. Erão muitos, mas só dous fallárão n'uma poesia tão propria, que não posso deixar de a referir pelas mesmas palavras com que a acho apontada, e são :

« Tua boa vinda, padre Bonzo, seja tão agradavel a el-rei nosso senhor, como o riso do menino mimoso para a mãi, que o afaga no seu peito; porque te juramos, pelos cabellos de nossas cabeças, que até as paredes, que vês com os teus olhos, nos mandão que festejemos tua entrada para gloria do Deos de que em Yamanguchi disseste tantas maravilhas, quantas cá ouvímos. »

Dito isto abalárão todos para acompanharem ao padre, mas fazendo-lhes signal o menino, que o levava pela mão, parárão, e ficárão-se na mesma casa; da qual se sahia a uma varanda mui comprida, que correndo ao longo de umas larangeiras postas a seu compasso, ia parar n'outra sala tão grande, que só faria bem as duas primeiras. N'esta esperava ao padre Francisco um irmão d'el-rei, que depois foi eleito em rei de Yamanguchi; ao qual o entregou o menino, que o trazia pela mão, deixando-se logo ficar um pouco atrás; e o infante, depois das cortezias costumadas, lhe disse :

« Certifico-te, padre Bonzo, que hoje é o dia de prazer d'esta casa, em o qual el-rei meu senhor se ha por mais rico que se tivera posse dos trinta e dous thesouros da prata da China. »

D'aqui entrárão na antecamara do rei, que estava cheia de fidalgos e senhores, os quaes chegando-se todos para o padre com grandes mostras de amor e respeito, o entretiverão praticando até de dentro vir recado que entrasse, como fez, entrando juntamente com elle a maior parte d'aquelles senhores, e todos os seus Portuguezes. Achou a el-rei, que o esperava em pé, e querendo-lhe elle de joelhos beijar a mão, o levou nos braços, e assentou igual comsigo no mesmo estrado.

DO QUE MAIS PASSOU NA VISITAÇÃO D'ESTE DIA

(IX, 6.)

Pela fama que corria das obras e doutrina do padre-mestre Francisco, e das disputas que tivera com os Bonzos em Yamanguchi, o estimava já e começava de amar antes de o ver el-rei de Bungo, que por isso o mandára chamar por suas cartas áquella cidade, e o tratára depois de chegado ao rio de Figen da maneira que imos dizendo. Mas n'estas primeiras vistas assim se lhe acabou de entregar, que nem ouvil-o fallar foi necessario para dar por certo tudo quanto fallasse. Tanto foi mais o que n'elle descobrio pondo-lhe os olhos, que tudo o que imaginava e esperava do muito que se dizia.

Duarte da Gama e os seus Portuguezes cuidarião que se devia n'esta parte muito ao zelo com que fizerão quanto em si foi por autorisar ao padre Francisco, e assim é razão que lh'o agradeçamos nós, posto que n'aquellas camaras, galerias e salas das casas do rei não faltavão sedas, dourados, louçainhas e apparatos, entre os quaes os dos nossos, ainda que lustravão, não espantavão. A' modestia e serenidade do rosto do mesmo padre Francisco, e áquella gravidade e affabilidade natural, com que suavemente se fazia respeitar e amar de todos, dão outros aqui a victoria. Mas porque não

cuidaremos que accrescentou o Senhor em seu servo a tudo isto a efficacia e a graça com os maravilhosos resplandores que as almas mais favorecidas da presença de sua divina magestade lanção de si? Por certo que nem lhe custava menos, nem lhe importava mais tornar tão aceito, ou Joseph a seu amo, ou Daniel aos reis chaldêos, ou Esdras aos da Persia. Nem as palavras do Japão soffrem bem que o julguemos de outra maneira; porque as primeiras em se assentando forão, com os olhos no irmão, e nos mais senhores do reino:

« Quem pudesse perguntar a Deos por onde isto caminha? e que razão teve para nos deixar a nós viver por tantos annos em tão grande cegueira, e dar a este homem tanta luz e tanto animo? Porque das verdades de sua doutrina já não podemos duvidar, que além de todos os que o ouvírão o affirmarem, o que nós n'elle vemos o mostra aos olhos; e assim tenho por certo, que nenhuma de suas palavras tem contradicção, nem replica; que ainda que por altas ponhão espanto aos que as ouvem, conforma-se porém tanto com ellas toda a boa razão, que quem a tiver, e as bem considerar, impossivel será que lhes não obedeça, e se não corra d'aquellas a que até agora obedeceu; que são as dos nossos Bonzos tão confusos no que declarão, e tão inconstantes no que affirmão, que hoje não entendeis o que credes, e menos sabeis o que crereis amanhã. Por onde em todas suas seitas a confusão é certa, a salvação mui duvidosa. »

Soube isto tão mal a Faxiondono, um Bonzo muito nobre e autorisado, que estava presente, que não o

podendo levar, atravessou dizendo não ser aquella a materia em que S. A tivesse voto, pois não era de governo, nem de armas, mas de religião e lettras, que os reis não professavão, nem estudárão; e que quando lhe pertencêra averiguar pontos tão importantes, ainda não fôra razão que o fizera tão depressa, e sem consultar, ou ao menos ouvir os Bonzos e lettrados que tinha em seu reino; os quaes sem duvida lhes tirarião todas as duvidas que S. A. mostrava ter nas seitas dos santissimos Camis e Fotoqués, e que se lhe désse licença, elle estava alli prestes para logo lh'as resolver, e mostrar a manifesta verdade e santidade que os Bonzos prégavão e professavão. « *Se te atreves ao mostrar, como dizes, faze-o, que eu te ouvirei calado.* » Ao que Faxiondono com igual soberba e ignorancia começou a desenrolar nas patranhas, que muitas vezes referímos, allegando em prova da vida santa que os Bonzos fazião, a criação dos filhos dos senhores e fidalgos; as pazes e concordia, a que muitas vezes trazião os reis e reinos; a sua abstinencia, côro e vigias, e sobretudo a amizade e trato familiar que tinhão com o sol, lua e estrellas, e todos os Santos do céo, com quem, dizia, passavão as noites fallando e conversando muito estreita e amorosamente; deixando-se com isto levar tanto da colera, que á conta do zelo que tinha, ou fingia de suas superstições, fallou por quatro vezes descompostamente ao rei, chamando-o Faxidehusa, que é o mesmo que peccador cego sem olhos. Até que el-rei mais corrido dos seus sonhos, que tomado da descompostura, deu signal ao irmão que o fizesse calar, e

erguer, como fez. E el-rei lhe disse usando das ironias tão proprias de Japão :

« Satisfeitos estamos do que referiste da santidade dos Bonzos, se elles d'outra se não prezão, nem nós lhe negamos essa. Mas tambem soffrerás que te diga, que nos não pareceste dos que gastão as noites na conversação dos Santos, sol, lua e estrellas ; porque segundo mostras na desenfreada soberba de tuas palavras, mais parte têm os infernos em ti, do que tu tens nos céos, onde elles residem com o supremo Deos. »

Ferido o Bonzo com tão graves palavras, dobrou a arrogancia das suas dizendo :

« Tempo virá em que Faxiondono posto entre esses mesmos Deoses, nem servir-se queira dos homens, quando nem tu, nem outro algum rei de quantos forão em Japão será digno de chegar a seus pés. »

Aqui pôz el-rei, sorrindo-se, os olhos no padre Francisco, que lhe respondeu aprazivelmente :

« Devia V. A. dilatar a disputa com o Bonzo para outro dia, em que elle viesse mais desagastado. »

Louvou-lhe o conselho, e mandando sahir o Bonzo, lembrava-lhe (proseguindo na mesma ironia) que lhe não acontecesse fallando, e conversando com os Deoses, justificar-se tanto, como então fizera, e igualar-se assim com elles, porque o haverião por grave culpa ; e que para tratar com os homens convinha purgar-se primeiro da colera, e que depois de purgado tornasse que o ouviria. Com isto se acabou de perder Faxiondono, de sorte que elle se sahio desaccordado e descomposto, como homem que fugia ; os cortezãos ficárão

rindo, el-rei se pôz á mesa rogando ao padre-mestre Francisco fosse seu convidado, ao que o padre foi para lhe beijar o terçado, pedindo juntamente com os olhos no céo a Deos nosso Creador e Senhor lhe pagasse tudo aquillo (pois á sua conta lh'o fazia) com se lhe dar a conhecer por luz de verdade; de maneira que recebendo e professando por palavra e obras como bom e fiel servo, sua santa lei, alcançasse n'esta vida sua graça, e o merecesse ver e gozar para sempre na gloria da outra.

« Digo que me apraz (respondeu o rei) tudo isso, que pedes por mim ao teu Deos; mas é necessario que nos vejamos ambos de vagar outras vezes, e que pratiquemos sobre essas materias com o repouso que ellas merecem. »

E dizendo isto chegou com a propria mão, e offereceu ao padre com a boca cheia de riso uma iguaria, que já tinha diante, tornando ao convidar com mostras de tanto gosto, que por lh'o não tirar, tomou o padre Francisco um bocado do prato. E por ser aquella honra mui desacostumada, o capitão Duarte da Gama e os Portuguezes todos significando quanto estimavão fazêl-a S. A. ao padre, se alevantárão a lhe beijar a mão.

COMO FOI ELEITO REI DE YAMANGUCHI O IRMÃO D'EL-REI DE BUNGO,

E O PADRE-MESTRE FRANCISCO SE PARTIO PARA A INDIA

(IX, 12.)

Quebrada com a morte do rei a furia dos alevantados, e tratando de principe que os governasse, foi eleito para isso o irmão d'el-rei de Bungo, que o padre-mestre Francisco tinha por especial amigo. E assim uma das primeiras cousas que fez depois de receber a embaixada dos de Yamanguchi, foi prometter lembrando-lh'o, e pedindo-lh'o o padre-mestre Francisco, e por seu respeito o proprio rei de Bungo, que havendo posse do reino favoreceria em tudo aos padres que n'elle prégavão a lei de Deos, e aos que já erão feitos, ou se fizessem christãos, como realmente o cumprio com grande accrescentamento d'aquella christandade até o anno de cincoenta e seis, que foi o tempo em que pacificamente possuio o Estado; mostrando assim em tudo a divina bondade como o fim d'aquellas trovoadas forão os tempos mais quietos e serenos que por então queria dar á sua Igreja de Yamanguchi, até ella cobrar as forças que depois houve bem mister para grandes trabalhos, e desacreditar de todo a blasphema temeridade com que os ministros de Satanaz o fazião a elle primeiro e principal autor das mesmas

tormentas em castigo e vingança dos que derão entrada á nossa santa fé. A qual o padre-mestre Francisco, depois de haver prégado pelos mais e melhores reinos de Japão, de Congoxima até o Miaco, deixando-a bastantemente conhecida n'aquellas derradeiras ilhas do Oriente, e em muitas d'ellas mui estimada dos principes e dos povos, n'outras já bem fundada e recebida, e em todas grandemente temida do demonio, e de seus ministros. E vendo como as principaes forças do imigo estavão no soberbo reino da China (d'onde elle sahíra a conquistar não com armas, mas com as infernaes seitas aos cegos Japões, e que sendo estes de tanto entendimento, tão captivos e sujeitos estavão ao dos Chins, que ainda agora tinhão por incerto ou falso tudo o que elles não approvassem e seguissem) desejou, e determinou o padre ir fazer guerra a Satanaz dentro mesmo á China esperando que servindo-se Deos Nosso Senhor de communicar áquellas maiores e mais nobres provincias da Asia a luz do seu Evangelho, não o Japão sómente, mas tudo o que ha d'além e d'aquem do Gange ficaria em breve alumiado.

Com estes pensamentos se embarcou em Bungo na náo de Duarte da Gama para a India, pretendendo fazer sómente n'ella a detença que bastasse para ordenar as cousas de nossa companhia, conforme á obrigação de seu officio, e tornar logo a pôr a prôa n'aquella tão gloriosa empreza. Antes de sahir de Bungo forão Duarte da Gama com os seus Portuguezes em companhia do padre pedir licença a el-rei, e a lhe par as graças pelos muitos favores e mercês que d'elle

recebêrão; o qual depois de lhes fazer a honra e gasalhado que costumava, disse entre outras palavras para o capitão e os mais : « Affirmo-vos que vos hei grande inveja, e que sinto muito não ser um de vós outros para poder participar da companhia que comvosco levais, cuja ausencia assim choro cá dentro em minha alma como se orphão ficára, que hei grande medo de o não tornar a ver mais em minha terra. » As quaes palavras, e mostras de tanta brandura e amor, lhe pagou o padre Francisco, promettendo-lhe primeiramente que acompanhando-os a vida a ambos elle se tornaria a ver mui cedo com S. A., a quem pedia se não descuidasse em nenhuma d'aquellas cousas que acima dissemos, que elle fizera e ordenára por doutrina do mesmo padre. Encommendava-lhe juntamente o favor e amparo dos christãos, que ficavão feitos em seu reino, e o gasalhado e liberdade para os nossos, que determinava mandar a Bungo, prégarem commodamente a lei de Deos. E respondendo a tudo isto o rei com todas as significações e penhores de verdadeira benevolencia, concluio finalmente o padre Francisco representando-lhe a certeza da morte e a grande pressa e sobresalto com que muitas vezes nos commette e leva; e que tivesse por certo que se esta o tomasse sem a fé e lei de Jesus-Christo nosso Redemptor, por mais e melhores obras que fizesse, ainda em favor e serviço da mesma fé, não poderia deixar de ser condemnado aos tormentos eternos; antes o havêl-a conhecido e servido o ajudaria a accusar aos demonios, e obrigaria a divina justiça ao condemnar

com maior rigor, pois tanto ha mais na culpa de malicia, quanto ha menos de ignorancia; que visse que em negocio tão importante o maior mal de todos era a dilação, e que já tardava a Deos e á sua propria alma, tão ingrato a um, quão cruel para com a outra; pois se roubava a si mesmo o titulo e aução do reino eterno em o céo, e á adopção de filho de Deos em a terra, que são os bens de que o proprio Deos enriquece a todos os que, lavando-se pelo sagrado baptismo no precioso sangue de Jesus-Christo seu unigenito filho, vivem na obediencia de sua santa lei, e n'ella e na confissão de sua fé acabão a vida.

Punha espanto aos mesmos Portuguezes a efficacia e fervor de espirito com que o padre Francisco dizia n'aquella derradeira hora estas e outras muitas cousas na materia da salvação ao rei gentio; que ainda que o era, e ficou por então, assim se deixou penetrar d'ellas, que por duas vezes mudou na pratica as côres, e se lhe arrasárão de lagrimas os olhos. Maravilhando-se os seus, e edificando-se os nossos, e consolando-se, pois mais não podia acabar o padre-mestre Francisco; o qual no dia seguinte, que foi um dos derradeiros de Novembro do anno de mil e quinhentos e cincoenta e um, abraçados e consolados primeiro os novos christãos com as esperanças dos obreiros, que da India lhes havia de mandar, se fez á vela, não tirando, nem levando outra prata das ilhas de Japão, que dous christãos dos que baptisára em Yamanguchi, Bernardo, o que o acompanhou ao Miaco, e Matheus, ambos com intento de chegarem até Roma por verem e beberem

alli na fonte a fé e santidade da religião chistã, e servirem juntamente ao summo Pontifice, e a toda a côrte romana de umas como mostras e penhores do fructo que do Japão se podia esperar. Dos quaes Matheus falleceu em Gôa antes de se embarcarem para Portugal, e Bernardo no nosso collegio de Coimbra (como já dissemos), deixando-o tão edificado do bom exemplo que de si lhe deu, quão consolado das esperanças da gloria com que se despedio na morte.

Veio tambem em companhia do padre-mestre Francisco um fidalgo da casa d'el-rei de Bungo, que elle mandava com presentes e cartas ao vice-rei da India, desejando o commercio e amizade dos Portuguezes, e pedindo-lhe religiosos da Companhia de Jesus, que continuassem em seus reinos a prégação do Evangelho.

COMO O PADRE FRANCISCO PARTIO DE SANCHÃO,

E TRATOU NA VIAGEM DA EMPREZA DA CHINA, E CERCO DE MALACA.

(IX, 16.)

Achou em Sanchão o padre-mestre Francisco a seu grande amigo Diogo Pereira já de verga d'alto, não esperando para partir para Malaca mais que vento contrario ao com que Duarte da Gama sahíra da tormenta, e viera até alli em poppa, mas este como fôra

havido por orações do padre-mestre Francisco, contentando-se de os tirar do perigo, trazer, e metter a salvamento no porto, no mesmo instante que lançárão ferro quebrou e acalmou de todo. E noto-o, não porque não veja que podia ter outra causa, pois as não ha mais subitas que as dos ventos, mas por notar a devoção da gente, que o agradeceu e attribuio por mysterio ao padre Francisco, especialmente depois que deixando elle a náo de Duarte de Gama, por não ficar do trabalho para a viagem, e passando-se á de Diogo Pereira, em pondo n'ella os pés, foi com elles o vento, que esperavão. Levão ancoras, largão velas, sahem sem mais detença via de Malaca.

Na viagem teve o padre-mestre Francisco noticia de algumas cousas, que de novo lhe acendêrão os seus grandes desejos da entrada da China, para a qual elle vinha já tão armado, que trazia escripto, e traduzido na lingua e lettras dos Chins, o livro do catechismo, que em Japão compuzera. Mas aqui soube de um bom numero de Portuguezes, e outros christãos, que estavão captivos pela terra dentro, por cuja redempção e liberdade corporal já desejava tanto arriscar a sua, e com ella a propria vida, como até então pela espiritual dos Chins. E porque Diogo Pereira, e os mercadores portuguezes que vinhão na náo, erão os mais praticos, e que melhor entendião a monarchia e estylos da China, descobrio-lhes o padre sua tenção tratando dos meios que serião mais a proposito para sahir com ella; onde todos forão de parecer que nenhum outro havia senão determinar-se o vice-rei da

India em mandar em nome d'el-rei de Portugal uma solemne embaixada ao da China, com ricos e custosos presentes, offerecendo-lhe de novo sua amizade, e tratando-o com a cortezia e magestade de palavras que elles esperão de todos os outros principes. Porque com este embaixador poderia o padre Francisco entrar seguramente até á côrte do mesmo rei, e favorecendo-o Deos Nosso Senhor haver d'elle licença para ficar na terra com liberdade, e prégar como desejava nossa santa fé; o que por qualquer outra via tinhão por impossivel, visto o grande rigor com que as leis prohibião, e os mandarins castigavão todo o estrangeiro que commettia entrar por suas terras, e aos naturaes que os levavão ou recebião.

Do mesmo voto erão os Portuguezes que lá captivavão, que todos por suas cartas fazião instancia fosse esta embaixada, promettendo-se com ella a si mesmos a liberdade, e á India a boa paz e commercio franco d'aquelle mais rico e nobre imperio do Oriente. Uma só cousa lhes fazia a todos mui duvidoso este conselho, e era demandar elle para se executar muito dinheiro, que o vice-rei e Estado havia então mais mister para as necessidades presentes, do que lhe sobejava para novas emprezas; maiormente que onde os primeiros e principaes intentos são a honra de Deos e salvação das almas, ahi se tem de ordinario os gastos por demasiados, e por perdido o emprego da fazenda, como Judas houve que o era o oleo precioso na cabeça do Senhor. Assim o experimentára outras vezes na India o padre-mestre Francisco, e assim o

arreceiava agora muito; até que Diogo Pereira o tirou d'este cuidado, offerecendo-lhe a mesma náo em que ião, e toda sua fazenda e pessoa para a jornada, e que havendo o vice-rei por bem e serviço d'el-rei nosso senhor, elle o metteria o anno seguinte na China, levando a embaixada ao gran Chim, e fazendo ás proprias custas todas as despezas, assim no que tocava aos presentes do rei, e dos mandarins, como em tudo o mais, sem esperar outra ajuda do Estado, nem querer outra cousa do vice-rei, que as cartas patentes, e provisões necessarias para a expedição da viagem, e autoridade da empreza. Cabia ella mui bem em Diogo Pereira, em quem concorrião todas as partes de entendimento, experiencia, honra, fazenda, zelo do serviço de Deos e da republica; mas não se ha inveja senão ao muito, da qual a innocencia tanto peior é tratada, quanto menos se acautela; e esta foi a que emfim deu através com um negocio aqui tão bem commettido, e depois proseguido.

Nem faltárão logo ao padre-mestre Francisco uns arreceios, mais que naturaes do successo; dos quaes elle deu conta algumas vezes, indo assim caminhando ao mesmo Diogo Pereira; senão que o padre como só se queixava no naufragio de seus peccados, assim só se temia d'elles antes da tormenta, e nunca da inveja alheia. Por outra parte a boa tenção de Diogo Pereira, posto que lhe sobejava prudencia para atalhar a tudo, não o deixou cuidar que poderia alguem impedir obra de tanto serviço de Deos, e exaltação de sua santissima fé. Por cujo respeito elle fazia o offereci-

mento, e o padre lh'o aceitou, e festejou quanto pôde, dando graças a Deos Nosso Senhor, por lhes dar a ambos aquelle animo e vontade de o servirem. Emfim tomando o padre Francisco á sua conta passar logo á India a haver do vice-rei as faculdades que Diogo Pereira pedia, elle se determinou de ir á Sunda carregar a náo de pimenta e outras mercadorias de preço, para a viagem que determinavão fazer no mez de Junho seguinte, tornando-se ambos no mesmo tempo a esperar e ajuntar outra vez em Malaca.

Assentadas assim todas estas cousas, uma dava ainda grande pena a Diogo Pereira, e era o cerco, com que se dizia terem os Jáos e Malayos apertada aquella cidade e fortaleza. Do qual nós somos tambem obrigados a dar parte, pela que n'elle teve, posto que ausente, o padre-mestre Francisco. Acima dissemos quantas vezes, e com quanta efficacia elle affirmou do pulpito a Malaca que havia de ser castigada da divina ira e justiça por meio dos barbaros e infieis seus vizinhos, se não se tornava ao Senhor por verdadeira penitencia.

Passárão depois d'isto cinco annos, em os quaes como as vidas forão as mesmas, e não se vio o açoute, já aquellas ameaças esquecião, ou se tinhão mais por feros e ditos ordinarios, que por revelações e prophecias. Mas a verdade é que as palavras do Senhor não cahem no chão, como Tobias dizia a seu filho mandando-o sahir de Ninive, antes que a ingrata cidade fosse assolada. Porque ainda que Deos tendo respeito á penitencia que os Ninivitas fizerão com a prégação

de Jonas, dilatou a execução da sentença, que pelo mesmo propheta lhes mandára denunciar; comtudo tornando elles ás culpas antigas, e havendo-se mais por ameaçados temerariamente, e enganados d'antes por Jonas, que por perdoados por então da infinita clemencia do Senhor, experimentárão emfim ás mãos dos Chaldêos o rigor da divina ira, em pena de quão mal conhecêrão a brandura, que isto é o de que Tobias avisava ao filho, e o que Naum lhes tornou a prophetisar, dizendo: *Assolada é Ninive. Quem se compadecerá d'ella?* como notou, e confirmou com as historias dos tempos S. Jeronymo. Menos tardava a Malaca o seu castigo, quando ellà se tinha mais por assombrada que por condemnada. Chegou porém, e cumprio-se quanto o padre-mestre Francisco lhe promettêra. Porque aos cinco de Junho da éra de mil e quinhentos e cincoenta e um a cercárão os Jáos e Malayos com um grande numero de velas, em que vinhão até doze mil homens de guerra. Governou, e pelejou no cerco D. Pedro da Silva com muita prudencia e esforço, e foi bem soccorrido e ajudado por Gil Fernandes de Carvalho, que acudio do reino de Quedá, onde estava com tres navios de boa gente; mas nada bastou para os imigos deixarem de desembarcar, uns da parte de levante, outros do poente da cidade; a qual finalmente entrárão pela habitação dos mercadores quilins e chins, saqueando, matando e abrasando de maneira que foi avaliada a perda em mais de um milhão de ouro, captivárão vinte mil almas, forão mortos a ferro sobre de cem Portuguezes, não havendo

na cidade bem trezentos; e entre elles D. Garcia de Menezes, que ia por capitão de Maluco com outra gente nobre; de mais dos que levou a peste, que logo sobreveio. E se o Senhor não abreviára os dias do aperto, segundo era já grande a fome que a gente padecia, e se começavão a atear as doenças, em pouco tempo ficára tudo pelos imigos. Mas elles não os obrigando outro poder, que o do céo, aos 16 de Setembro do mesmo anno, havendo cento e tres dias que lançárão ferro, o levárão, desapressando á affligida e castigada cidade. A qual o padre-mestre Francisco, posto que a este tempo estava em Japão, não deixou de valer. Porque como Deos Nosso Senhor lhe revelou quando n'ella prégava estes mesmos trabalhos cinco annos antes que lh'os désse, para que avisando-a, e emendando-se ella, lh'os escusasse; assim é certo que estando o padre em Bungo com Duarte da Gama, ajuntou aos Portuguezes, e lhes disse quão apertada e necessitada de soccorro estava Malaca, apressando-os, quanto em si era, porque se aviassem, e lhe viessem acudir. Mas não lhe sendo a elles possivel fazêl-o com as armas, o padre o fez com suas orações, de maneira que durou bem pouco o cerco depois que o elle soube, e disse em Bungo, como nos consta do tempo em que o mesmo padre Francisco chegou áquella cidade de Yamanguchi, que foi na entrada do proprio mez de Setembro de cincoenta e um, em que os Jáos se alevantárão da de Malaca; que parece por isso Deos guardou para então descobrir a seu servo o que n'ella passava, porque tinha determinado de a livrar quando

lh'o elle pedisse, e via que lh'o havia de pedir como lh'o descobrisse.

Mas tornando nós á nossa viagem da China para Malaca, ou fosse que os que vierão de Japão contárão o que lá lhes dissera do cerco o padre-mestre Francisco, ou que em Sanchão houvesse por outra via novas d'elle, não as tendo ainda (posto que fosse já na entrada de Janeiro de cincoenta e dous) de ser alevantado, ia Diogo Pereira mui solicito do successo, que podia ser tal que o obrigasse a trocar os intentos da embaixada pelo soccorro d'aquella cidade e fortaleza, empregando n'isso a náo e a fazenda, e arriscando a pessoa, como o fizerão sempre na India em semelhantes occasiões os homens de sua qualidade por serviço de Deos e de seu rei. E a esta conta de mais de aprestar as armas, desejava muito tomar alguma lingua, que o segurasse do estado das cousas, dado que tambem n'esta diligencia podia haver perigo, porque se a guerra durava, toda aquella costa a tinha contra nós. Então o padre Francisco por livrar o amigo (que lh'o merecia bem) d'aquelle cuidado, e porque todos dessem a Deos Nosso Senhor as graças, que já havia tres mezes e meio lhe devião pela mercê que fizera a Malaca, e a todo o Estado da India, disse claramente que descansassem, e glorificassem ao Senhor, porque a cidade e fortaleza estava já de muitos dias de todo livre e desapressada dos imigos. Crião-o por boa nova de vagar, permittindo-o o Senhor para que o repetisse e certificasse por tantas vezes, que claramente se vio que o não dizia por conjectura humana, mas por re-

velação divina. Nem quiz d'esta a fé e credito tão de graça que o não comprasse com outra, que logo virão cumprida. Porque prometteu a Diogo Pereira que tomaria a lingua que desejava, muito a seu salvo, e que por ella saberia ser alevantado o cerco como lh'o elle affirmava. Tudo assim aconteceu, e já vão navegando alegres, e seguros que não faltará na prophecia do passado quem tão certo foi na do futuro.

CONVERSÃO DO JOGUE

(X, 11.)

O Jogue pedio trinta dias de espaço para se resolver com Deos se faria mudança no que d'elle cria. Nem o padre lhe reprovou o conselho; ajuntando que devia tomar em cada um dos mesmos dias uma breve disciplina pedindo ao Senhor pelos merecimentos da paixão e sacratissima morte de seu unigenito filho Jesus-Christo lhe fizesse mercê de lhe mostrar qual era a fé e lei que devia seguir para o agradar a elle, e se salvar a si. Aceitou-o, e cumprio-o. E não passárão muitas noites que estando elle n'uma bem esperto, e contemplando nas divinas perfeições, ouvio uma grande voz, que lhe dizia : Que fazes? Porque não tomas o caminho que te mostrão? Não ha outro que vá direito e certo á salvação, senão a lei dos christãos. E logo se lhe representou aos olhos d'alma todo o apparato com que nas igrejas cathedraes se costuma

fazer prestes para um solemne pontifical. Que lhe parecia ver com os olhos as capas de brocado, as mitras lavradas de ouro e pedraria, os bagos riquissimos, postos os altares das melhores sedas, descobertos, e resplandecentes os retabolos, as mesas carregadas da preciosa e sagrada baixella, vestidos de fina hollanda, e mais branca que neve, os sacerdotes, e tudo finalmente como se pretendêra o Senhor com estas demonstrações de tanta magestade alvoroçal-o para as bodas da graça baptismal, e banquete da lei evangelica, a que o convidava. Nem o Jogue o entendeu de outra maneira, porque vinda a manhã, em a qual logo aconteceu vir el-rei de Ormuz ao visitar á sua cova, que o fazia muitas vezes, elle se negou, e escondeu ao rei, e partio com pressa em busca do padre-mestre Gaspar, o qual lhe deu o santo baptismo, e enobreceu com o nome de Paulo, triumphando de prazer os christãos por toda a cidade, e seguindo os mais Jogues com bom numero dos gentios o exemplo de sua cabeça com tão grande fervor, que foi havida esta conversão por uma das insignes d'aquelle tempo.

DOS CONFINS, GRANDEZA, E VARIOS NOMES DO REINO DA CHINA

(X, 17.)

É esta da China a mais oriental parte da Asia, e fim, a respeito da nossa Europa, de todo o habitado. Tem por termos ao levante o verdadeiro mar Eoo, ou

Oriental; pois o da India, a que os antigos assim chamárão, lhe fica a elle ao poente; e cinge d'aquella banda o Oceano a costa por tão grande distancia, que começando na terra mais austral, que é a fronteira á sua ilha Aynao em pouco menos de dezenove gráos do norte pára quasi em cincoenta e tres do mesmo polo. Correndo sempre ao nordeste quarta de léste até junto á ponta de Anai, d'onde se inclina já do rumo do nordeste para a quarta do norte, e vai fazer o illustre cabo com que toda a terra da China sahe mais ao oriente, e a que os nossos chamão de Liampó, devendo-o chamar Nimpó, que é proprio nome da cidade vizinha, d'onde o intitulárão. D'aqui voltando para o norte e noroeste, forma a costa com outra fronteira uma comprida enseada semelhante á do mar Adriatico, ou golfão de Veneza entre a terra de Albania, Esclavonia e Istria com a de Italia. Que com uma figura não muito differente despede a China alli de si para o sul a peninsula ou quasi ilha de Córe, ou Coray, a qual pelo lado occidental responde á provincia de Nanquim, d'onde tambem tomou o nome a mesma enseada, e com o Oriental vai, como d'antes vinha, direita ao norte e noroeste (senão quanto nas partes de Xatum se desvia um pouco ao poente) até ir entestar com as terras habitadas dos povos que nós chamamos Tartaros, e elles Taquis. A estes tem por fronteiros não só pela banda septentrional, mas tambem por grande distancia da do occidente. E posto que para os taes imigos os não entrarem e desapossarem, como algumas vezes fizerão, de suas terras, alevantárão os Chins

aquelle famoso muro, de que adiante fallaremos, não foi porém bastante nem elle, nem todas as guarnições de gente de guerra com que o guardão, para se defenderem dos Geographos, que lançados, parece, da banda dos Tartaros, roubárão á China o melhor de suas provincias, fazendo-as proprias da Tartaria, e estendendo esta, como mais quizerão, até o mar oriental, ou Mangico, segundo lhe elles chamão. Ao qual erro deu occasião, sem ter culpa n'elle, Marco Paulo Veneto, por achar (e o deixar assim escripto) aos Tartaros, quando andou entre elles (que foi pelos annos de mil e duzentos e sessenta), senhores da maior parte da China. Mas na verdade os Chins os lançárão presto fóra como a estrangeiros; e recuperárão dez annos depois a antiga posse, que têm até hoje pacifica de todo o Imperio. Ao qual por baixo da Tartaria ficão da banda do occidente, onde já estavão os povos Geos, gente barbara, cujo pasto é sangue e carne humana, e que se ferra e pinta com fogo por todo o corpo muito mais monstruosamente do que o costumão fazer os Mouros de Berberia. E parece ser a gente a que Marco Paulo dá o reino Cangigú, assim pela ferocidade de seus costumes, como pelo sitio da terra, que são, como elle as pinta, umas grandes serras mais asperas que os Alpes; d'onde descem a fazer grandes presas e estrago nos vizinhos, pelejando a cavallo, menos com os Chins, muito com os Laos que lhe ficão ao sul, com quem tambem após os Geos a China vizinha. Dividem os Chins dos Laos umas quasi continuas e fragosissimas montanhas, d'aquem das quaes lavrão os Laos muitas

e largas campinas, que rega em grande parte um dos mais notaveis rios da Asia chamado dos Cambojas Sistor, e dos Siames Meçon, que quer dizer capitão das aguas, e é tão larga esta provincia, que contém em si tres reinos de diversos nomes. O primeiro sahindo dos Geos se chama Jangomá, o segundo Chancray Chenerão, o terceiro Lanchaa, que parte com o de Cache, ou Cochinchina, o qual por esta banda do occidente vai a beber no mar do meio dia quasi defronte da mesma ilha Aynao, d'onde nos partímos. De sorte que o mar por uma parte, e por outra as terras das nações que nomeámos, são os termos e confins do reino da China, cujo comprimento (fallando ao nosso modo, e não ao dos cosmographos, que chamão largura a toda a distancia do norte para o sul) é conforme ao que temos dito de quinhentas e noventa e cinco leguas, porque tantas se montão segundo a conta mais recebida em trinta e quatro gráos, que ha da terra fronteira a Aynao á que os Chins têm já entre os Tartaros. Ficando ainda a costa tanto mais comprida, quanto mais voltas dá não correndo sempre direita ao norte.

Do que ha na mesma provincia de levante ao poente não temos tão certos argumentos, faltando-nos as observações dos eclipses da lua, conjuncções e opposições de planetas, que mais nos podião certificar d'esta distancia; mas dando fé ás medidas dos mesmos Chins, que não são muito differentes das que usárão Strabo, Pomponio Mela, Plinio e Solino, deve haver do cabo Liampó aos termos occidentaes da China quatrocentas

leguas. Que como nós repartimos o caminho por terra em milhas, leguas e jornadas, assim o fazem elles em lys, pús e ichãos, chamando ly o espaço por que se póde ouvir o brado humano em um campo raso, e n'um dia quieto e sereno. Dez dos quaes lys fazem um pú, que devem vir a ser duas milhas e meia, dando a cada ly como dous estadios ou duzentos e cincoenta passos. Um ichão contém dez pús, em que por esta conta ha seis leguas e um quarto das nossas, e é uma jornada das costumadas entre elles, que são pequenas. Dos quaes ichãos affirmão haver sessenta e quatro em que se contêm as quatrocentas leguas que diziamos, caminhando das montanhas que ficão ao poente até o mar de levante. E computando entre si esta largura com o comprimento, considerada juntamente a figura de toda a região, parece que lhe podemos dar de roda duas mil leguas pouco mais ou menos; grandeza que se póde bem comparar á de toda Europa, da qual sabemos, que nem do mar Aquitanico ao Ponto Euxino, por onde é mais comprida e continua, chega a quinhentas leguas, nem passa de seiscentas e trinta nos trinta e seis gráos que lhe achamos começando no estreito de Gibaltar, em pouco mais de trinta e seis, até a altura de setenta e dous, que é quanto está descoberto para aquella banda do mundo; ficando assim n'elle a China quasi com igual quinhão ao de uma parte inteira das tres em que os antigos o dividírão. O que bem considerado era bastante argumento para não termos esta região pela dos Sinas de Claudio Ptolomêo (por mais que alguns modernos as queirão

fazer a mesma) visto quanto menos caso o mesmo Ptolomêo faz dos seus Sinas do que merece uma tão grande cousa como é a China. Mas além d'isto Ptolomêo dá por limite oriental á sua Sina a terra incognita, e lança-a para a banda do sul até a levar debaixo da linha Equinoccial, e oito gráos além, em que situa Cattigara, escala dos Sinas; e a China, como vimos, toda está entre dezenove e cincoenta e tantos gráos do norte; nem tem da parte do oriente outros confins que o Oceano. Por onde mais a tenho por aquella terra não conhecida que Ptolomêo faz oriental á septentrional dos proprios Sinas, e toda a Serica, que é o ultimo de que elle teve noticia na Asia. Nem a contraria opinião se funda em mais que na semelhança dos nomes, pela qual tambem não faltou quem tivesse a China por uma das terras de que Isaias falla no capitulo 49, valendo-se da palavra hebréa, que é de terra Cenim, a qual S. Jeronymo trasladou Australi, e declarou ser o monte Sinai, a que a escriptura outras vezes chama terra Cineorum. Derão porém áquella curiosidade do reverendissimo e doutissimo bispo do Algarve D. Jeronymo Osorio não pequena occasião os setenta interpretes, que lendo, ao que parece, por Cenim Sinear, ou Sanaar, traduzírão da terra dos Persas, significando sem duvida alguma região das mais orientaes. Da qual variedade com o que outros disserão interpretando Sienes, que é uma provincia e cidade no Egypto interior, se vê claramente quão fraco fundamento é, tanto n'esta materia, como nas outras, parecerem-se os vocabulos para julgarmos das cousas.

Mas porque nem é razão que de todo desprezemos semelhantes conjecturas, digamos aqui brevemente d'onde veio á China e aos Chins serem assim nomeados pelos estrangeiros, chamando-se elles entre si Toangins, ou Tanguis, e ao reino Toame, não expressando, mas comendo na pronunciação o e; palavra que na lingua hebréa, se a primeira lettra fôr taph, val tanto como perfeita formosura, por qual se tinha e nomeava Tyro, segundo lh'o Deos mandou dizer, e lançar em rosto pelo propheta, e escrevendo-se com tet, é o mesmo que contaminada; as quaes significações ambas, quando o nome Toame não cahíra a caso, mas fôra posto por eleição e conselho mais que humano á provincia da China, não lhe puderão ser mais proprias; pois é certo que nem o mundo tem outra alguma região, a quem a natureza por uma parte, e a industria dos homens por outra, fizesse mais bella e formosa; nem o demonio contaminou gente nenhuma das dos seus idolatras com tantas e tão feias abominações.

Do nome da China, e Chins, acho averiguadas duas cousas; uma ser até hoje estranho entre os naturaes, que só o entendem alguns por se ouvirem assim nomear de nós; outra, ser tão antigo entre os estranhos, como o testificão os appellidos de Bate Chinas, que a mesma gente deixou a muitas ilhas, e o dos Chingalas de Ceilão, e baixos de Chilao, de que dissemos em seus proprios lugares. E se é verdade o que ouvímos notar a alguns curiosos, que o mesmo é Darcino (como dizem que chamárão os medicos arabes á canella)

que páo da China, e cinamomo, que páo cheiroso da China, tambem parece que por esta droga vir aos portos da Arabia nas náos dos Chins, que antigamente tiverão o commercio de todas as especiarias, ou pela posse em que elles por muitos annos estiverão da ilha de Ceilão, e da sua canella, a nomeárão assim n'aquellas partes. Que tudo são claros signaes de serem hoje e sempre no Oriente chamados e conhecidos por Chins os mesmos povos, e o reino por China.

Do fundamento, ou occasião do nome nos consta menos; porque o que alguns dizem que lhe veio do reino Cochinchina, com que vizinha da parte do sul, tivera alguma razão, se o tal nome o fôra proprio da mesma provincia, mas o seu é sómente Cache, e por ser muito tempo sujeita a el-rei da China, a quem ainda agora tem certo modo de reconhecimento, a vierão a chamar Cachechina, e com pouca mudança Cochichina, que vem a valer tanto como Cache da China. Outros discorrêrão assim. É a cortezia e saudação dos Chins, quando se encontrão, cerrando o punho da mão esquerda cobril-o com a palma da direita, e ambas assim juntas chegal-as muitas vezes ao peito inclinando a cabeça e o corpo todo, e repetindo a cada momento esta só palavra : chim, com que significão terem ao amigo mettido e impresso dentro n'alma; pois sendo esta a primeira voz, que os estrangeiros ouvião aos Tangins, e a mais ordinaria entre elles (como o são em toda a parte as das saudações) póde ser que d'aqui viessem a chamar á gente Chins, e á terra China. Mas não negando a este discurso a

subtileza, a verdade e propriedade, mais nos parece que a alcançárão e guardárão os que de tudo fazem origem aos povos Chinchêos, e cidade do mesmo nome, que em altura de vinte e cinco gráos está na costa d'aquelle reino. Porque é certo que os moradores d'esta cidade forão os que antigamente navegárão ao poente, conquistando as ilhas e mares da India, e fazendo seu todo o commercio. E ainda hoje só do mesmo porto, que saibamos, sahem navios para a Iaoa, Sunda, Ior, Malaca, e outras muitas partes; por onde não havendo n'ellas mais trato, nem conhecimento dos Toangins, que este dos Chinchêos, facilmente farião commum a toda a nação o nome seu proprio; e com muito mór facilidade o iria a elle o tempo comendo e gastando, de maneira que perdendo quatro lettras ficasse de Chinchêos Chins, e toda a provincia China; como por ventura nos veio a nós o appellido geral de Portuguezes, e ao reino de Portugal, do porto de Gaya; e como sabemos que chamárão e chamão muitos Taibencos aos mesmos Chins só por respeito da sua cidade real, cujos nomes são Paquim n'uma lingua, e Taibim em outra.

DA QUALIDADE DA TERRA

(X, 18.)

Situadas conforme ao que dissemos no capitulo precedente as duas regiões Europa e China, ambas d'esta banda do norte na zona temperada, parece que como

se se pretendêrão desencontrar, quanto uma se afastou para o norte, tanto lançou a outra para a linha Equinoccial. Porque a China ficando na altura de cincoenta e tres gráos escassos, não alcança com treze ao circulo arctico, d'além do qual tem a Europa cinco e meio dos seus setenta e dous. E ao contrario a Europa nem com doze gráos chega ao tropico de Cancro, que a China passa com quatro e meio. D'onde se recolhe a grande semelhança que em tudo o que depende do céo ha na maior parte de ambas estas provincias, pois está claro que todas as dos mesmos climas têm com o sol a mesma vizinhança, a mesma igualdade de dias e noites, o mesmo verão e inverno, estio e outono, com as de mais qualidades de que estas ordinariamente se acompanhão. E respeitando aquella differença, com que uma se furtou mais para o norte outra para o sul, ainda parece ficar a China avantajada, livrando-se dos frios extremos do polo participando mais do sol, tendo nos dias e noites menos desigualdade. Porque nem em Aynao, que é o mais austral, passa o maior dia do anno de treze horas, nem dezeseis no mais septentrional de todo o reino. E assim fallando universalmente são n'elle os ares os mais temperados e sadios, e a terra a mais fertil, rica, aprazivel e fresca do descoberto, que de tudo isto houverão os antigos coubera o mais e melhor á banda do norte que á do sul entre as duas em que Eratosthenes repartio o mundo. Mas além das vantagens que a respeito dos polos a China faz á Europa, se as que chamão influencias são de mór efficacia e vigor

nas terras orientaes (como o presumírão os philosophos, que a esta conta chamárão ao oriente a parte direita do céo, e ao occidente esquerda) a China é a provincia d'elle mais favorecida e mimosa, pois nenhuma outra lhe fica ao levante. Nem a ajudão pouco (depois das estrellas) o mar, que por aqui a rodeia toda, e os montes e serranias, que a cercão ao poente; tendo assim de uma das bandas quanto podia desejar do refresco e virações do Oceano, e do commercio do infinito numero de ilhas, e outros proveitos de muito momento, e sendo-lhe pela outra as suas montanhas não menos favoraveis á saude da gente, do que Plinio fez os outeiros dos Alpes ao imperio romano. Que lhe não servem sómente de amparo e defensão dos imigos fronteiros, senão que lançando muitos braços, ou ramos de menos aspereza por toda a China, n'elles se acha toda a sorte de minas, betas, e vieiros de ricos metaes e mineraes; elles fazem os campos mais abrigados dos ventos; recolhem e mantêm grande multidão de animaes feros e silvestres, que monteião os Chins; e botando de si muitos e mui caudalosos rios, de tal maneira engrossão e fertilisão a terra, que não ha no mundo herva, hortaliça, fruta, semente, planta, arvore, nem animal, de que não seja caroavel; sendo-lhe de todas estas cousas muitas tão proprias, que se não dão em outra alguma provincia. E assim não ha que perguntar pelos nossos melões, miraolhos, berjaçotes, cannas de assucar, uvas (posto que não fação vinho d'ellas), limões, cidras, laranjas as mais e melhores do mundo, amendoas, nozes,

castanhas, avelãs, pinhões, que de quanto em Italia e Hespanha dão os mattos, ou se cria nos pomares, ha na China tanta abundancia, como das mangas, carambolas, jacas, patecas, bananas, e todas as frutas indianas; não se achando nem na India, nem n'outra alguma região as suas lechias e naivecas tão nomeadas em todo Oriente pela suavidade do sabor, e pouco pejo que fazem no estomago, por mais que se comão em quantidade; são as maiores do tamanho das ameixas, que chamamos saragoçanas, a côr de fóra vermelha como de medronho, a carne de dentro como de uvas; o caroço comprido ao modo das tamaras; nascem em arvores mui grandes e mui frescas, que são as que plantão ás portas nas ruas principaes. De trigo, centeio, arroz, e todas as mais sementes e legumes, que cá conhecemos por mantimento dos homens e animaes, e do Orido, Nachanim, Mungo, e outros particulares da India, a ella, e ao mundo todo, assim pudera ser a China celeiro, como n'algum tempo o foi Sicilia a Roma.

São calvos e sem lenha os montes em França, Flandres, Allemanha, e todas as ilhas de Hollanda, Dinamarca, a respeito dos pinhaes, mattas, e devesas de toda a sorte de madeira, e arvoredo, de que sempre está alli povoado, e verde, tudo o de que menos se espera pela agricultura. Aqui nasce todo o ruibarbo com a lançoa, que se parece ás raizes do nosso aipo; e aquelle excellente medicamento, que nomeamos por páo da China, deixando infinitos outros simplices medicinaes, de que os arbolarios do proprio reino

têm escriptos grandes volumes em nada somenos aos de Theofrasto, Dioscorides e Galeno. Os bichos que crião a seda, os enxames das abelhas não têm conto; e além dos leões, rhinocerotes ou badas, tigres, reimões, ursos, lobos, porcos montezes, veados, gazellas, nervús, lebres, coelhos, e quantos animaes pascem a Hespanha, as pelles das martas e arminhos, de que os Chins se forrão, não devem nada ás mais finas zebellinas e armellinas que vêm ás feiras de toda a Gocia e Scrifinia; são innumeraveis umas como raposas na feição e tamanho, de cuja carne e sangue se faz o almiscar; as vaccas, bufaros, porcos mansos, de que os Chins são grandes comedores; ovelhas, cabras cavallos mais pequenos, mas não menos rijos e andadores que os nossos. Na criação de gallinhas, pavões, ganços, adens, e todas as aves domesticas, não se lhe póde comparar terra nenhuma, avantajando-a a todas a natureza na quantidade e sorte das silvestres; porque não lhe sendo nova alguma das nossas, nos são a nós muitas das suas estranhas, pela diversidade das figuras, variedade das pennas, e côres formosissimas, umas que se comem por iguaria de preço, outras a que o dá a suavidade do seu canto. Servindo tambem os ares e a terra nas provincias da China á vida e recreação humana, não tem nada menos por si a agua, que parece andárão ás invejas cada um d'estes elementos sobre qual lhe seria mais favoravel, e de maior proveito. É incomparavel a abundancia das fontes perennes, umas frias, doces, suavissimas, em que se refrescão a gente e os animaes, regão de pé os campos;

outras quentes, e de propriedades tão certas e efficazes na cura e remedio de muitas enfermidades, que negão a vantagem ás virtudes que para os mesmos effeitos têm da terra as hervas e as plantas. E quanto á fertilidade e riquezas, de mais da terra dever n'esta parte muito á agua, não sabemos no descoberto rios, nem mares mais abundantes de pescados e mariscos, nem onde sejão tão rendosos os mineiros das perolas, que por seus quilates e valor não montão menos que o muito ouro e prata que se tira das minas da mesma terra. Bem considerado emfim o que de seu tem a China, e comparando-a não já com os desertos da Arabia, e areaes da Libia, mas com a abastança da Pulha, delicias da Campania, frescuras da Lombardia, grossura do Egypto, sempre nos parecerá, que só com ella se houve a natureza como mãi, tratando todas as mais como madrasta, e desherdando a umas de uns de seus bens e a outras de outros pelos ajuntar para ella, e lh'os dar todos em dote.

DO NUMERO E INDUSTRIA DOS MORADORES DA CHINA

(X, 19.)

Mas o em que mais se vê alli a abundancia da terra, a boa ajuda das aguas, a benignidade dos ares, a clemencia do céo, é a criação da gente, e moradores, cujo numero sendo mui difficultoso de crer, o é muito mais

de encarecer; que não só pelas ruas e praças das villas e cidades, mas nem pelas estradas e caminhos que vão de umas para as outras, cabe ordinariamente o povo, recovas e cargas; nem ha a todas as horas na entrada e portas dos lugares menos aperto e grita, que ás das nossas igrejas, quando as visitamos com maior concurso no dia do orago. Livros têm os Chins, em que mui curiosa e particularmente estão os nomes dos vassallos, assim para a arrecadação dos tributos e direitos reaes, como para outros effeitos. Mas por estas matriculas póde-se mal saber o numero da gente, pelo modo que elles guardão em a contar; não é por cabeças, ou fogos, como se usa entre nós, mas sómente assentão certos de cada familia, ou appellido, que vem a ser de cada dez pessoas menos de quatro, e de tres, nem entrão n'este numero os officiaes e ministros da justiça e fazenda do rei, que são em grandissima quantidade, nem os capitães com toda a gente de guerra, de que ha mais de seis milhões e setecentos mil. Por onde a somma, que do immenso povo da China se póde tirar d'aquelles seus livros, contém só uma parte mui pequena do que elle em si é. E comtudo sabemos certo que passão os assim matriculados de setenta milhões duzentas e cincoenta mil almas, os quaes juntos á multidão dos que ficão por assentar, só os algarismos de Archimedes no livro do numero das arcas parece que bastára a lhe tirar e saber o seu D'aqui vinha espantarem-se os Portuguezes, que entrárão mais pelo sertão, dos bandos de meninos e crianças, e affirmavão que não podião cuidar, senão que

nascião sempre cinco e cinco do mesmo ventre, como se contava (segundo Estrabo refere) das mulheres do Egypto. São estas crianças n'aquella primeira idade lindissimas, porque em muitos a côr é branca, como a dos Hespanhóes, e nos de Paquim não menos que a dos Italianos e Francezes; as feições, antes de vultarem muito, são aprazíveis, até que alargando nos rostos, e ficando-lhes os narizes amassados, com que os olhos parecem ainda mais pequenos, se fazem menos gentis homens. Não falta porém na China muita gente de rostos compridos, em boa proporção, olhos grandes, narizes afilados, barbas bem postas, que por serem os menos, parece descenderem dos estrangeiros que houve no mesmo reino ao tempo que se communicava mais com os outros. No valor do animo, e na viveza dos engenhos, são bom exemplo do juizo que Aristoteles fez dos moradores da Asia e da Europa, dizendo que a vantagem que os de poente tinhão no esforço, lhes fazião os Orientaes na subtileza dos entendimentos. Ao menos na mecanica de todas as artes a ninguem a dão os Chins. Na pintura só lhes faltão as sombras; a infernal invenção da artilharia lá a introduzio o demonio primeiro que em Europa, sem embargo do que alguns quizerão adivinhar dos relampagos e trovões de Salmoneo referidos por Virgilio no sexto da Æneida, não attentando (de mais do poeta se declarar logo a si mesmo) que das cousas d'este rei nem Herodoto faz menção, e que como fabulosas as largárão os historiadores de todo aos poetas, e constando-nos, além d'isso, que tambem de Claudio imperador se escreve

o mesmo (tanto que veio a sahir em proverbio, trovões Claudianos, como o conta Plutarco) sendo porém certo que não só não inventou, mas nem usou elle nunca a artilharia. Da qual emfim entre nós não sabemos outro principio, nem mais certo, nem mais antigo, que o que lhe dá Antonio Sabellico em Allemanha. Onde tambem diz que começou a impressão, havendo-a na China juntamente com a fundição dos sinos muitas éras antes. No tecer das sedas, na fabrica dos edificios, no assento e ordem das povoações, e em quanto finalmente se póde esperar da industria humana, é tal a dos Chins, que por muito que ella deva sua grande abundancia e riqueza aos elementos, não é menos obrigada á diligencia e trabalho, com que seus moradores industrião e fazem muito mais fertiles e rendosas a terra e agua. Tem reduzido agricultura a regras d'arte, e é entre elles estimada e privilegiada sobre todas as mecanicas, porque dizem que sem as outras se póde em alguma maneira passar a vida (como na verdade sem muitas d'ellas vivêrão ditosa e saborosamente os que lográrão a idade de ouro) mas não sem lavrar e cultivar os campos. E assim não tem lugar entre os Chins os queixumes, que n'esta parte já fazia, e com muita razão, da nossa Europa Junio Moderato Columela, quando ainda havia menos annos que os arados andavão nas mãos dos Camillos, Curios, Cincinnatos. Não ha palmo de terra com que não entendão, fazendo das esteriles fertiles a poder de beneficio, e tirando com o mesmo das que de si derão uma, muitas novidades, e servindo-lhe

muito para isso a grande cópia de rios que descem dos montes, o que mais monta são as voltas que lhes fazem dar, abrindo, sangrando, derivando as aguas de maneira que quasi todo o habitado fica uma horta regada, e tão facil de navegar, como de passeiar. Porque a esta conta quasi não ha cidade, nem villa, a que se não possa ir e vir de qualquer outra tão bem por agua, como por terra, e posto que os lagos e esteiros não têm conto, como os não deixão estar apaulados e mortos, antes os trazem em continuo movimento, dando-lhes por varias partes corrente e vida, mais ajudão que prejudicão aos bons ares e saude da provincia; de que é bastante argumento aquella infinita multidão de gente que conserva, sobre nos constar por seus annaes, que de dous mil annos a esta parte não houve peste na China. As cidades, villas e lugares são tão frequentes, e vizinhos uns dos outros, que muitas vistas de longe parecem uma só, e as mais pequenas arrabaldes das maiores; nem os campos ficão desertos, e despovoados de moradores, senão que são tantos os casaes dos que os lavrão, e as quintas e casas de prazer dos ricos, que fazem por todo o reino muita vantagem á ribeira de Genova, e termo de Florença em Italia, e ao da nossa Lisboa em Hespanha. Mas não se contentão os Chins de edificar, e morar sómente na terra, igualmente o fazem na agua, obrigando-a a lhes pagar com esta usura o muito que pela grande multidão dos rios lhes occupa. E assim os trazem a todos coalhados de embarcações feitas e dedicadas igualmente ao serviço e trato de passageiros

mercadores, e á própria habitação e vivenda de seus donos. Os quaes não tendo outra fazenda, nem herança na terra, n'estas embarcações trazem mulher, filhos, alfaias com todo seu haver, ordenando-as por tal modo que no meio fica uma casa de madeira mui bem coberta, repartida em seus aposentos, uns em que passão os estrangieros, outros em que vive á parte a familia, sem lhe faltar commodidade alguma, porque alli têm onde criem as gallinhas, tragão as adens, cevem os porcos, e ainda suas como hortas, e jardins de recreação, que são uns alegretes grandes da banda de fóra da pôpa plantados de romeiras, macieiras e larangeiras anãs, e cheios de toda a variedade de flôres, boninas, salutiferas hervas, e verdura. Emfim como Bias se gloriava de trazer comsigo todos seus bens, não fazendo caso mais que dos da alma, assim trazem estes os do corpo, que sómente conhecem, todos nos seus barcos. Dentro dos quaes (como os herdem dos pais os filhos) ha muitos homens e mulheres, que por serem n'elles nascidos e criados, e sahirem menos a terra, do que outros entrão na agua, com razão se póde duvidar de qual dos dous elementos sejão mais naturaes. O numero d'estas embarcações é inestimavel. Porque com serem tantas as que servem de passar de umas partes ás outras, não são menos as que a paradas estão quedas pelos rios, a modo das vendas das estradas por terra, nas quaes os passageiros e navegantes têm tudo prestes sem lhes ser necessario ir carregados de matalotagem. E da mesma maneira é infinita a multidão das que estão ancoradas

não só junto ás cidades e villas, mas a qualquer lugar ou ponte. E d'aqui se entende aquelle enigma de um nosso Portuguez, que entre outras cousas maravilhosas da China, affirmava víra n'ella cidades situadas sobre agua, que se abalavão e movião todas as luas. E é o caso, que se fazem cada mez, ora n'uma parte, ora n'outra, nos rios umas feiras geraes, onde concorre grande multidão de toda a sorte de embarcações, que surgindo ao largo se ordenão como as casas de uma cidade bem edificada, deixando ruas, travessas, praças por onde passem, e onde se ajuntem em seus barcos os que vêm a feirar. E achão-se aqui, não sómente toda a provisão de mercadorias, joias, brincos, curiosidades, mas os mesmos officiaes arruados, que actualmente estão trabalhando em suas tendas, como nas cidades da terra melhor governadas, e mais ricas. E porque estas feiras não durão ordinariamente n'uma parte mais de quinze dias, e no cabo d'elles se vão fazer a outras, por isso as chamava bem o autor do enigma cidades sobre agua, e movediças.

DO RENDIMENTO, PROVINCIAS E LUGARES MURADOS DO REINO DA CHINA,

E VARIAS SORTES DOS QUE N'ELLA SE CHAMÃO MANDARINS

(X, 20.)

De toda esta tão grande, tão rica, tão deleitosa terra, a que por certo cabia melhor o nome de bem

afortunada, que ás ilhas, a que o puzerão os antigos, e o titulo de felice e ditosa, que não á Arabia, onde hoje se não vê parte, nem cousa, que bem o mereça; de toda aquella tão immensa multidão de povo, que não cabendo nas cidades, nas villas, nos campos, povoa igualmente os esteiros, os rios e os lagos, é um só homem universal rei e senhor das fazendas, da honra, das pessoas, com soberano e absoluto poder sobre a morte e vida de todos. Arriscaria a fé da historia, se escrevesse o que se conta, posto que por bem fieis informações da magestade de sua côrte, do apparato do serviço, das delicias dos jardins, da grandeza dos paços, em que ha setenta e nove salas, todas de inestimavel fabrica assim na materia, como na architectura, mas quatro principaes (se nos não enganão os que assim o escrevêrão e imprimírão) cujas paredes e forros dos telhados dizem que são, n'uma metal de mil lavores, n'outra prata finissima; na terceira ouro de martello com todos os esmaltes e feitio, a que a arte póde chegar; na quarta um mosaico sem preço, lavrado de diamantes, ardentissimos rubins, carbunculos, saphiras, esmeraldas, e todo o melhor da pedraria do Oriente. Mas porque se não represente a alguem, que fingimos e não referimos o que lêmos, digo sómente que em todo o universo não ha principe tão rico como o rei da China.

O padre Alexandre Valignano, que com santos intentos fez grandes diligencias por tirar a limpo dos livros de seus tributos e direitos reaes o que tem de renda em cada um anno, affirma ser mais que toda a

de quantos reis e senhores ha na Europa, feita n'uma massa, e por ventura, diz, ainda que lhe ajuntemos a de todos os da Africa; só o tributo da vassallagem, por cujo respeito se matricula a gente da maneira que dissemos, importa averiguadamente todos os annos trinta milhões de ouro; e sómente dos fóros do que colhem da terra os lavradores, passa de vinte milhões o que pagão a el-rei em cada novidade; não entrando aqui o que lhe vem das minas do ouro e prata, da pescaria das perolas, e da pedraria de toda a sorte, do ambar, do almiscar, das porcellanas, que acho sommado em mais de treze milhões. Mas a renda das alfandegas é a principal; porque sabemos que só as da provincia de Cantão, que sem duvida é uma das menores, e de menos trato entre as quinze, quando menos importão, valem a el-rei de Janeiro a Janeiro tres mil picos de prata, que são da nossa moeda passante de sete milhões e quatrocentos mil cruzados. D'onde parece com quanta cautela e cuidado de conservar o credito, fallou n'esta materia quem pôz toda a renda da China em cento e vinte contos de ouro; mostrando que assaz a encarecia com a comparar a quanto o imperador Vespasiano por todo o tempo de seu imperio, e com sua grande cubiça, ajuntou e deixou no thesouro e erario romano. Que por grande e rico que alguma hora fosse, nunca chegou, sendo um só, a nenhum dos quinze que este barbaro tem nas quinze provincias do Estado, onde a prata, que na China corre sómente por moeda, e preço das mais cousas, já não tem nem peso, nem conto. É cada provincia, ou governança d'aquellas respeitando á gros-

sura das rendas, e ao numero dos lugares, por si um grande reino; que não ha nenhma que não tenha debaixo de sua jurisdicção muitas cidades de trinta mil vizinhos, e algumas de sessenta, setenta, e cem mil; afóra outras innumeraveis de menos autoridade. Porque ácerca dos Chins ha seis sortes de povoações, umas por murar, e as cinco todas muradas, e torreadas de obra de cantaria até certa altura, e depois de ladrilho, tão forte, e bem fabricada, e o que mais importa tão vigiada e reformada dos que a têm a seu cargo, que em dous mil annos se lhe não enxerga fenda, nem signal de ruina; são todas tão bem edificadas, que aqui parece se pôz por obra quanto entre nós os philosophos e mathematicos puderão sómente imaginar, e pintar nos livros de suas politicas e architecturas. O sitio é ordinariamente pela margem dos rios navegaveis, com que ganhão a frescura dos ares, a commodidade do serviço, a limpeza da terra. São os muros da banda de fóra de boa altura, e tão bem entulhados por dentro, que quasi lhes ficão as casas no mesmo andar; e assim mais desabafadas, e lavadas dos ventos, com a vista menos tomada, e menos sujeitas ás baterias. Todas têm suas cavas mui largas por dentro, e por fóra, e sobre ellas pontes de cantaria com os terços do meio de madeira, e levadiços para mór resguardo; ás portas principaes ha torres altas e fortes com a entrada requestada por diversos portaes; de modo que passado um, fique defensão no outro. São as mesmas portas todas chapeadas de ferro, umas firmes, outras sempre alevantadas no ar, e prestes para se descerem quando fôr necessa-

rio; as ruas lageadas, e com sua corrente de uma parte e de outra para o meio; muitos arcos triumphaes, que as atravessão e ornão, e arvores, que sem as assombrarem as fazem mais frescas e apraziveis. E de tal maneira estão lançadas que ha poucas cidades entre os Chins onde se não ache o que se escreve por cousa muito rara de Nicea, metropole de Bithynia, que estando n'um campo raso, e em figura quadrada, tinha duas ruas iguaes, as quaes de tal maneira se cortavão no meio em cruz, que de uma pedra, que alli estava por centro, ficavão á vista todas as quatro portas de Nicea. Assim se cruzão ordinariamente as duas principaes ruas nas cidades da China, e assim se vêm do lugar, onde uma passa pela outra, as portas e sahidas de todas; e finalmente estas, e as travessas que vão fundadas sobre ellas, ficão tão compassadas e direitas, que parece primeiro se cordeárão, que fossem edificados os lugares. Entre os quaes dos que não têm muros se não faz conta na China, nem elles em si têm conto; posto que muitos sejão tão grandes como as maiores villas de Europa, e que cá puderão pretender privilegio de cidades. Os cercados passão de quatro mil quinhentos e quarenta; e distinguem-os conforme a suas preeminencias, ajuntando no fim do nome proprio de cada um uma d'estas palavras : Fu, Cheu, Hieu, Ilui. Fu é nota de cidade principal na jurisdicção, governo, honras do rei, e quantidade do povo. E assim dizem Cantão Fu, Paquim Fu, Nanquim Fu, para dizer cidade de Cantão, de Paquim, de Nanquim, com alguma semelhança á composição grega, em que tam-

bem o polis vai detrá dizendo Alexandrinopolis, Adrianopolis. Os Cheus são tambem cidades pouco ou nada menores que os Fus, mas com menos jurisdicção e preeminencias. Respondem os Hieus a villas de Hespanha na subordinação do governo : posto que no apparato e grandeza se possão comparar ás nossas cidades. Iluis chamão aos lugares de guarnição d'aquelles milhões de gente de guerra que diziamos haver em todo o reino. Dos quaes uns estão por si apartados, outros incorporados, ao modo de citadellas, nos mesmos Fus, Cheus e Hieus. As provincias são quinze, que ordinariamente intitulão com o nome do Fu, principal, e cabeça dos mais. Assim se chama Cantão, onde hoje temos o commercio; e parece ser aquella que antigamente foi tão celebrada com o nome de Catayo, e por cujo respeito chamavão os Orientaes geralmente aos Chins, Cataynos, e Catayo a toda a região, d'onde tambem o poeta toscano disse *de Catayo a Gadi* para dizer dos fins de levante aos de poente. Mas as duas principaes são Paquim e Nanquim. E é Paquim sem duvida o mesmo Fu a que Marco Paulo Veneto chama Quinsai, e interpreta cidade do céo, dando-lhe por sitio um quadro de trinta e duas leguas ao todo, e de oito em cada lado, que é o maior campo que no mundo teve outro algum lugar; pois nem o de Ninive passou, segundo Strabo, de sessenta e seis milhas. Mas a grandeza é o menos que se escreve da cidade Quinsai; a qual por isso affirmo ser o Paquim, porque d'ella se chama ainda hoje a mesma provincia Quincy; além de contestarem com as maravilhas do Quinsai de Marco

Paulo as muitas e mui estranhas que os nossos Portuguezes, e outros modernos contão do Paquim; como é não poder um cavallo, por andador que seja, fazer maior jornada de sol a sol, que atravessal-a de uma porta á outra. Aqui são aquelles famosos paços das setenta e nove salas cercados em roda de tres muros mui altos e mui fortes, e mais espaçosos que os de qualquer grande cidade de Europa; dentro os quaes não ha umas casas reaes sómente, mas quinze distinctas com seus termos; que têm os proprios nomes, e representão as quinze provincias do imperio quanto póde ser ao natural, assim nos aposentos e repartição de cada uma das fabricas que respondem aos Fus e Cheus das mesmas provincias, como nos campos, bosques, parques, jardins, hortas, fontes, ribeiras, tanques, lagos: em que se retrata com toda a propriedade possivel o paés do districto de cada uma: e isto para que o rei tenha recopilado, e logre dentro d'aquelles muros quanto ha fóra d'elles em todo o reino. Cuja parte mais septentrional é a mesma provincia do Paquim, e a propria cidade a mais fronteira aos Tartaros, com quem os Chins têm perpetua guerra, que foi tambem a causa do rei passar a ella sua côrte do anno de mil e quinhentos e vinte e um a esta parte, tendo-a antigamente em Nanquim, por estar mais no coração do reino; e pelo mesmo respeito ficou alli uma chancellaria, ou relação suprema, onde se terminão as causas de seis provincias, salvo quando parecesse dever-se recorrer n'alguma a el-rei, e ao seu conselho real de Paquim, que consta de oito con-

selheiros de estado, e é todo o governo e poder absoluto da China. Além d'estes dous senados principaes ha em cada provincia seu proprio vice-rei com titulo de Tutão, e autoridade e jurisdicção universal sobre tudo. Após o qual é um como vedor da fazenda do rei, que para a receita e despeza d'ella tem debaixo de si grande numero de escrivães, contadores, thesoureiros, e outros ministros maiores e menores. Segue-se o regedor, ou presidente do conselho de justiça nas causas civeis e crimes, onde não são menos os officiaes; e finalmente o Aytan, que é o generalissimo nas cousas da guerra, debaixo do qual ficão os capitães da terra e do mar. De cada sorte d'estes mandarins particulares (que assim se chamão todos geralmente) ha uma infinita multidão pelos Fus, Cheus, e mais lugares de cada provincia, com esta differença, que os que servem na guerra succedem por sangue e herança os filhos aos pais nos cargos e dignidades; mas os de justiça e fazenda sómente se dão por lettras e merecimentos sem nenhum outro respeito. Durão nos officios tres annos, nem podem ser naturaes d'onde governão. Vivem de tal maneira da despeza real que nenhuma cousa trazem comsigo quando vêm de novo aos lugares; senão que alli achão casas nobilissimas ornadas, e cheias de todos os moveis, com servidores, que o mesmo rei lhe escolhe; e paga provisão de mesa, e recreações conforme á dignidade de seu mando. No qual como lhe succede outro, acabado seu tempo, assim lhe deixa elle a casa sem levar comsigo mais do que trouxe; e seguem-se d'este estylo dous

grandes bens; porque sendo-lhes assim a todos, e em tudo taxado o modo de seu tratamento, nem a vaidade tem lugar para os mandarins por propria ambição se metterem uns ás invejas dos outros em fausto e gastos demasiados, que são de grande escandalo na republica; nem ficão tão sujeitos á tentação das peitas, a quem a necessidade e falta tirão o pejo, e abrem de par em par as portas. Ainda que nem esta provisão tão larga, nem a grande vigia e espias que sobre isso andão, e devassas publicas e secretas, que cada dia se tirão por ministros particulares mandados da côrte, e muitas vezes disfarçados, e sem se darem a conhecer senão depois de feita a diligencia, nem os gravissimos castigos que dão aos comprehendidos basta para os mesmos mandarins deixarem de ser os maiores ladrões da propria justiça que administrão, e mais levados do que lhe dão por ella, que ha no descoberto; porque se entenda que onde não houver fé, nem temor de Deos, por grande que seja o que se tem dos homens, e muito que n'elles alcance a razão natural, poder-se-hão os vicios esconder, mas não acabar.

DA ORDEM E DILIGENCIA DOS CHINS EM SEU GOVERNO, E DA CAUTELA COM OS ESTRANGEIROS

(X, 21.)

Na policia dos Chins ha todavia algumas cousas bem notaveis; e a que mór louvor merece é a grande ordem d'esta machina de ministros, e sujeição que uns têm aos outros, e todos ao rei, o qual de tal maneira o é, que não ha em toda a China um só palmo de terra de que não seja proprio senhor, ou onde outrem tenha algum modo de jurisdicção, poder e autoridade, mais que os seus mandarins, a quem a elle dá. Porque ainda que haja muita nobreza, fazendas grossas, e morgados ricos e antigos com succession de pais e avós a filhos e a netos, não são porém duques, nem condes, como entre nós, nem jacatás ou tonos como em Japão com lugares e vassallos, onde, e sobre quem possão pôr tributos, ou mandar no crime, nem no civel cousa alguma. Os mandarins sómente governão e meneião tudo com tão grande autoridade, que mais os tratão os outros Chins como a idolos, que como a homens da sua mesma nação e natureza. Ninguem requer ante elle senão com ambos os joelhos em terra; a linguagem não é a vulgar, mas como entre nós a latina, e aquella só corre por todo o reino, havendo muitas particulares e proprias, que se pratição n'umas pro

vincias, e não nas outras; posto que o que se escreve por as lettras serem jerogliphicas, e mais figuras das cousas, que signaes das palavras, igualmente o entendem todos os que o lêm. Sahem os mandarins em ricos andores com grande côrte e acompanhamento, e para se fazerem mais temer levão diante a guarda de homens d'armas, e os algozes ordinarios, a que chamão upos. Vão estes dando brados espantosos em signal de vir, ou passar o mandarim, aos quaes a gente se retira, e deixa a rua despejada, e os que acaso acertão de se encontrar com elle, não o esperão em pé, senão que afastando-se a uma parte se poem de joelhos até o perderem de vista. Trazem os upos, como antigamente os beleguins, que chamavão lictores dos consules e pretores romanos, uns mólhos de bambús, ou cannas massiças de largura de tres e quatro dedos, e de comprimento de uma braça, com que os mandarins fazem mui facilmente açoutar toda a pessoa, e são os açoutes tão crueis, que poucos bastão para deixar um homem aleijado das pernas, e muitos com uma duzia de golpes deixão a vida.

Mas tornando ao que começavamos a dizer da ordem que ha entre todos estes ministros e o rei, escrevia o padre Alexandre que em uma religião muito bem governada a não podia haver maior entre os subditos, prelados, particulares, e geral. O rei, posto que em tudo soberano e absoluto, nenhuma cousa faz senão segundo a disposição das leis, e accordo do conselho do Estado. Ao qual os vice-reis das provincias seguem tão pontualmente como se não tiverão outro entendi-

mento, nem inclinação; e com a mesma obediencia lhe respondem a estes os a elles sujeitos e subordinados, correndo-se, e entendendo-se todos entre si com tanta facilidade e suavidade, que lhe parecerá, a quem o bem considerar, meneio de uma casa e familia de pouca e boa gente; e não, como o é, governo de um imperio o maior, e dos mais maliciosos idolatras do mundo. Conforme a esta ordem e obediencia é incrivel a presteza da execução de quanto se ordena; a que serve um infinito numero de correios d'el-rei estando sempre a ponto com cavallos, que mudão ás postas, onde antes de chegarem fazem signal com a trombeta, como se costuma entre nós, para lh'os terem prestes; por elles dão os vice-reis todos os mezes conta ao conselho do Estado de quanto passa em cada provincia, recebem da côrte os despachos ordinarios, e mandão executar os proprios nas cidades e lugares de suas governanças. E como nem para as despezas d'estes ministros, nem para os gastos do que se manda falte dinheiro, ou outra alguma cousa, em todas fica sendo quasi o mesmo o dizer e o fazer, ou sejão fabricas e edificios mui custosos, ou exercitos por terra de um e dous milhões de homens, com tudo quanto hão mister para comer, marchar e pelejar, ou armadas de quinhentas e mais velas grossas cheias de mantimentos, munições, artilharia, gente de mar e de guerra. Depois d'esta ordem, obediencia e presteza tão importante a todo bom governo é maravilhosa a cautela e resguardo com que tratão no seu os Chins da paz e quietação da republica, não se velando n'esta parte

menos dos proprios naturaes do mais interior do reino, que dos imigos fronteiros. Para que todo o Estado em roda ficasse quanto podia ser seguro, e fechado pelos confins da terra, alevantárão contra os Tartaros, na parte onde lhes faltavão montes, um muro de cantaria a cuja sombra nada montárão nem os de Babylonia, nem todas as fabricas de pyramides e colisêos que os poetas celebrárão por milagres do mundo. Corre o monstruoso edificio quasi por trezentas leguas, até ir dar as mãos a duas altissimas serranias, e fechar com ellas de uma banda e da outra tudo o que ha da China ao poente. É a obra tão forte, alta, e larga, que como suppre, assim arremeda a firmeza, altura e vastidão dos montes. Não deixando de ter suas torres a passos, e gente de guarnição em todas ellas, como se sómente fôra cerca de um castello, ou cidade pequena. E ninguem se espante dos Chins continuarem as montanhas com muros na terra firme, pois não duvidárão de a poder unir ás ilhas bem distantes com navios no mar. Contava D. Fernando de Castro, filho de D. Garcia de Castro de Evora, a quem eu dou todo o credito, porque além de se dever ás grandes qualidades de sua fidalguia e virtude, sei quanto fez na India, onde foi capitão de Chaul, por tirar á luz as cousas de todo aquelle Oriente, e em especial as da China, ajudando-se para isso da muita noticia que já de cá levou da historia, geographia, astrologia, e outras artes e sciencias; e da communicação dos naturaes das mesmas partes, de cuja pratica e interpretação de seus annaes alcançou muitas antigui-

dades, e novidades mui notaveis e curiosas. Contava, como digo, este fidalgo por relação de um d'aquelles interpretes, ou jurubassas (que assim lhe chamão os Chins) de que se fiava, que vendo-se os governadores da provincia de Fuquiem, ou Chinchêo, cujo sitio é entre a de Liampó e a de Cantão, affrontados dos saltos e entradas que os corsarios japões fazião nas suas terras, escrevêrão ao conselho real do Paquim que importava mandar um exercito a Japão, para que destruindo-o, e despovoando-o de todo ficassem livres d'aquelle cuidado. E vindo-se a tratar da passagem da gente assentárão que por mostras do grande poder e magestade d'el-rei da China, não fosse em armada; mas se fizesse uma ponte sobre embarcações da costa de Liampó, que fica ao norte do mesmo Fuquiem, até Japão, por distancia de cem leguas, bem differente travessa por certo da de Sesto a Abida, por onde Xerxes, quando passou á Europa o seu exercito, quanto a assombrou com elle, tão attonito deixou o mundo só com a passagem. Nem desagradou o alvitre, dizia o jurubassa, por impossivel; antes se houve por averiguado que a metade das embarcações que havia era bastante a fazer a ponte mui larga e ainda mais comprida; o que, dado que a nós pareça encarecimento, não pareceu a D. Fernando senão possivel, e ainda certo, considerada a infinita multidão de bancões, juncos, e outras sortes de navios, de que os rios, esteiros, portos e o mar por toda a costa andão coalhados. Mas por isso el-rei não veio na fabrica da ponte, porque como pela parte do occidente tem o

reino fechado aos Tartaros com as trezentas leguas de muro, fazendo todo o caso de lhe não entrarem os imigos nas proprias terras, e nenhum de sahir a lhes conquistar as suas; assim quer os seus navios e armadas para se murar, e cercar com ellas da parte de levante, contra os Japões, e quaesquer outros corsarios; e não para os ir buscar ás suas ilhas; as quaes largárão os Chins ha muitos annos com o mesmo intento, que diziamos de lograr o Estado, e governar a republica, quanto póde ser pacifica e seguramente.

DAS TERRAS QUE OS CHINS ANTIGAMENTE POVOÁRÃO E POSSUIRÃO, E COMO O REI SE NÃO FIA DOS PROPRIOS NATURAES

(X, 22.)

Como tocamos muitas vezes em diversos lugares d'esta historia, e os mesmos Chins o escrevem nas suas, não forão sómente senhores das terras firmes, mas das ilhas de todo o oriente até o cabo de Boa Esperança. Nem falta quem os faça os primeiros que descobrírão e povoárão a nova Hespanha, Perú, Brasil e Antilhas, em cujos naturaes se vêm as mesmas feições de rosto, e proporção de corpos em tudo tão achinados como os Jáos, Japões, Lequios, e outros, que se têm por certos descendentes dos mesmos

Chins, sobre não ser pequeno argumento por esta parte a antiguidade da gente e reino da China, de que se elles prezão tanto, que nem nas fabulas com que a encarecem, ficão áquem das dos Egitanos, Phrigios e Scytas; nem nas verdades ao menos do principio da navegação, os passão Gregos e Phenicios. Sua e não de Cambaya, se tem que foi aquella náo de Indios, que veio ter pela banda do norte ás praias d'Allemanha, estando por consul em França Metello, collega de Afranio, a quem el-rei de Suevia mandou com a nova alguns dos proprios Indios, se falla verdade Cornelio Nepote. O de que ninguem duvida é que como os Longobardos largárão o mais que tinhão conquistado, por se recolherem e conservarem na Lombardia, a quem derão o nome, e escolhêrão por melhor; assim achando-se na sua China os Chins com muito mór abundancia de tudo quanto tiravão das ilhas e terras estranhas, houverão por bom governo recolherse a grangear e lograr o seu em paz, e não consumirse, ou quando menos, andar em perpetua guerra pelo alheio. D'aqui lhes vem cerrarem-se com taes muralhas por terra, e taes armadas por mar, e só tratarem das armas porque outrem os não inquiete, e não para se inquietarem a si mesmos com os outros. Mas não é menos notavel o cuidado com que por todo o reino se velão dos proprios naturaes, que d'isso lhes serve mu principalmente aquella infinita soldadesca repartida pelos Iluis, e alojada nos presidios das villas e cidades, onde não ha menos guarda e vigia na maior paz, que quando os imigos as tiverão de cerco. Em se pondo o

sol fechão todas as portas e postigos, sellão-os com as armas reaes, e levão as chaves ao mandarim, que as tem a seu cargo; roldão de noite os muros as sentinellas, tocando a passos, e respondendo-se uns aos outros os sinos da vigia, como se usa nas nossas fortalezas em tempo de guerra. A mesma guarda se faz nos paços dos mandarins, nos carceres dos presos, e ás entradas das ruas de cada cidade, porque nenhuma ha que não tenha suas portas, e todas se fechão como anoitece, nem se podem abrir senão ás proprias horas da manhã, em que se abrem as dos muros da mesma cidade. E porque as pessoas do sangue real, quando se não contentão do lugar que lhes coube, são muitas vezes occasião de grandes perturbações na republica, como o foi na hebréa Absalão reinando David seu pai, e o pudera ser Adonias em tempo de Salomão seu irmão, acudírão os Chins a este perigo com sobejo resguardo. Succede entre elles ao rei na monarchia o filho primogenito; mas todos os mais em chegando a certa idade são distribuidos por diversas cidades das quinze provincias, onde lhes dão casa com a grandeza devida a seu nascimento e estado; faltando-lhes dos bens d'esta vida, para a magestade de principes, só a liberdade de sahir fóra dos termos que lhe el-rei assigna no lugar onde os aposenta, e a jurisdicção e autoridade de mandar. Porque ainda que os mandarins os sirvão, e adorem como a pessoas reaes, elles porém não entrão, nem entendem no governo da paz, ou da guerra, mais que qualquer do povo, nem têm vassallos, ou outra alguma renda, senão a que lhes é taxada da fazenda

real. A qual porção, se os taes infantes não deixão filhos, torna por sua morte á corôa. E quando os têm, só o mais velho a herda como morgado, emquanto dura a linha. Estes são na China os grandes, e na sua geração está toda a nobreza; que dado que os filhos segundos dos mesmos morgados fiquem homens particulares, sempre o povo os estima; nem os mandarins os podem castigar sem especial commissão do rei. Atalhados por este modo os alevantamentos que podião succeder por parte da nobreza, não tratárão menos de impossibilitar toda a sorte de rebellião nos mandarins, e quaesquer motins no povo; distribuindo de tal maneira a jurisdicção e poder aos ministros, que os que governão a fazenda nenhuma cousa podem nas pessoas, nem os que meneião a guerra são mais que executores do que lhes ordenão os da justiça; e estes, como só alcancem os officios por suas lettras, ordinariamente não têm parentes que lhes possão fazer costas; e quando os tiverão, andão sempre como desterrados, que só lhes dão cada tres annos cargo das provincias e lugares mais apartados de sua natureza. Quanto ao povo, todos andão por lei do reino desarmados, de sorte que as desavenças e brigas não podem chegar a mais que a punhadas; e quando muito, a se levarem dos cabellos, que trazem pouco varonilmente compridos, e entrançados; e tudo se acaba com o mandarim fazer açoutar igualmente os que brigárão; que em se levantando magoados, e feridos dos bambús, logo ficão tão amigos como d'antes. Nem a ociosidade, que era o que Faraó achacava ao povo de Israel para

os infamar de reveis e amotinados, póde ser aos Chins occasião de reinar malicia, ou intentar novidades. Porque não ha no mundo republica onde menos se softrão ociosos. Só não entendem, para os fazer trabalhar com os seus supersticiosos sacerdotes dos idolos, mas o mesmo ocio, em que os permittem viver, é uma das razões por que os desestimão, como logo diremos, e têm em menos conta que toda a outra gente; entre a qual se não acha vadio, nem pedinte na China, porque ainda que não tenhão pena de morte, como lh'a davão as leis que Draco estabeleceu aos Athenienses, o grande rigor e certeza dos açoutes basta para os trazer a todos bem occupados. Nem lhes val cegueira, aleijão ou pretexto de outro qualquer defeito. Fazem servir os cegos de moer trigo e arroz, repartindo-os pelas casas dos ricos, que a essa conta os mantêm; e lanção-os sempre de dous em dous, porque fique assim a cada um menos pesado o trabalho da atafona ou mó de braço com a companhia e conversação do outro. Ha d'esta pobre gente só na cidade de Cantão passante de quatro mil. Dos aleijados, se lhes não faltão mais que mãos ou braços, uns são correios de pé, outros andão pelas praças, e com seiras e vasilhas ao pescoço acarretão o que cada um compra, e manda á sua casa. Se têm mãos, exercitão-se em varias mecaniças. E quando finalmente consta, depois dos exames que se fazem por ordem da justiça, serem de todo tolhidos de pés e mãos, os parentes abastados, se os têm, até certo grão, são obrigados aos sustentar, e curar ás proprias custas; e se os não têm então os

recebem nos hospitaes d'el-rei, que para este effeito ha com grossas rendas por todas as cidades. Sobre tudo isto a lei particular, com que os Chins se acautelárão dos seus e dos estranhos na materia da conservação e paz do Estado, é a que defende sob pena de morte que nenhum natural possa sem licença d'el-rei sahir do reino, nem entrar estrangeiro algum senão com patente dos mandarins ; e que o Chim que sem ella os levar, ou metter em qualquer porto, incorra na mesma pena. E são tão difficultosas de haver estas patentes, que havendo quarenta annos que os Portuguezes residem n'uma das ilhas de seus limites, onde fundárão a cidade de Macáo, praça do commercio que têm com a mesma China, e escala do de Japão, nunca até agora os deixárão entrar em outro algum porto que no de Cantão. E nem para este é geral a licença, antes cada navio a ha mister particular e propria ; e a nenhum a concedem senão limitando-lhes o tempo, assim da entrada, como da residencia, a qual vem fazer todas as noites aos navios que estão de largo no rio, porque sómente emquanto é dia os permittem andar e negociar na terra.

DA POUCA NOTICIA QUE ENTRE OS CHINS HAVIA DA VERDADEIRA FÉ, E DE SUAS PROPRIAS SUPERSTIÇOES

(X, 24.)

Da prégação do Apostolo S. Thomé não achamos entre elles outra memoria, nem signal que algumas pinturas de homens com as mesmas insignias que nós damos aos sagrados Apostolos; e a imagem de vulto de uma mulher de grande estatura com um menino nos braços, que vista em Portugal de todos fôra havida e adorada por da Virgem Nossa Senhora; e assim parece que o foi antigamente na China; porque ainda hoje a tem em grande veneração com alampadas, que ardem sempre diante d'ella, posto que não sabem dar razão do que representa. Para que entendão os hereges em Europa como as santas imagens, por onde elles cá primeiro intentárão desautorisar e apagar a fé, são as que o demonio, depois de tudo afogado da zizania da idolatria, ainda não acabou de desacreditar e desterrar da Asia. Porque tambem sabemos que sendo uns nossos Portuguezes levados captivos e presos muitas leguas pela terra dentro encontrárão junto a uma aldeia com uma cruz de pedra grande, e bem lavrada, a qual elles derramando muitas lagrimas de alegria, e prostrados por terra adorárão com toda a devoção; o que visto pelos Chins moradores do lugar vierão

todos correndo a fazer o mesmo, pondo-se de joelhos com as mãos alevantadas beijando o pé da santa cruz, e cantando na lingua estas palavras : *Christo Jesus, Jesus-Christo, Maria sempre Virgem o concebeu, e Virgem o pario, e Virgem permaneceu* : ás quaes os Portuguezes respondêrão que aquella era a verdadeira fé; e entendendo os Chins serem christãos como elles, os levárão para a aldêa, e tratárão com muita caridade. Mas estas santas reliquias erão mais modernas, que as do tempo do Apostolo S. Thomé; porque, segundo elles mesmos contárão áquelles Portuguezes, e lh'o mostrárão n'um livro impresso, que tinhão de toda a historia, descendião dos que fizera alli christãos um varão santo, que dizião se chamava Mattheus Escandel, de nação Hungaro, e natural de Buda; o qual, depois de ser ermitão no monte Sinai, passára á India, e entrára pelo reino de Sião até aquellas partes da China; onde tendo resuscitados cinco mortos, e feito outros milagres, com que trouxe á fé de Jesus-Christo Nosso Senhor alguns dos Chins, foi, haverá como duzentos annos, martyrisado pelos bonzos. Entre os quaes os que hoje mais sabem, não digo de astrologia, medicina e philosophia moral e natural (que d'estas sciencias não deixão de ter noticia), mas das cousas d'alma, não passão dos sonhos de Pythagoras. Nem do Creador, e creação do mundo ha lá outras novas que fazerem commummente o elemento da agua primeiro principio de tudo; porque dizem que abalando-se ella com muita vehemencia alevantou, e lançou grandes escumas, das quaes sahírão os céos; e fez no fundo

um pé das partes mais grossas e pesadas, que derão a materia da terra. E se lhe perguntais d'onde veio ás aguas aquelle tamanho abalo e movimento, respondem que da virtude e força que têm para se abalarem e moverem. Nem soffrem que passeis d'aqui, recebendo com risos e zombarias toda a mais curiosidade. Senão que alguns têm em grande segredo uma fabulas compridas, e semelhantes ás que cantárão Orphêo e Hesiodo, em que se conta de um Deos, à que chamão Taym, o qual da confusão ou chaos eterno das cousas tirou cada uma, e deu a riqueza e formosura que vemos ao universo creando no principio um só homem e uma só mulher, cuja geração durou por noventa mil annos, até que o Taym anojado de suas culpas derrubou os céos sobre a terra, e os consumio a todos. E tornando a compôr o mundo, dizem que deu principio de novo á naturcza humana na gente e reino da China, por se fazerem pais de todas as outras nações. Mas sem embargo d'esta tão grande e tão antiga obrigação, em que pretendem estar ao seu Taym, elles o reconhecem tão mal por Deos, que muitos adorão o sol e as estrellas, alguns aos demonios, por lhes não impecerem, e os assombrarem, pintando-os tão feios e espantosos, como os christãos, que melhor os conhecem. Outros têm por Deoses homens e mulheres illustres, e em especial se forão inventores das artes e mais ajudas da vida politica e humana, e commummente correm por todo o reino os livros, enganos e idolatria dos Fotoqués, de Xáca, que, como já dissemos, dos Chins os houverão a elles os Japões. Mas como os mandarins

sejão homens de grande engenho, e dados de todo ao estudo das sciencias, leis e philosophia moral, vierão facilmente a achar menos a verdade em todas e cada uma d'estas seitas. E desmerecendo por outra parte com suas bestiaes torpezas a Deos Nosso Senhor a luz necessaria para ir avante em seu divino conhecimento, ficárão-se juntamente rindo de tudo quanto na China tem nome de Divindade, e sem algum cuidado de a buscar, nem suspeita ou imaginação de a poder haver no mundo, prezando-se e publicando-se n'elle por a maior e mais cevada parte do infame rebanho de Epicuro. D'aqui lhes vem não fazerem nenhum caso dos templos dos idolos, dos ministros e bonzos, que assim os entregão aos upos, e fazem provar os açoutes dos bambús, como a qualquer do povo; o qual como em tudo dependa dos mesmos mandarins, tambem os segue n'esta parte, não tratando das cousas da superstição, mais que por costume, e tão facilmente açoutão os idolos que têm em casa, quando lhes não sahe o que d'elles querião como os mandarins aos seus bonzos, tornando-se logo com um perfume a congraçar e amigar, e dando-lhe tão pouco ao demonio, e por ventura menos, de os ver açoutados, que adorados; porque se no incenso exercitão os Chins a idolatria, nos açoutes professão o atheismo; que tanto mais festeja o imigo, quanto menos tem de memoria de Deos. Assim possue ha tantos annos o principe das trevas aquelle mais rico e maior imperio do Oriente, onde parte com as leis que defendem a communicação e commercio, parte com a multidão dos

enormes peccados em que os cria, e traz toda a vida, juntamente com o profundo esquecimento do céo, e posse de todas as delicias e abundancia da terra, de tal maneira se fechou e fortificou, que a China parece (como diz o Senhor no Evangelho) a praça e castello do Forte armado, em que tudo, emquanto elle o guarda, dorme e repousa em paz. Mas tudo isto acabará levemente, acabando de chegar o resplandor e luz do Evangelho, que são as forças com que o mais Forte Christo Jesus desarmou, venceu e saqueou o imigo entre Assyrios, Gregos e Romanos, e o mesmo fará quando fôr servido entre os Chins. Antes é certo que quão difficultoso se representa introduzir a lei de Deos na China, entrando e prégando ao povo, como se fez no Japão, e nas mais partes da India, por causa da prohibição da entrada, e grande sujeição, que todos têm aos mandarins; tão facil será, e muito mais do que o foi em nenhum outro reino, trazêl-os todos de commum accordo á fé e obedencia de nosso Redemptor, se o rei a ouvir, e a receberem os mesmos mandarins, a quem o povo segue sem contradicção. E póde-se esperar que acharia n'elles pouca o Evangelho, por estarem bem na falsidade das suas seitas; nem os bonzos terem para as defender na China a autoridade e poder que têm no Japão; e por outra parte, nas leis de seu governo, e policia, que é o de que fazem todo o caso, não sabemos cousa que a lei de Deos não soffra e perfeiçôe. Com esta consideração e esperanças fez e padeceu o padre-mestre Francisco os extremos que vimos pela embaixada de Diogo Pereira, na qual havia

de ser a principal parte a do Evangelho, que só por este meio podia chegar á presença e ouvidos do rei; e dando-lh'os elle por graça e beneficio do céo, logo seria prégado e recebido de todas as quinze provincias do imperio. Mas vendo o fiel servo do Senhor impossibilitada a empreza qor aquella via, nem por isso deixou de a commetter pela ordinaria, entendendo bem que de qualquer maneira nenhuma podia haver de mais interesses das almas nem de mais gloria de Deos, e como se escreve de Trajano, que só para conquistar a Asia oriental, onde o melhor e de mais preço são as riquezas e grandeza da China, desejou lhe não sobejára a idade, e faltárão as forças, assim houve o padre-mestre Francisco por singular mercê de Deos acabarem-se-lhe as suas com a vida ás portas e entrada do mesmo reino, não sobre a conquista temporal das fazendas, mas espiritual das almas dos Chins.

DA MORTE DO PADRE-MESTRE FRANCISCO NA ILHA DE SANCHÃO

(X, 27.)

Nem sempre quando Deos muito estima nossos desejos e boas tenções é servido das obras, como o mostrou claramente mandando por Natão a David os agradecimentos da vontade que o rei tinha de lhe edificar o templo, e dilatando por outra parte a fabrica, para

quando reinasse Salomão seu filho. Assim não sendo ainda chegado o tempo do edificio espiritual da China, posto que a divina bondade fosse o principal autor do zelo e desejos tão acesos com que o padre-mestre Francisco a pretendia servir na mesma empreza, e como taes lh'os aceitasse, estimasse e agradecesse muito, reservando porém a obra, como esperamos da misericordia do Senhor, e já imos em parte experimentando, para os que depois viessem a esta sua minima Companhia, filhos em espirito de seu servo Francisco, determinou de o chamar, e levar a elle d'aqui de Sanchão ao bemaventurado premio de tão santos intentos, e tão bons serviços. Que o não tomou a morte de sobresalto, antes a vio vir de longe, e chegar ao porto. De modo que a podemos bem comparar, quanto a isto, com a de Moysés á entrada e vista da terra de promissão, que Deos ordenou conquistasse Josué, e não o mesmo propheta, ao qual o Senhor não sómente mandou morrer d'além do Jordão, mas avisou muito d'antes, que o não passaria; como o elle proprio disse aos filhos de Israel. Assim nos consta que despedindo-se o padre-mestre Francisco em Gôa dos amigos, quando no mez de Abril se embarcava para esta jornada da China, disse a um, que lhe perguntava onde se tornarião ambos a ver, que já não seria senão no valle de Josaphat; a outro encommendou trabalhasse por se verem no céo, porque na terra não se havião mais de ver; e houve um a quem pedio o encommendasse a Nosso Senhor, porque já n'esta vida se não virião, mas na gloria sim. Foi mui notada, depois que

se soube a differença d'estas respostas, sentindo-se ou alegrando-se cada um mais ou menos, segundo as esperanças que da propria salvação achava na sua. Mas nós sómente fazemos n'ellas caso da certeza que o padre levava de acabar cedo, e não que entendamos pretendesse deixar os amigos uns seguros, outros desconsolados. E o mesmo juizo se deve fazer d'aquellas palavras com que tão seguramente affirmou á sahida de Malaca que já se não viria com D. Alvaro, senão na outra vida diante do tribunal da divina justiça. Chegando-se-lhe já mais a hora, e estando aqui em Sanchão em santa conversação com alguns Portuguezes pôz os olhos em todos, e disse : « Contemonos bem, senhores e irmãos, porque dos que aqui estamos os mais acabarão dentro de um anno. » E foi assim que se contárão, e de sete que erão cinco morrêrão aquelle anno com o mesmo padre Francisco.

Finalmente ao piloto das botas se ouvio dizer muitas vezes que o padre-mestre Francisco assignára o dia e hora de sua morte, e nomeio a este homem pelo appellido das botas, de que elle se honrou sempre muito; porque lhe ficou de esconder e guardar por reliquia uma das do padre Francisco, ajudando-o aqui em Sanchão a enterrar. Vivia este piloto ainda no anno de mil e quinhentos e setenta e sete, rico e abastado, e com grande confiança de passar com a mesma bonança o que lhe ficava da vida, por lhe ter dito, como elle affirmava, o padre Francisco que nem morreria no mar, nem lhe faltaria nunca o necessario. Estando pois o fiel servo em vigia continua, e espe-

ranças da hora em que o Senhor lhe havia de vir bater á porta com a festa e prazer que trazem os que vêm de bodas; forão o primeiro recado, e mensageiro, que lhe elle mandou diante, umas extraordinarias saudades do céo, e tão acesos desejos de se ver com Deos que não sómente lhe causárão fastio geral de tudo o da terra, mas até aquelle grande zelo em que lhe sempre ardia o coração de manifestar em todo o mundo o santissimo nome de Jesus, assim parece, se apagou, ou escondeu com estas novas chammas, como na presença do sol os lumes mais pequenos. De modo que desejando antes a vida para trazer muitas almas á fé e obediencia da divina lei, já lhe não lembrava (e elle mesmo o escreveu assim de Sanchão) nem podia lembrar mais que a morte, que desatando-o, e livrando-o d'esta mortalidade, o levasse a reinar e estar com Christo. Juntamente com esta mercê lhe fez o Senhor outra das que elle emquanto viveu teve por maiores, e foi chegal-o ao extremo da pobreza, pondo-o como em cerco em toda a falta e desamparo das cousas humanas. Porque a ilha era deserta, e os mandarins, que áquelle tempo não permittião o nosso commercio, sentindo-nos n'ella defendêrão com graves penas que ninguem lhe levasse da terra mantimentos. Os navios dos Portuguezes, que tinhão alguns e acudião ao padre com suas caridades, erão todos partidos sem ficar no porto mais que um só com pouca gente muito necessitada, e a maior parte enferma, aos quaes o padre d'antes costumava servir, e buscar as esmolas, e agora era forçado a lh'as pedir para não acabar de

morrer. Não tinha comsigo pessoa nenhuma de nossa Companhia com quem se consolasse, o hospede fugíra-lhe no navio que ficou, os mais erão de D. Alvaro de Ataide. Emfim só com Antonio China, e outro moço Indio dos que sahírão com elle de Gôa se achou n'este passo. Quando a uma segunda-feira vinte de Novembro, vindo de dizer missa por um defunto, o tomou a febre, recolheu-se á náo, em que estavão outros pobres doentes, desejoso de os acompanhar, e passar entre elles a propria pobreza e enfermidade, já que os não podia curar e soccorrer nas suas. Mas indo o mal muito por diante, e sentindo-se o padre dos grandes balanços da náo, por lhe impedirem com a fraqueza da cabeça a attenção ás cousas divinas, pedio o levassem á terra. Onde o mettêrão os dous moços n'uma choupana, que um Portuguez lhe offereceu por compaixão de o ver tão mal tratado. Aqui o sangrárão duas vezes, entregando-se elle, como verdadeiro obediente, e desapegado de todo amor e juizo proprio, á disposição dos que o curavão, posto que soubesse bem o termo da doença e insufficiencia dos enfermeiros. Era a choupana coberta de ramos e torrões, aberta por diversas partes ao vento sem abrigo algum do frio; o tempo ia entrando aspero, a falta de tudo crescia por horas, não havendo outro modo de provimento que o que Antonio de santa fé pedia, e havia por amor de Deos, ainda que a fraqueza pela grande força da febre, e o fastio que lhe sobreveio, tinhão tão derrubada a natureza, que na mór abundancia de todos os mimos os não lográra melhor. A esta confor-

midade com a pobreza e desamparo do bom Jesus na morte, ajuntou o verdadeiro discipulo á imitação do soffrimento do mesmo Senhor. Porque nunca nos doze dias, que a enfermidade durou, lhe ouvírão palavra, nem enxergárão o menor sentimento, nunca pedio, ou mostrou inclinação a mais do que lhe fazião, estando sempre com a mesma paz, brandura e serenidade que todos lhe achavão na saude. Os primeiros oito dias até os vinte e oito de Novembro gastou em suaves colloquios com Deos Nosso Senhor, tendo os olhos no céo, como os costumava trazer, e o rosto cheio de alegria, e repetindo muitas vezes aquellas palavras : Jesu *Fili David miserere mei*. E á Virgem Nossa Senhora *Monstra, te esse matrem*, e outras, como settas acesas em amor de Deos, com que seu espirito estava tirando tão alto. Sahindo do seteno perdeu a falla, nem lhe tornou senão d'ahi a tres dias, no cabo dos quaes continuava com seus colloquios derramando algumas lagrimas de devoção, e de verdadeira alegria e alvoroço por se ver tão perto do fim, que desejava. Acompanhavão-o Antonio de santa fé, e outro mancebo Indio; n'este pôz o padre-mestre Francisco os olhos fitos no derradeiro dia, dizendo tres vezes com mostras de grande lastima : *Ai triste de ti, Ai triste de ti*, como se pretendêra pagar-lhe o serviço e companhia ajudando-o e acautelando-o n'aquella hora tão notavel, e com um tão notavel aviso, que sem duvida lhe pudera render sua salvação se o elle então tomára, ou o não desprezára depois. Porque d'ahi a seis mezes esquecendo-se da doutrina do padre-

mestre Francisco, se entregou aos vicios sensuaes, e pôz n'um estado escandaloso e publico, em que o matárão subitamente de uma arcabuzada, tanto em pena de seu peccado, como em prova que não deixou primeiro ao Santo o espirito de prophecia, que o da vida. No dia da sexta-feira disse aquellas palavras, e na antemanhã do sabbado seguinte dous de Dezembro, em que a Igreja faz commemoração da Virgem S. Bibiana, na éra de mil e quinhentos e cincoenta e dous, dez annos, sete mezes e quatro dias depois de entrar na India, e aos cincoenta e cinco annos de sua idade, com a imagem de Christo crucificado nas mãos e nos olhos, e com o mesmo Senhor no coração e na boca, chamando por Jesus, e Maria, até com as palavras meias mortas, e já mais suspirando que fallando, sahio do corpo aquella alma santa, tão facil e suavemente, quão livre e desapegada andou sempre d'elle; e deixando-o com uma tão extraordinaria formosura e alegria no rosto (que é o que de S. Francisco de Assis escreve S. Boaventura), como se já começára a lhe communicar parte da gloria a que esperamos a levou logo a ella a divina misericordia. Foi a padre Francisco de Xavier na conversação descarregado, brando para com todos, e só aspero e rigoroso para comsigo : de altos espiritos, e generoso coração, a quem sem duvida forão estreitos os termos de todo Oriente, apressado nas execuções, e de tanto valor no commetter das emprezas que então o julgavão (e muito mais o houverão hoje) por temerario os que não sabião da divina confiança com que entrava em tudo, e

da luz e prudencia do céo por que se governava. Grande soffredor do trabalho, e tão senhor das proprias paixões, que não o sobresalteando ellas nunca, assim as tomava ou punha, segundo o pedião os negocios, como se as tivera de todo trespassado da sujeição da natureza á liberdade da razão.

COMO O CORPO DO PADRE-MESTRE FRANCISCO FOI SEPULTADO EM SANCHÃO, E RECEBIDO EM MALACA E EM GOA

(X, 28.)

Sabendo os Portuguezes que estavão em Sanchão da morte do padre-mestre Francisco corrêrão da náo e da terra á choupana com o sentimento e lagrimas devidas áquelle que tinhão por mestre, e verdadeiro pai de todos. Mas quando vírão a nova formosura do rosto, a graça e viveza das feições, a composição mais de quem repousava, que de quem expirára, não achando nada menos da tão conhecida affabilidade e autoridade religiosa, cheios de espanto e devoção igualmente o reverenciavão como a vivo, e choravão como a defunto. E tendo-se, como o erão, por obrigados a de tal maneira tratar de sua sepultura, que em todo o tempo o pudessem levar d'aquella ilha deserta e barbara á India, onde recebesse as honras,

e lhe dessem as derradeiras mostras de amor que tão bem merecia a todo o Oriente; accordárão de o metter revestido nos ornamentos sacerdotaes em uma arca cheia de cal virgem, que consumindo depressa a carne, lhes fizesse mais facil a trasladação dos ossos; e assim o enterrárão com a mesma arca ao domingo depois do sabbado em que falleceu. Passados dous mezes e meio, que foi dos dezesete de Fevereiro de mil e quinhentos e cincoenta e tres, querendo-se a nào partir para Malaca mandou o capitão, lembrando-lh'o Antonio de santa fé, ver se estava o corpo em estado para o levarem comsigo. Abrem a cova, e a arca, afastão a cal, achão o precioso thesouro sem nenhuma mudança; a mesma côr e boa sombra do rosto, as mesmas mostras mais de vida que de morte. Ficão primeiro attonitos, e tornando-o a ver com diligencia, buscão-o, e apalpão-o todo; e não sómente está inteiro, mas solido, e cheio de sumo e de sangue, e com as entranhas sãs, lançando e expirando de si um cheiro suavissimo em prova que quanto a alma lhe levára da vida, tanto lhe deixára da santidade. Derão os Portuguezes credito a este tãoclaro testemunho que o céo lhes dava da gloria do Santo, e já com outro respeito, outras lagrimas, outra procissão tomão a arca aos hombros, passão o corpo á náo sem o tirarem porém da cal. Fazem-se á vela, chegão em vinte e dous de Março a Malaca. Não estava alli então nenhum religioso de nossa Companhia; porque o padre Francisco, usando do conselho do Senhor, e por metter aos perseguidores da prégação do Evangelho na China,

o terror e sentimento de suas culpas, que era bem que tivessem, como sacudio, e lhes deixou o pó do proprio calçado na praia quando partia para Sanchão; assim mandou aos nossos que deixassem por então aquella terra, e se passassem para a India.

Desembarcado pois o corpo correu todo o clero e povo de Malaca ao acompanhar até a casa de nossa Senhora do Outeiro (que todavia estava pela Companhia) tomando Diogo Pereira sobre si, por ainda se achar presente, o apparato da solemne procissão, que fez se celebrasse conforme á antiga e grande devoção que sempre ao padre tivera, e sua costumada liberalidade. Não era possivel ter mão na gente que se chegava a beijar a caixa, tocar as contas, e honrar como a taes as santas reliquias. E parece que approvou Deos Nosso Senhor aquella fé, porque a um homem muito enfermo dos peitos, que n'ella mais se assignalou, deu perfeita saude no mesmo ponto que tocou o corpo. Tornárão tambem aqui os sacerdotes e devotos a abrir a caixa, ver, e considerar a maravilha da incorrupção com novo espanto de todos, graças e louvores do infinito poder de Deos; mas para que se visse como áquellas carnes virginaes não fazia mais nojo a humidade da terra que a seccura da cal, deixando a arca de fóra, o enterrárão na igreja sem mais differença dos outros sacerdotes, que pôrem-lhe na cova uma almofada de seda á cabeceira.

No Agosto seguinte, cinco mezes depois d'este segundo enterramento, chegou a Malaca o padre João da Beira, que tornava de Gôa para Maluco com outros

dous companheiros, os quaes não lhe soffrendo menos as tão particulares obrigações e devoção que tinhão ao padre, e a natural curiosidade de ver com os olhos o que achavão na boca de todos, abrírão secretamente a cova uma noite (cousa verdadeiramente milagrosa), estavão a toalha com que lhe cobrírão o rosto, e a almofada sobre que tinha a cabeça, ambas passadas de sangue vermelho, que lhe sahio com o peso da terra, quando enterrando-o lh'a calcárão, como é costume. O cheiro era do paraiso, a vista alegrava, e arrebatava os irmãos, que se não fartavão de beijar e regar com lagrimas de devoção os sagrados pés; na inteireza das mais partes tudo estava como quando expirou, ou como antes que expirasse em Sanchão. Grande argumento por certo da pureza virginal, que o Varão de Deos conservou inteira todo o tempo da vida, que assim nos consta por tudo o que o póde certificar; e assim costuma o Esposo das Virgens honrar e assignalar algumas vezes aos que mais estimárão e melhor servírão esta virtude; não consentindo que apodreção depois de mortos como a outra carne os que na sua vivêrão como anjos. N'isto se avantajou a incorrupção da do padre Francisco, que em parte communicou o mesmo privilegio aos vestidos e ornamentos com que o sepultárão; porque da cal e da cova não sahírão menos frescos e sãos que quando os cortárão da peça. A sobrepeliz tomou depois sendo provincial, e levou comsigo a Japão o padre Belchior Nunes, esperando que como Elisêo abrio com a capa que lhe ficou de Elias o Jordão,

assim passaria com ella seguro os mares da China, e todas as mais difficuldades e trabalhos da jornada. Não pareceu ao padre João da Beira tornar a entregar aos bichos e á terra as reliquias, que já por tantas vezes tinha entre elles conservado puras e inteiras o Senhor, que no meio dos leões defendeu a Daniel, e nas chammas do forno a seus tres companheiros. E achando os amigos do mesmo voto, foi o corpo depositado n'um ataúde forrado de damasco, que Diogo Pereira fez fazer, e cobrir com um panno de brocado, para o levarem á India em vindo a monção. Mas porque a de Maluco entrava primeiro deixou alli o padre João da Beira ao irmão Manoel de Tavora um dos que levava comsigo, que acompanhasse o corpo até o collegio. E chegando no mesmo tempo de Japão a Malaca por ordem do padre Cosme de Torres o irmão Pero de Alcaçova, ambos se embarcárão com elle na náo de Lopo de Noronha. Passado Cochim, onde tambem o Santo foi visitado e venerado com grande concurso e devoção d'aquella cidade chegárão a Baticala. D'aqui por os ventos serem ponteiros, e a náo surgir pouco avante, partio no batel o mesmo Lopo de Noronha a dar a nova em Gôa, e pedir as alviçaras ao vice-rei D. Affonso, e aos nossos do collegio de S. Paulo. Era grande o vagar da náo, e maior a pressa que a todos dava a antiga devoção e amor do padre-mestre Francisco. Para lhe satisfazer, manda o vice-rei dar um catur ligeiro ao padre-mestre Belchior, que já então era reitor do collegio, e vice-provincial da India, por morte do padre-mestre Gaspar. Embarca-se com al-

guns dos nossos, e dos moços do seminario, vão tomar a náo pouco áquem de Baticala; entrão com o alvoroço e respeito devido no camarote, abrem a arca do sagrado deposito. Era já isto em Março de cincoenta e quatro, dezeseis mezes do felice transito, e estava tão fiel e inteiramente conservado, como quem tinha por depositario o divino poder. Reconhecem os filhos no rosto morto a autoridade, a graça, o gasalhado, o amor e alegria de seu pai vivo; e sómente chorão com devotas lagrimas a falta das palavras com que lh'as enxugava e seccava todas. Traspassão-o ao catur embandeirando-se a propria náo, e outras seis, que vinhão de conserva, e lhe fizerão ao desamarrar uma espantosa salva de artilharia. Desembarcão o dia seguinte na ermida de Nossa Senhora de Rebandar, já dentro do rio, e meia legua de Gôa. Aqui repousárão a noite antes da sexta-feira de Lazaro, por dar tempo á cidade, que se fazia prestes para aquellas derradeiras mostras de quanto devia e queria ao padre Francisco. E forão sem duvida muito maiores as festas do recebimento, se a prudencia e modestia do padre-mestre Belchior não athalhára a grande devoção do vice-rei D. Affonso de Noronha. Comtudo ainda não era bem manhã quando já estavão em Rebandar seis embarcações de Portuguezes com tochas brancas nas mãos, e seus moços com cirios; após as quaes vierão outras doze ou treze com até trezentas pessoas, todas com os mesmos lumes, que fazião na agua uma formosa vista do fogo. Com este acompanhamento chegou o catur ao cáes, onde o já esperava o vice-rei com sua côrte, e toda a fidalguia, o

cabido da Sé, a irmandade da misericordia, o clero das freguezias, a cidade, e povo, que sem freio se mettia pelo mar, para tocar sómente o catur, em que vinha o ataúde no toldo da poppa coberto com um panno rico, e rodeado de velas acesas. Nem a procissão se pudera ordenar se a guarda do vice-rei não fizera campo. Abalárão emfim da ribeira indo noventa meninos diante vestidos de branco com capellas na cabeça e ramos verdes nas mãos. Seguião-se os irmãos da misericordia com a bandeira, e detrás d'ella como a destro uma tumba de brocado; e depois da clerezia, vinha na sua caixa o corpo aos hombros dos nossos sacerdotes do collegio de S. Paulo acompanhado do vice-rei e nobreza; e incensado com dous thuribulos cada um de sua parte. As ruas de mais de todas estarem armadas do melhor da India, ardião, e rescendião com lumes e perfumes; as janellas e eirados cheios da gente, que não cabia nas praças; de modo que não custou pouco poderem romper e chegar á nossa igreja de S. Paulo a horas que se dissesse missa. Estava o templo, posto que o dia fosse de paixão, ricamente ornado, recolheu-se a caixa na capella-mór, mas o peso da gente quebrou e levou as grades comsigo. Nem bastou despedir-se o vice-rei antes de ver o corpo, pedindo-lh'o assim o padre-mestre Belchior, para que o povo despejasse; senão que foi impossivel lançal-os da igreja até lh'o não mostrarem por tres vezes na propria manhã. E da mesma maneira esteve os tres dias seguintes revestido nos ornamentos sacerdotaes com as mãos e rosto descoberto até o metterem

ao quarto dia n'um sepulcro de abobada, que se abrio junto ao altar-mór á parte do Evangelho; sendo emquanto o não recolhêrão, sempre igual o concurso e devoção da gente, homens e mulheres, seculares e religiosos, christãos e infieis, sem se fartarem de o ver e louvar, e confessar no que vião a infinita bondade do Senhor, que assim se mostra milagroso em seus Santos.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

NAS MESMAS LIVRARIAS

A BIBLIA SAGRADA, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, por Antonio Pereira de Figueiredo, official que foi das cartas latinas de secretaria d'estado, e deputado da real mesa da commissão geral sobre o exame e censura dos livros, seguida de notas pelo Revº. conego Delaunay, cura de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris, de um diccionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos, e de um diccionario geographico e historico, e approvada por mandamento de Sª Excª Revmª o arcebispo da Bahia. — Edição illustrada com gravuras sobre aço, abertas por Ed. Wilmann, segundo Raphael, Leonardo de Vinci, o Ticiano, Poussin, Horacio Vernet, Murillo, Vanloo, etc. — 2 bellos volumes ricamente encadernados em Paris.

ASSUMPÇÃO (a), poema composto em honra da Santa Virgem por frei Francisco de São Carlos. Nova edição, correcta, e precedida da biographia do autor e de um juizo critico ácerca do poema, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. em-12.

FERNÃO MENDES PINTO. Exerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos, e estudos de lingua, por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. 2 vol. em-12.

A mesma obra. 2 vol. em-8º.

GARCIA DE REZENDE. Excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos, e estudos de lingua, por Antonio Feliciano de Castilho. 1 vol-em-8.

A mesma obra. 1 vol. em-12.

HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRASILEIRO, 1808 a 1825, por J. M. Pereira da Silva. 7 vol. em-8.

HISTORIA DO BRASIL, até 1800, por R. Southey, traduzida do inglez pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 vol. em-8º.

JERONYMO CORTE REAL, chronica portugueza do seculo XVI, por J. M. Pereira da Silva. 1 vol. em-12.

JORNAL DAS FAMILIAS. Publicação mensal, illustrada, litteraria, artistica, recreativa, etc. Ornado de figurinos, vinhetas, gravuras sobre aço, aquarellas, sepias, peças de musica; desenhos de trabalhos sobre talagarsa, de crochet, de ponto de meia, lã e bordados, moldes de vestidos, capas, e em geral de tudo o que é concernente a trabalhos de senhoras. Assignatura por anno 10$000.

LIÇÕES MORAES E RELIGIOSAS, para uso das escolas de instrucção primaria, com approvação do Exmº BISPO CAPELLAO-MÓR conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrucção da provincia do Rio de Janeiro, por JOSÉ RUFINO RODRIGUES VASCONCELLOS, chefe de secção da 4ª directoria geral da secretaria de estado dos

negocios da guerra, cavalleiro da ordem de Christo, membro fundador e ex 1º secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro. 1 vol. em-8º.

MANOEL BERNARDES (padre). Excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos, e estudos de lingua, por Antonio Feliciano de Castilho. 2 vol. em-12.

A mesma obra. 2 vol. em-8º.

MANOEL MARIA BARBBOSA DU BOCAGE. Exerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos, e estudos de lingua, por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. 3 vol. em-8º.

A mesma obra. 3 vol. em-12.

MANOEL DE MORAES, chronica portugueza do seculo XVII, po J. M. Pereira da Silva. 1 vol. em-12.

OBRAS COMPLETAS de D. J. G. de Magalhães. 7 lindos vol. em-8º, com um retrato do autor.

Vol. I : Poesias avulsas.
» II : Suspiros poeticos e Saudades. 3ª edição.
» III : Tragedias (*Antonio José, Olgiata* e *Othelo*).
» IV : Urania. 2ª edição.
» V : A Confederação dos Tamoyos, poema. 2ª edição revista, correcta e accrescentada pelo autor.
» VI : Canticos funebres.
» VII : Factos do espirito humano, philosophia. 2ª edição.

OBRAS COMPLETAS do Dr. Antonio Ferreira. 4ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 vol. em-8º.

OBRAS de Manoel Antonio Alvares de Azevedo, precedidas de um discurso biographico e acompanhadas de notas pelo Sr. Dr. Jacy Monteiro. 3ª edição, accrescentada com as obras ineditas, e um appendice contendo discursos, poesias e artigos feitos á occasião da morte do autor. 3 vol. em-12.

T. I : poesias ; — t. II : prosa ; — t. III : obras ineditas.

A mesma obra. 3 vol. em-8º.

OBRAS poeticas de Silva Alvarenga, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos, por J. Norberto de Souza S. 2 vol. em-8º.

OBRAS POLITICAS E LITTERARIAS : Impressões de viagens ; romances ; poesias ; discursos parlamentares ; estudos litterarios. 2 vol. em-8º.

VARÕES illustres do Brasil durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva. 2 vol. em-8º.

Paris. — Typ. PILLET fils ainé, 5, rue des Grands-Augustins.